

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO – UNEMAT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TANGARÁ DA SERRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS
LITERÁRIOS MESTRADO/DOCTORADO**

ANGELA MARIA DA SILVA ELIAS

**LITERATURA NO CHÃO DA ESCOLA: A RECEPÇÃO DA OBRA *BISA BIA
BISA BEL*, DE ANA MARIA MACHADO POR ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

**TANGARÁ DA SERRA
2018**

ANGELA MARIA DA SILVA ELIAS

LITERATURA NO CHÃO DA ESCOLA: A RECEPÇÃO DA OBRA *BISA BIA BISA BEL*, DE ANA MARIA MACHADO POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação de Mestrado em desenvolvimento apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Estudos Literários – PPGEL – da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Estudos Literários, na área de Letras. Linha de Pesquisa: Literatura, história e memória cultural.

Orientador: Dr. Aroldo José Abreu Pinto

TANGARÁ DA SERRA

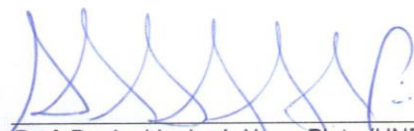
2018

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

- E42l ELIAS, Angela Maria da Silva .
Literatura no Chão da Escola A Recepção da Obra Bisa Bia Bisa Bel, de Ana Maria Machado Por Alunos do Ensino Fundamental / Angela Maria da Silva Elias - Tangará da Serra, 2019.
110 f.; 30 cm.(ilustrações) Il. color. (sim)
- Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Estudos Literários, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Linguagem, Câmpus de Tangara da Serra, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2019.
Orientador: Aroldo José Abreu Pinto
1. Literatura Juvenil. 2. Estética da Recepção. 3. Método Recepcional. 4. Humanização. 5. Ana Maria Machado. I. Angela Maria da Silva Elias. II. Literatura no Chão da Escola : A Recepção da Obra Bisa Bia Bisa Bel, de Ana Maria Machado Por Alunos do Ensino Fundamental.
- CDU 82-93

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, REALIZADA NO DIA 12 DE ABRIL DE 2019

Ao décimo segundo dia do mês de abril do ano de dois mil e dezenove, nas dependências da Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus de Tangará da Serra/MT, foi instalada a sessão pública para julgamento da dissertação elaborada pela mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Angela Maria da Silva Elias, intitulada: *LITERATURA NO CHÃO DA ESCOLA: A RECEPÇÃO DA OBRA BISA BIA BISA BEL, DE ANA MARIA MACHADO POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL*. Após a abertura da sessão, o orientador e presidente da banca julgadora, Prof. Dr. Aroldo José Abreu Pinto (UNEMAT), deu seguimento aos trabalhos, apresentando os demais examinadores: Prof. Dr. Alexandre Mariotto Botton (UNEMAT) e Profª. Drª. Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira (UNESP-Assis). Foi dada a palavra a autora que expôs seu trabalho e, em seguida, ouviu-se a leitura dos respectivos pareceres dos integrantes da banca. Terminada a leitura, procedeu-se à arguição e respostas da discente. Ao final, a banca, reunida em separado, resolveu Aprovar a mestranda. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata que será assinada por quem de direito.



Prof. Dr. Aroldo José Abreu Pinto (UNEMAT-Presidente)



Prof. Dr. Alexandre Mariotto Botton (UNEMAT)



Profª. Drª. Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira (UNESP-Assis)

Para...
Rogério e Gabi

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por permitir que realizasse a pesquisa, mas principalmente por me carregar no colo nos dias difíceis pelos quais atravessei.

Aos alunos JB que motivaram a consecução de todo projeto de pesquisa, estes foram minha grande inspiração, principalmente porque viram nesse trabalho o desejo de aperfeiçoar o conhecimento.

Aos meus pais por acreditarem que em mim carrego o melhor deles, eis aqui a persistência, a disciplina e a fé de podermos realizar nossos sonhos.

Ao meu esposo, pela compreensão nos momentos de ausência, principalmente pelos quitutes preparados com tanto carinho dando sabor nas intempéries dos dissabores.

À minha filha Gabriela, por ser minha fiel escudeira, por ouvir meu choro e dizer, “você é a melhor mãe do mundo, tenho orgulho de ti”.

Aos meus dois irmãos Itanel e Natanael, por me fazerem sentir a melhor parte do trio fraternal, o recheio do sanduíche, além de amada e protegida.

A todos os familiares, tios (as), primos(as), sobrinhos(as), cunhados(as), sogra, pelo apoio e carinho, pois a torcida era grande para esse momento.

Ao nobre orientador Aroldo Abreu, pela amizade, pela postura sincera e constante durante as orientações e pela compreensão.

Aos amigos queridos, os que estão pertos e outros a distância de um oceano, mas que igualmente torceram e torcem pelo meu sucesso.

Aos professores da Pós-Graduação, Agnaldo, Betinha, Tieko e Walnice que compartilharam conhecimento e deixaram marcas positivas que o tempo não poderá apagar.

À direção, coordenação e a todos da Escola Estadual “Professor João Batista”, principalmente a equipe do projeto “Chá Literário” pela dedicação e amor com que lidaram na execução dos trabalhos.

E, finalmente, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, deram alguma contribuição para a realização desta dissertação.

Só a possibilidade de leitura de literatura, distribuída pelo maior número possível de cidadãos, poderá reforçar a coletividade diante da manipulação do mercado, dos interesses políticos, dos fundamentalismos religiosos, das ambições pessoais de ditadores. Sociedades que já são letradas há muito tempo têm anticorpos intelectuais mais desenvolvidos para enfrentar esses novos males. Sociedades menos acostumadas à leitura ficam muito mais vulneráveis e expostas. Aproximar as crianças de bons textos é também uma forma de fortalecer defesas e cuidar do futuro. (MACHADO, 2011, p. 44-45)

RESUMO

A pesquisa que dá corpo a esta dissertação de Mestrado foi desenvolvida no ano de 2017, no município de Tangará da Serra - MT, com 35 alunos das turmas dos 9º anos, com idade entre 14 e 15 anos, do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual. O trabalho objetivou ponderar sobre uma obra da literatura juvenil e o horizonte de expectativas desse grupo de alunos. Para atingir tal meta, oferecemos uma obra reputada por críticos brasileiros como literatura esteticamente elaborada e distribuída pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, intitulada *Bisa Bia Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, visando perceber se o texto ficcional quebraria ou ampliaria o horizonte de expectativas desses estudantes, como também perceber se estes perceberiam a estrutura ausente e os vazios do texto e, por fim, se esses educandos se sentiriam mais motivados para estar inseridos no meio literário. Para isso, nos utilizamos do Método Recepcional, que está embasado na Estética da Recepção, e, como suporte teórico, nos fundamentamos em autores como: Jauss (2003); Iser (1996); Lima (2001); Eco (1932); Candido (2011); Bordini (1998), entre outros. Utilizamos ainda de questionários, leitura e debates sobre a obra supracitada. A partir da análise dos materiais colhidos junto aos sujeitos da pesquisa e do estudo da teoria, pudemos perceber que os alunos, em sua maioria, sentiram-se motivados pela leitura. Na observação referente ao seu real horizonte de expectativas, constatamos que este oscila de acordo com as diferenças de experiências vividas, pois alguns esbarraram em questões primárias, ou seja, demonstraram não apreciar esse tipo de leitura porque, por exemplo, não conseguiram nem identificar o gênero lido. Assim, os vazios do texto nem sempre foram preenchidos. Outros conseguiram ampliar seu horizonte de expectativas. Com isso, tornaram-se coautores do texto, dialogando com a ficção, cada um a seu modo, mas respondendo ao que Antonio Candido defende que a literatura humaniza em seu sentido mais profundo e a escola tem buscado cumprir, mesmo que com restrições, sua função estético-humanizadora.

Palavras-chave: Literatura juvenil; Estética da Recepção; Método Recepcional; humanização; Ana Maria Machado.

ABSTRACT

The research that gives shape to this study was developed in the year of 2017, in Tangará da Serra - MT, with 35 students registered on 9th grade, aged 14 to 15 years old, from the Elementary School of a public school state. The objective of this study was to analyze a juvenile literature book and the expectations horizon of this group of students. To achieve this goal, we offer a reputed book by Brazilian critics as an aesthetically elaborated literature and distributed by the National Fund for Education Development, entitled *Bisa Bia Bisa Bel*, by Ana Maria Machado, aiming to notice if the fictional text would break or would widen the expectations horizon of these students, as well notice if they would notice the absent structure and the emptiness of the text and, finally, if these students would feel more motivated to be inserted in the literary environment. For this, we use the Receptive Method, which is based on Reception Aesthetics, and, as theoretical support, we are based on authors such as: Jauss (2003); Iser (1996); Lima (2001); Echo (1932); Candido (2011); Bordini (1998), among others. We also use questionnaires, reading and debates about the book analyzed. From the analysis of the collected materials among the subjects of the research and the study theory study, we could notice that the students, for the most part, felt motivated by the reading. Observing the students real expectations horizon, we found out that it oscillates according to the differences of experiences lived, because some of them came up against primary questions, that is, they did not appreciate this type of reading because, for example, they could not even identify the genre read. Thus, the emptiness of the text were not always filled. Other students have been able to broaden their expectations horizon. With this, they became co-authors of the text, dialoguing with fiction, each of them in its own way, but responding to what Antonio Candido defends that literature humanizes in its deepest sense and the school has sought to fulfill, even if with restrictions, its aesthetic-humanizing function.

Keywords: Juvenile literature; Reception aesthetics; Receptive Method; Humanization; Ana Maria Machado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I LITERATURA NO CHÃO DA ESCOLA ESTADUAL “PROFESSOR JOÃO BATISTA”: UM MARCO DE EXPERIÊNCIAS.....	16
1.1 Que Escola é essa?	16
1.2 Projeto Literatura na Escola: o encontro entre Universidade e a Escola Pública.....	24
1.3 Leitor e autor no mesmo espaço.....	26
1.4 Na travessia da escola a literatura.....	28
CAPÍTULO II LITERATURA E ESTÉTICA: REFERENCIAIS TEÓRICOS.....	34
2.1 A Estética da Recepção: um novo olhar a partir do leitor.....	34
CAPÍTULO III TRANÇA LITERÁRIA: LEITOR, AUTOR E OBRA NUM AMBIENTE ORNAMENTADO.....	45
3.1 Porque Ana Maria Machado?.....	45
3.2 Um elemento importante do “Projeto Literatura em Minha Casa”.....	47
3.3 <i>Bisa Bia, Bisa Bel</i> , uma obra esteticamente elaborada.....	48
CAPÍTULO IV SABERES COMPARTILHADOS: CONFIGURAÇÕES DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NA OBRA <i>BISA BIA, BISA BEL</i>	58
4.1 Quem são os receptores da obra?.....	58
4.1.1 Determinação do horizonte de expectativas.....	61
4.1.2 Atendimento do horizonte de expectativas.....	62
4.1.3 Ruptura do horizonte de expectativas.....	66
4.1.4 Questionamento do horizonte de expectativas.....	68
4.1.5 Ampliação do horizonte de expectativas.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
BIBLIOGRAFIA.....	80

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	83
ANEXO I Questionário sociocultural.....	85
ANEXO II Questionário socioeconômico.....	87
ANEXO III Questionário referente a obra <i>Bisa Bia Bisa Bel</i> de Ana Maria Machado.....	90

INTRODUÇÃO

Chegamos ao ponto em que temos de educar as pessoas naquilo que ninguém sabia ontem, e prepará-las para aquilo que ninguém sabe ainda, mas que alguns terão que saber amanhã. (MEAD, 1968, p.13).

No caminho da literatura infantil juvenil, encontraram-se elementos, como alunos e escola, leitor e obra, pais e direção, que têm uma tarefa fundamental a cumprir na sociedade em transformação que é, “[...] *a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola*”. (COELHO, 2000, p. 15). No que diz respeito às atividades com a literatura no espaço da escola, podemos diversificar em pelo menos dois ambientes: o de estudos programados (sala de aula, bibliotecas para pesquisa etc.) e o de atividades livres (sala de leitura, recanto de invenções, oficina da palavra, laboratório de criatividade, espaço de experimentação etc.). Desenvolveram-se atividades semelhantes a essas para vivenciar a literatura no chão da escola.

O objeto de pesquisa em tela apoia-se no projeto leitura e literatura, intitulado “Chá Literário” que surgiu de uma experiência junto a uma instituição pública, denominada Escola Estadual “Professor João Batista”, onde se desenvolveram atividades voltadas à leitura e à literatura. Para desenvolver essa parte da pesquisa escolheu-se um público juvenil.

A escolha do público se deu a partir de algumas observações analisadas pela professora de Língua Portuguesa no momento de fazer o planejamento anual. Verificou-se que nas turmas dos primeiros anos do Ensino Médio havia um grande índice de reprovações e os professores dessa faixa etária, que trabalhavam com estudantes entre 15 e 16 anos, alegavam que estes não chegavam bem preparados no Ensino Médio. Outro quesito observado foram os relatórios anuais dos alunos dos 8º anos que apresentavam dificuldades na leitura e escrita e sentiam-se desmotivados diante desse desafio. Após essas buscas, considerou-se importante desenvolver um trabalho com as turmas dos 9º anos na tentativa de preencher essa lacuna existente na passagem do Ensino Fundamental para o Ensino Médio.

Nas observações de caráter avaliativo da escola, tem-se os indicadores de avaliações externos e internos. Apresentaram-se os dados pesquisados, mas de antemão

pode-se dizer que, para elevar o índice de proficiência dos alunos, seria necessária uma mudança nas práticas pedagógicas. Nesse sentido, buscaram-se reflexões para corroborar com o ambiente de trabalho, apresentando a literatura como uma ferramenta no auxílio das atividades desenvolvidas em sala de aula. Nelly Novaes Coelho, em sua obra *Literatura Infantil: teoria, análise, didática* (2000), salienta que a “Literatura é arte e, como tal, as relações de aprendizagem e vivência, que se estabelecem entre ela e o indivíduo, são fundamentais para que este alcance sua formação integral” (COELHO, 2000, p. 10).

Diante dos desafios observados, como a ausência de leituras, produções de textos incoerentes, baixo nível de concentração, desmotivação nas responsabilidades escolares, é que se pensou num trabalho diferencial, voltado para a literatura juvenil. Ao diagnosticar os problemas, pensou-se na criação de um projeto, denominado inicialmente como “Conto e Encontro”, que viabilizou a aproximação com a literatura.

Ao se deparar com os desafios que o processo educacional carece, no intuito de conhecer as proezas da literatura e despertar o desejo de leitura e escrita desses alunos, compreendeu-se que “*a literatura, assim como a vida, ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como manuais de virtude e boa conduta*” (CANDIDO, 1972, p.84). Notadamente, verificamos o quanto a literatura tem o poder de humanizar o ser, viver sensações, fazer refletir e assim provocar mudanças no indivíduo diante da sua própria realidade. Antonio Candido acrescenta que todo ser tem necessidade de fantasia e confirma isso quando diz: “A fantasia quase nunca é pura”. (CANDIDO, 1972, p. 83). Nesse sentido, a literatura atua em sala de aula como um suporte para saborear a leitura, pois é notório que ninguém nasce sabendo ler; aprende-se a ler na medida em que vão se apresentando as leituras. De certa forma, elas precisam ser inseridas neste universo como algo prazeroso, portanto, apresentamos a seguir as atividades desenvolvidas na Escola Estadual “Professor João Batista” e que, de alguma maneira, marcaram o cotidiano escolar dos alunos e que acabaram influenciando na escolha e delimitação do nosso corpus.

Delimitamos a pesquisa pelo viés da Estética da Recepção corroborada por Jauss (1994), Iser (1996), entre outros. Escolhemos a obra *Bisa Bia, Bisa Bel* (2002), de Ana Maria Machado, como corpus do trabalho, uma vez que esta agradou na escolha dos alunos e faz parte da biblioteca da escola com vários exemplares. Ela é classificada como pertencente ao subsistema literatura infantojuvenil e fez parte de um projeto denominado

“Literatura em Minha Casa”, além disso, foi distribuída gratuitamente às bibliotecas das escolas públicas pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE.

Em março de 2017, a professora da disciplina de Língua Portuguesa propôs um trabalho de incentivo à leitura entre os alunos dos 9º anos na instituição pública, Escola Estadual Professor “João Batista”. Os trabalhos em sala de aula se iniciaram com a leitura dos textos de autores regionais, o que resultou num encontro dos alunos/leitores com esses escritores. Concomitante a isso, houve também outros trabalhos que envolveram os alunos em relação à apresentação de seminários, debate em grupos, produções textuais, além de contação de histórias. Ressaltamos aqui também, os contos e pesquisas sobre a vida e obra dos autores, que redundaram numa atividade que denominamos “Feira do Conhecimento”.

Na “Feira do Conhecimento” foi possível apresentar uma mostra dos trabalhos literários e ampliar a proposta, convidando autores regionais para um evento intitulado “Chá Literário: Conto e Encontro”. Nesse evento, marcaram presença autores da literatura mato-grossense, tais como; Agnaldo Rodrigues da Silva, Eduardo Mahon e Marta Cocco. Na oportunidade, os leitores, alunos dos 9º anos e os autores mato-grossenses, realizaram um encontro em que se discutiram questões ligadas à leitura e à literatura. No mesmo encontro, leitores e autores tiveram a oportunidade de trocar experiências sobre leitura da literatura e levantaram uma série de questionamentos que resultaram num conhecimento crítico, tanto dos alunos, quanto dos escritores que estiveram presentes no evento.

Essa ação educativa resultou no reconhecimento do avanço intelectual dos alunos, o que pode ser percebido graças aos resultados positivos relatados, tanto pelos alunos, quanto pelos autores que participaram do referido evento. Além da participação de alunos e escritores, também foi possível observar uma boa participação dos pais nesse processo de constituição da leitura. Nesse sentido, os pais puderam participar no processo de construção de significados a partir do evento realizado. Isso foi notório graças aos depoimentos dos familiares de que alguns dos alunos que não possuíam engajamento em relação às atividades de leitura, a partir do evento realizado puderam se envolver e se interessar mais e de maneira mais construtiva.

Junto a pais, escritores e alunos pôde-se constatar também uma boa participação da direção da escola, contribuindo com infraestrutura para realização dos eventos e com verba para a publicação de livros e apoio ao trabalho dos professores de outras áreas no caminho da literatura. Todo trabalho resultou, de forma concreta, na publicação da obra *Contos e*

Encontros Matogrossenses (2017), lançada numa “Noite de Autógrafos”, como fruto do projeto, ocorrida no final de 2017, nas dependências da unidade escolar e acompanhada de inúmeras apresentações culturais ligadas à arte e à literatura.

Com o início das atividades propostas no projeto “Conto e Encontro”, e concomitante ao início das atividades do programa, foi possível também avançar na fundamentação teórica desta pesquisa de dissertação de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários na Universidade Estadual de Mato Grosso, de Tangará da Serra, uma vez que, como professora de língua portuguesa e aluna do programa, pudemos participar de disciplinas como a “Literatura Infantil/Juvenil: história, formas e perspectivas”, que norteou uma série de leituras e possibilitou que pudéssemos visar ao projeto de maneira mais formal, delimitando um corpus e possibilitando que houvesse a sustentação de um referencial teórico para este trabalho.

No âmbito teórico, portanto, elegemos como aporte teórico os pressupostos da Estética da Recepção, amparados em Jauss, por meio da obra *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária* (1994). Além dessa obra, apropriamo-nos do texto “A Estética da Recepção: Colocações Gerais” (Apud Lima, 2002). Consideramos importante a sustentação do método recepcional, corroborado por Aguiar e Bordini com a obra *Literatura e Formação do leitor: alternativas metodológicas* (1998). Regina Zilberman também nos forneceu subsídio para a pesquisa através da obra *Estética da Recepção e história da literatura* (1989). Neste percurso teórico, consideramos importante ainda atentar para a obra de Iser, *O Ato da Leitura* (1996), e Umberto Eco através de sua *Obra Aberta* (2013) e *Estrutura Ausente* (2013). Além desses grandes teóricos, tivemos como arcabouço crítico, Antonio Candido com textos como “A Literatura e a Formação do Homem” (1972) e a obra *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária* (2011). Além desses, também utilizamos outros autores que considerarmos importantes para o desenvolvimento do trabalho.

A proposta do trabalho está dividida em quatro partes. No primeiro capítulo, apresentamos a escola em que acontece a pesquisa, a partir da observação *in loco* do espaço físico e informações contidas no Projeto Político Pedagógico – PPP. Nesse contexto, expomos o marco situacional da escola, destacando os indicadores de avaliação internos e externos. Pontuamos as propostas pedagógicas, a partir de projetos de leitura e

literatura, frisando também a importância da formação continuada dos docentes nessa instituição de ensino.

No segundo capítulo, norteamos o trabalho através da fundamentação teórica pelo viés da Estética da Recepção. Essa teoria subsidia toda pesquisa, desde os dados iniciais, percorrendo os caminhos do prazer estético a partir das três categorias: *poiésis*, *aisthesis* e *a katharsis*, até a análise dos dados de pesquisas oferecidos pelos questionários feitos com os alunos. Nesse enlace, complementamos nossas observações com os conceitos de “humanização”, “obra aberta” e “estrutura ausente” do texto. No processo de leitura e recepção de textos, construímos hipótese de que, pela mediação, os alunos podem preencher os “vazios”, como seres atuantes no processo de construção de sentido.

No terceiro capítulo, tratamos da análise da obra trabalhada com os alunos, *Bisa Bia Bisa Bel* (2002), de Ana Maria Machado. Para tanto, apresentamos indícios de que se trata de uma obra esteticamente elaborada, a partir da visão de outros críticos no meio da literatura brasileira. Diante disso, colocamos o conceito de forma clara para a posterior observação da recepção dos alunos/leitores envolvidos na pesquisa.

No quarto capítulo, analisamos e interpretamos os dados fornecidos, a partir da aplicação do questionário socioeconômico e do livro lido. Diante dessa perspectiva, delineamos a visão desse grupo de alunos perante uma obra esteticamente elaborada e o atendimento do horizonte de expectativas ou não destes, uma vez que esses alunos tiveram o contato inicial com o universo da literatura e neste momento trazemos à tona o diagnóstico. Na construção do trabalho, é bem provável que tais questionários não sejam respondidos de forma absoluta e definitiva, mas esse trabalho poderá contribuir na compreensão do ato de ler, considerando o aluno/leitor um agente transformador e construtor do texto e de sua significação.

Nesse contexto, delineamos a pesquisa como um suporte pedagógico, enriquecido a partir da realidade regional e ampliado para a literatura juvenil. Dessa forma, criam-se bases para uma pedagogia da leitura literária renovada, atual e condizente com a realidade histórico-social. Enfim, a intenção foi a de ouvir e registrar impressões de leitura de alunos na faixa etária de 14 anos, a fim de conhecer seus horizontes de expectativas e analisar como se efetiva em âmbito escolar a recepção da obra *Bisa bia, Bisa Bel* (2002) por esses leitores em formação.

1 LITERATURA NO CHÃO DA ESCOLA ESTADUAL “PROFESSOR JOÃO BATISTA”: UM MARCO DE EXPERIÊNCIAS

1.1 Que escola é essa?

A Escola Estadual “Professor João Batista”, em seu contexto socioeducativo, apresenta o Projeto Político Pedagógico - PPP em fase de reelaboração. No entanto, segue-se como base este documento para extrair informações importantes para justificar o propósito do trabalho, embora saibamos que algumas informações se encontram desatualizadas. Para conhecer a escola, observamos que ela conta com um corpo docente de 48 (quarenta e oito) professores entre unidocência e as áreas de conhecimento. Há também 20 (vinte) funcionários no corpo administrativo, distribuídos entre Técnicos Administrativos Educacionais – TAEs de laboratórios e secretaria. Há também os Apoios Administrativos Educacionais - AAEs, que são nutrição, limpeza, secretaria e vigia. Com esse grupo de profissionais da educação, através das práticas pedagógicas, objetiva-se, segundo o PPP, “fortalecer e assegurar o desempenho de qualidade no processo ensino aprendizagem” (PPP, 2017, p.22). Com isso, verifica-se o propósito inicial da escola, pois, diante de tantos desafios, compreendemos que a prioridade é fortalecer esse processo, o caminho por onde devemos percorrer.

A gestão escolar entende que a formação continuada dos profissionais da educação cumpre o papel de fortalecer a escola enquanto espaço formativo a partir de situações-problemas que a escola enfrenta no dia a dia do fazer pedagógico, desenvolvendo as potencialidades, o conhecimento de cada segmento que compõe a comunidade escolar, qualificando o desempenho dos profissionais inerente ao processo educativo, por meio dos grupos de estudos, pesquisas, intervenções e constrói e desenvolve coletivamente o processo de ensino aprendizagem. Concomitante a isso, a escola realiza o mesmo trabalho junto aos demais funcionários, técnicos administrativos educacionais e apoio administrativo educacional, no que tange às diversas tarefas realizadas nas suas funções, buscando levar o conhecimento e o aprimoramento de seu trabalho.

O ambiente escolar é diversificado em razão da realidade atual. Segundo o PPP, dos alunos que frequentam regularmente a escola, aproximadamente 10 (dez) deles residem em

áreas periurbanas – sítios e chácaras (informação desatualizada). Na observação atual, *in loco*, notamos que são aproximadamente 40 (quarenta) alunos que residem nessas áreas, filhos de pequenos agricultores e que dependem, portanto, de diversos meios de transporte para chegar até a escola. Entre os oriundos da zona urbana, há cerca de 800 alunos, residentes no centro, em bairros vizinhos e alguns mais distantes filhos de autônomos e prestadores de serviços, entre outros. A comunidade atendida não se restringe aos bairros próximos à escola. Há alunos de outros bairros, alguns deles distantes. A situação econômica das famílias é baixa e, em sua maioria, a renda familiar varia entre um a três salários mínimos. O índice de escolarização das famílias é baixo, de modo que os alunos não recebem em casa o incentivo à leitura, não possuem livros, outros não têm acesso à internet, sendo assim, não apresentam motivação para leitura. Portanto, alguns desses fatores também nos motivaram a realizar um trabalho diferenciado com a literatura e a leitura nesta instituição de ensino.

Quanto ao espaço físico, segundo o PPP, a Escola Estadual “Professor João Batista” funcionou inicialmente como extensão da Escola Estadual “13 de Maio”, com seis salas de aula, sendo criada como instituição de ensino em onze de novembro de 1984, sob o Decreto nº 992. A denominação da escolha do nome da escola foi uma homenagem a João Batista Fernandes de Souza, professor da Escola Estadual “13 de Maio”, falecido em 15 de junho de 1984, vítima de um acidente automobilístico aos 38 (trinta e oito) anos de idade.

A escola hoje está situada à Avenida Ismael José do Nascimento, nº 894-N, Jardim Europa, no município de Tangará da Serra - MT. Funciona em regime de externato, nos turnos matutino e vespertino, oferece as etapas do Ensino Fundamental, organizado por ciclo de formação humana (1º, 2º e 3º ciclos) e Ensino Médio Inovador - PROEMI. O prédio escolar é composto por 14 (quatorze) salas de aula, atendendo aproximadamente a 840 (oitocentos e quarenta) alunos em 25 (vinte e cinco) turmas. Além das turmas regulares, alguns alunos são atendidos também nas salas de “Recursos Multifuncional” (alunos com laudo médico ou que foram submetidos pela avaliação psicopedagógica da professora responsável) e outros frequentam o “Laboratório de Aprendizagem”, quando é constatado algum tipo de defasagem na aprendizagem durante o período de alfabetização. Portanto, vale ressaltar que é direito do aluno ser alfabetizado até o 3º ano do Ensino Fundamental. No entanto, quando isso não acontece, ele frequenta o laboratório até superar

essa dificuldade e alcançar o letramento e alfabetização. A escola ainda conta com uma biblioteca organizada, catalogada, mas num espaço muito pequeno, com apenas duas mesas e um tapete com algumas almofadas para leitura. Há também uma técnica e um professor pedagogo em desvio de função, responsáveis pela biblioteca para atender os alunos dos períodos matutino e vespertino, estando, assim, todos os períodos em funcionamento, embora, consideramos um acervo insuficiente pela necessidade observada.

No aspecto da infraestrutura, possui um laboratório de informática, um laboratório de linguagem e ciências humanas, um laboratório de biologia, um laboratório de química, um laboratório de matemática, embora com ausência de recursos e materiais para uso dos alunos e professores. Também há um refeitório amplo e uma quadra coberta para atividades esportivas e culturais.

Aparentemente é uma escola atrativa, construída recentemente, com piso superior e inferior, praça, jardinagem, espaço amplo e salas climatizadas, o que possibilita que os docentes realizem seus trabalhos com um mínimo de estrutura para as atividades de leitura e que, dentro da atual infraestrutura das demais escolas de Tangará da Serra/MT, apresenta-se como uma das mais bem estruturadas. É uma escola dinâmica – e talvez por isso – há uma procura constante de vagas que se dá pelo fato de estar sempre envolvida com projetos, contemplando a leitura e a literatura, publicações e os diferenciais de avaliação. Mesmo as famílias não tendo esses hábitos em casa, procuram uma escola que ofereça atividades de incentivo à leitura. Com esses recursos, observa-se a necessidade de desenvolver uma pesquisa sobre a prática de leitura nessa instituição no intuito de ampliar o número de leitores e coletar dados importantes na construção da dissertação, pois, como se pode notar, ela oferece minimamente uma estrutura que, atrelada ao quadro de profissionais comprometidos com o espaço do conhecimento, pode vir a ganhar ainda mais credibilidade e experiência no cenário estadual.

Ainda sobre o PPP, vale destacar no que a avaliação da Escola Estadual “Professor João Batista” é diferenciada nas etapas do Fundamental e Médio, de maneira que no Ensino Fundamental é realizado relatório sobre a aprendizagem do aluno apresentando como resultados os objetivos de aprendizagem distribuídos entre AB (Abaixo do Básico), B (Básico), P (Proficiente) e A (Avançado). Essa avaliação é feita por disciplina, cada professor preenche no seu diário eletrônico, atribuindo um dos conceitos acima para cada objetivo de aprendizagem. Após fazer o relatório, o sistema gera um conceito chamado de

PS (Progressão Simples), quando o aluno consegue desenvolver habilidades sem intervenção pedagógica ou PPAP (Progressão por Acompanhamento Pedagógico), quando o aluno não consegue desenvolver as habilidades e necessita de acompanhamento pedagógico. Dessa forma, após a inserção dos relatórios no sistema “sigeduca”, via internet, por disciplina, através do diário eletrônico, o sistema gera um conceito final. No Ensino Médio, a avaliação é feita por registros de notas distribuídas entre as diferentes maneiras de avaliar como: trabalhos, seminários, avaliações orais e escritas, além da participação dos alunos nas oficinas realizadas por área do conhecimento. Na distribuição das avaliações há como média a nota sete.

Nesse contexto, apresentamos ainda os resultados de avaliação referentes ao ano de 2017 das turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º a 5º anos) da escola, no quadro abaixo, e, a seguir, das demais turmas:

RESULTADO ENSINO FUNDAMENTAL INICIAL (1º AO 5º ANO) – E.E. PROFESSOR JOÃO BATISTA 2017			
TURMA	APROVADO	TRANSFERIDO	RETENÇÃO POR FALTA
1º A	16	8	-
2º A	18	5	-
2º B	23	6	-
3º A	18	5	-
3º B	23	8	-
4º A	18	5	-
4º B	24	6	-
5º A	26	4	-
5º B	25	6	-

Fonte: SIGEDUCA-MT, dados da Escola Estadual Professor João Batista

A partir dos resultados, pode-se observar que a maior parte do público Fundamental inicial atendido consegue desenvolver as atividades e propostas de ensino solicitadas pelos professores com autonomia, pois não há registro de reprovação. No entanto, é visível um percentual de 33% dos alunos que são transferidos, número que se justifica devido à política de atendimento do Estado de Mato Grosso que dá preferência para o Ensino Fundamental final e Ensino Médio, uma vez que é de acordo com o município de Tangará da Serra a oferta do Ensino Fundamental inicial. Com isso, é notório que quando a família tem a oportunidade de transferir o aluno para uma escola municipal mais próxima, o faz, já que a cada ano que passa fecham-se turmas das séries iniciais e ofertam-se mais turmas dos anos finais do fundamental na instituição em foco. Nessa faixa etária, de 07 (sete) a 11

(onze) anos, há um projeto de incentivo à leitura intitulado “Da emoção de ler à descoberta do prazer”, desenvolvida por todos os professores da unidade; então compreende-se que esse resultado positivo também é obtido devido ao investimento na leitura.

RESULTADO ENSINO FUNDAMENTAL FINAL (6º AO 9º ANO) – E.E. PROFESSOR JOÃO BATISTA 2017				
TURMA	APROVADO	TRANSFERIDO	AFAST. DESISTENCIA	REPROVADO
6º A	27	4	-	-
6º B	24	3	-	-
6º C	25	4	-	-
7º A	29	7	-	-
7º B	30	2	-	-
8º A	30	4	1	-
8º B	27	5	-	1
9º A	25	5	1	1
9º B	25	6	-	1

Fonte: SIGEDUCA-MT, dados da Escola Estadual Professor João Batista.

No quadro acima, observa-se que nos anos finais do Ensino Fundamental há um percentual de alunos de 6º a 9º anos que foram retidos nos anos/ciclos cursados, devido à infrequência que faz parte de um mesmo fluxo de decisões e omissões, que resultam de uma situação que aparece como externa ou alheia à vontade do aluno do ensino fundamental, mas que deve sofrer intervenção da escola. O aluno que é infrequente sem justificativa é advertido através da “Ficha do Aluno Infrequente” - FICAI e esta é encaminhada ao conselho tutelar para conhecimento da família, pois a infrequência é um dos fatores que comprometem a avaliação externa da escola. Embora saibamos que os fatores sociais e econômicos diante de famílias desestruturadas psicologicamente também refletem no resultado de qualquer avaliação.

Verificamos, também, através dos relatórios avaliativos feitos pelos professores, que os alunos dos 8º anos apresentam dificuldades nas atividades de leitura e escrita. Esse é um dos motivos que nos levou à escolha da faixa etária para o desenvolvimento do projeto “Conto e Encontro”. Devido a esse resultado, pensamos num projeto voltado à literatura de maneira lúdica para atrair a atenção do aluno, impedir casos de desistências escolares e ampliar os níveis de leitura.

RESULTADO ENSINO MÉDIO (1º AO 3º ANO) – E.E. PROFESSOR JOÃO BATISTA 2017			
TURMA	APROVADO	REPROVADOS	DESISTENTES

1° A	24	1	2
1° B	13	7	2
1° C	18	8	2
1° D	16	6	1
1° E	15	6	1
2° A	21	1	-
2° B	22	3	-
3° A	30	-	-

Fonte: SIGEDUCA-MT, dados da Escola Estadual Professor João Batista.

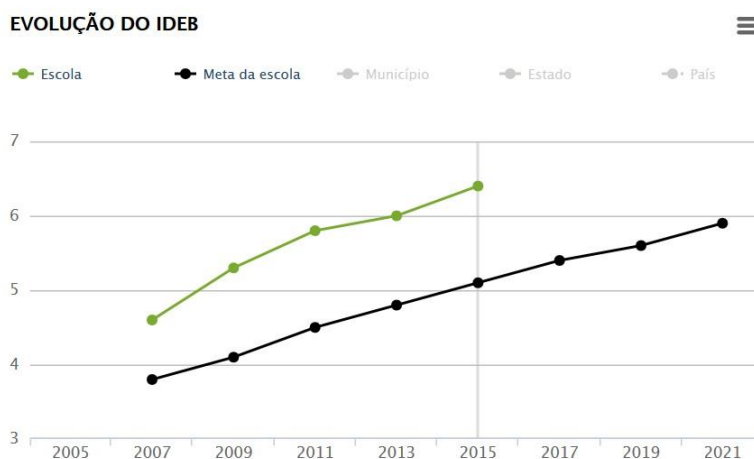
Verificamos que na etapa do Ensino Médio a taxa de repetência continua sendo um dos grandes obstáculos à conclusão da Educação Básica. Em face dessa realidade e dos desafios expostos, observa-se as questões de acesso, permanência e qualidade do ensino ofertado e propomos um projeto, com olhar literário, que busca atender e ampliar os anseios dos jovens, e que são constatadas como problema grave a ser enfrentado no Ensino Médio, principalmente nos primeiros anos dessa fase, onde há o maior número de repetência e desistência. Cabe ressaltar aqui mais um dos motivos que nos levou à escolha do público para realizar o projeto de literatura na escola. Outros professores viram de maneira positiva a proposta e, no ano de 2018, ampliamos o projeto para o Ensino Médio, contemplando, assim, as turmas de 1º, 2º e 3º anos, alargando as fronteiras do conhecimento.

Apresentamos abaixo uma análise coletiva do diagnóstico realizado na Escola Estadual “Professor João Batista”, com base nos indicadores externos, sendo eles, “Prova Brasil”, que avalia os 5º e 9º do Fundamental, fase em que finaliza os ciclos de formação humana e o 3º ano do Ensino Médio. Para entender melhor esses indicadores, consultamos o portal “QEdU Academia”, que permite que a sociedade brasileira saiba e acompanhe como está a qualidade do aprendizado dos alunos nas escolas públicas e cidades brasileiras. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - Ideb é o principal indicador da qualidade da educação básica no Brasil. Para fazer essa medição, o Ideb utiliza uma escala que vai de 0 a 10. A meta para o Brasil é alcançar a média 6.0 até 2021, patamar educacional correspondente ao de países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE, como Estados Unidos, Canadá, Inglaterra e Suécia.

Observou-se que o desempenho da escola na Prova Brasil/IDEB de 2005 a 2015, nos anos iniciais e finais, ultrapassou a meta projetada para a escola na escala do Sistema de Avaliação da Educação Básica - SAEB, assim como nos anos anteriores, como mostram

a figura abaixo:

Fig. 1 Evolução do IDEB



Fonte: QEdu.org.br. Dados do Ideb/Inep (2015).

Fonte: <http://www.qedu.org.br/escola/252819-ee-professor-joao-batista/ideb>. Acesso em 12 de jun. 2017.

Segundo o PPP (2017, p.04), a escola tem como objetivo aumentar os resultados em 0,2, a cada realização da Prova Brasil, melhorando, assim, a proficiência dos alunos. No ano de 2017, a escola realizou a prova Brasil, mas até esta data ainda não se tinha a publicação do resultado para registro, se a meta foi alcançada ou não. A seguir temos a tabela dos resultados anteriores da Prova Brasil e a proficiência do SAEB. Observem que o quadro mostra somente os 5º anos (2º ciclo) e 9º anos (3º ciclo), pois somente essas turmas que são consideradas de final de ciclo fazem a prova Brasil para medir o conhecimento percorrido durante todo o ciclo que somam três anos.

	Resultados Saeb/Prova Brasil 2013		Escala de Proficiência do SAEB	
	5º ANO		5º ANO	
ANO	L.P.	MAT	L.P.	MAT
2005	163,83	177,53	2	3
2007	177,12	189,65	3	3
2009	190,07	247,91	3	5
2011	199,7	221,9	3	4
2013	211,78	219,26	4	4

2015	224,19	229,84	4	5
-------------	--------	--------	---	---

Fonte: <http://www.qedu.org.br/escola/252819-ee-professor-joao-batista/ideb>. Acesso em 12 de jun. 2017.

Resultados Saeb/Prova Brasil 2013	Escala de Proficiência do SAEB
9º ANO	9º ANO

ANO	L.P.	MAT	L.P.	MAT
2005	-	-	-	-
2007	242,83	261,50	5	6
2009	247,91	237,63	5	5
2011	240,50	231,53	5	5
2013	233,13	228,47	5	5
2015	-	-	-	-

Fonte: <http://www.qedu.org.br/escola/252819-ee-professor-joao-batista/ideb>. Acesso em 12 de jun. 2017.

Ao averiguar o quadro, observamos o desempenho da escola por meio do resultado da Prova Brasil na escala de proficiência do SAEB, de 2005 a 2015. Nessa escala, são observadas as habilidades agregadas pelo conjunto de estudantes da escola, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. Analisando a tabela do resultado de Proficiência do SAEB, durante esse período de trabalho, verificou-se uma progressão: os alunos dos 5º anos, em Língua Portuguesa, estavam no nível dois e agora estão no nível quatro, em Matemática, estavam no nível três e atualmente estão no nível cinco. Em 2016, alcançou a meta de 2021, mas se sabe da necessidade e importância de continuar avançando cada vez mais. Assim, é fundamental uma reflexão sobre as práticas pedagógicas dos docentes nessa unidade escolar, tendo em vista a melhoria do desempenho dos discentes.

Os 9º anos não foram avaliados no ano de 2015, pois não foi ofertado nesse ano, já que eram atendidos em prédio alugado devido à reforma e redução das turmas da escola. Não havia ocorrido progressão no ano de 2013, ao contrário, verifica-se que houve um decréscimo na média da proficiência de 2013 comparada com a alcançada em 2011, apesar de manter o nível cinco em língua portuguesa e cinco em matemática. O objetivo para o ano de 2017 é melhorar a proficiência dos alunos em 0,2 a cada nova avaliação.

Pensando em algumas estratégias, a escola aderiu-se ao Programa Ensino Médio Inovador - PROEMI em 2016, no qual buscou por meio dele elevar a pontuação e a

proficiência dos alunos no ENEM, pois a carga horária, que antes era de 800h, passou a ser de 1.000h, sendo o aumento nas seguintes disciplinas: Matemática e Física (aumento de uma aula por semana em todo o Ensino Médio), Geografia e História (aumento de uma aula por semana intercalada, sendo uma aula de história nos primeiros e terceiros anos do Ensino Médio, e uma de geografia no segundo ano do Ensino Médio), oportunizando um ensino mais dinamizado através de oficinas que são ofertadas em todos os bimestres, todas relacionadas com a teoria e prática dos conteúdos.

Vale ressaltar também que houve questionamentos dos professores de língua portuguesa porque não houve aumento das aulas dessa disciplina, uma vez que ela é considerada de peso em avaliações de diversos campos. Houve também questionamentos por parte dos alunos dos 9º anos porque não havia na grade curricular da escola a disciplina de literatura. Na busca de uma resposta, fizeram um abaixo-assinado pedindo a inserção da disciplina. Ao consultar a gestão escolar não obtivemos resposta, no entanto a secretária da escola justificou que devido ao gradeamento de concurso público o professor deve atribuir aula referente à disciplina do seu concurso, e em Mato Grosso não houve até o momento a inserção dela. Diante disso, o professor atribui apenas como disciplina de língua portuguesa e cabe a esse profissional distribuir as aulas, incluindo a literatura em seu planejamento. Não satisfeitos com a resposta, professores e alunos embarcaram na luta através de projetos de literatura.

Neste contexto avaliativo, observamos que havia a necessidade de melhorar a proficiência e leitura, assim propomos um trabalho relacionado ao incentivo à leitura nos anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, em que há pontos frágeis observados a partir dos indicadores avaliativos: Prova Brasil/Saeb. Nas séries do Fundamental inicial, turmas de 1º ao 5º anos, há um trabalho voltado à leitura, citado anteriormente, e mantém-se essa prática, mas a cada ano com uma roupagem diferenciada.

1.2 Projeto Literatura na escola: o encontro entre Universidade e a Escola Pública

Preservar as relações entre literatura e escola, ou o uso do livro em sala de aula, decorre de ambas compartilharem um aspecto em comum: a natureza formativa. De fato, tanto a obra de ficção como a instituição do ensino estão voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirige (ZILBERMAN, 2003, p. 25).

Na Escola Estadual “Professor João Batista”, a percepção sobre as nuances da literatura foi ampliada a partir da vivência da professora de Língua Portuguesa e o contato com a pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Na oportunidade, a disciplina de “Literatura Infantil/Juvenil: história, formas e perspectivas” oportunizou que houvesse colaboração com o processo de implantação do trabalho de literatura na escola.

A orientação do professor responsável pela disciplina motivou-nos à pesquisa para obter o alicerce teórico dessa prática pedagógica. Ao compreender a necessidade do conhecimento teórico da literatura entrelaçado à prática pedagógica, idealizou-se uma pesquisa envolvendo os alunos dos 9º anos na formação de novos leitores. A faixa etária escolhida de alunos entre 14 e 15 anos, leitores envolvidos na perspectiva das leituras literárias, tornou-se favorável com capacidade imprescindível ao domínio desse feito, como afirma Nelly Novaes:

O leitor crítico (a partir dos 12/13 anos) Fase de total domínio da leitura, da linguagem escrita, capacidade de reflexão em maior profundidade, podendo ir mais fundo no texto e atingir a visão de mundo ali presente... Fase de desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico, empenhados na leitura do mundo, e despertar da consciência crítica em relação às *realidades consagradas*... Agilização da escrita criativa. A ânsia de viver funde-se com a ânsia de saber, visto que o elemento fundamental que leva ao *fazer* e ao *poder* almejados pela autorrealização (COELHO, 2000, p. 39, grifos do autor).

Nessa fase, o adolescente se abre para o mundo e entra em contato com o outro. Os caminhos são dados através de estímulos e valores provindos da própria literatura, pois esta consegue abarcar a necessidade e as mutações dos indivíduos para seu crescimento intelectual. Pensando nisso é que propusemos na escola o projeto “Conto e Encontro”, acreditando que a motivação nessa fase influenciaria positivamente na formação de novos leitores e escritores. Para isso, contamos com a presença de autores nacionais e mato-grossenses em nosso meio escolar.

1.3 Leitor e autor no mesmo espaço

Sabemos que a leitura provoca encantamentos que não podem ficar presos nas gavetas do tempo, pelo contrário, são fundamentais ao desenvolvimento do público juvenil, uma vez que eles nos mostram que o mundo dos sonhos precede à realidade e assim a vida nasce no imaginário. Na escola ficamos otimistas em relação ao entusiasmo dos alunos, pais e professores.

Partindo desse viés, nasceu o projeto “Conto e Encontro”, no qual os alunos tiveram um encontro mágico e a magia aqui representada não se trata de um “pozinho”, mas do esforço dos envolvidos nessa jornada. Vale ressaltar que foram premiados com registros que misturam ficção e realidade, enaltecendo uma vida na qual paira a riqueza da simplicidade e, aos poucos, expande vista pelo olhar dos alunos/ leitores, apoiadas no universo literário.

No ano de 2017, os alunos desenvolveram atividades de leitura, pesquisas sobre a biografia de autores mato-grossenses e outros da literatura juvenil no cenário brasileiro, como Ana Maria Machado. Além disso, fizeram exposições dos resultados das produções textuais na “Feira do Conhecimento”. Promovemos um encontro com os autores num evento intitulado “Chá Literário: Contos e Encontros”. Neste encontro, como já dito acima, autor e leitor dividiram o mesmo espaço para uma conversa séria, mas, também, descontraída, assim como a literatura, proporcionando-nos momentos de prazer. O leitor questionou, ouviu, debateu, aprendeu e encheu-se de perspectivas outras, mas o que ficou marcado com palavras e memórias, sem dúvida, foi a abertura do caminho literário. Nesse encontro, os alunos tiveram voz e num momento especial a aluna, representante de turma, fez um agradecimento à professora e aos autores presentes. Na fala dela havia a expressão da importância da literatura em nosso viver diário e que a aprendizagem proporcionada a eles seria levada para toda vida.

Consideramos importante o aluno que estuda literatura na escola saber como é a técnica e inspiração utilizada pelos autores no momento da escrita, pois esses alunos estavam sendo desafiados a produzir sua ficção. Nesse encontro, tivemos a oportunidade de receber um crítico literário, Dr. Aroldo José Abreu Pinto, que também é coordenador do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso, mostrando a diferença entre a crítica teórica e a ficção. Num ambiente preparado

para esse fim, os alunos fizeram várias perguntas ao crítico, inclusive de caráter burocrático em relação ao funcionamento do Programa de Pós-graduação no município de Tangará da Serra. A motivação diante dessa cena despertou nos alunos a vontade de um dia estar participando desse núcleo de pesquisa. Alguns idealizaram sonhos, passaram a acreditar que a leitura transforma o leitor. Por outro ângulo, para o autor, essa ocasião é de suma importância para alimentar o trabalho da escrita, enriquecer as produções literárias e abranger o universo da ficção, além de ser o combustível principal para a continuidade do trabalho de escritor.

O encontro dos alunos com a literatura, do autor e leitor, da leitura e da escrita resultou numa publicação da obra *Contos e Encontros Mato-grossenses* (2017). Essa obra está dividida em duas partes. No primeiro momento, há uma participação especial com uma turma de 5º ano juntamente a uma professora da unidocência, que decidiram escrever os contos inspirados no conto *Quase Verdade* (1978), de Clarice Lispector, mas em homenagem a um pioneiro de Tangará da Serra, Dr. Eduardo do Nascimento, médico, clínico geral. Depois de se apropriarem dos fatos principais da vida desse pioneiro, materializaram tais informações por meio de um conto de fadas, produzido a partir da releitura do conto de Clarice Lispector. A segunda parte do livro traz as produções dos alunos dos 9º anos, com traços de uma linguagem contemporânea e inspirados em contos regionais de autores da nossa terra como os de Agnaldo Rodrigues, com destaques nos elementos surpresa e mistério. Outro escritor, Eduardo Mahon, apresentou elementos fantásticos que atraíram a atenção dos alunos pelo estilo bem-humorado e a escritora Marta Cocco retratou de maneira poética as injustiças sociais, algo muito próximo da realidade deles, o que se tornou fonte de inspiração aos novos escritores.

Para o lançamento da obra, realizamos a “Noite de autógrafos”, com a presença das famílias e apresentações culturais como: declamações de poesias, exposição oral de contos e muita música dirigida e orquestrada pelos alunos. Notamos que a paixão desses leitores pela literatura se tornou crescente mediante toda a comunidade escolar, uma vez que os alunos do ensino médio sentiram a necessidade de embarcar nesse mundo literário e fazer a diferença juntamente às turmas do fundamental. Com isso, para o ano de 2018, foram inseridos no projeto os alunos do ensino médio, envolvendo as turmas dos 1º, 2º e 3º anos. Os professores observaram o sucesso do projeto e uniram-se a eles no intuito de dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos, mas com uma nova roupagem. Nesse ano, a

proposta da publicação do livro foi avançar com outros gêneros, sendo de responsabilidade das turmas de 9º anos escrever contos, os 1º e 2º anos produzir poesias e os 3º anos criar artigos de opinião.

1.4 Na travessia da escola, a literatura acontece

Se, por não sei que excesso de socialismo ou barbárie, todas as disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário (BARTHES, 1980, p.18).

A linha de pensamento do projeto “Conto e Encontro” fundamenta-se no princípio de que a escola é um lugar privilegiado, onde o aluno sente a necessidade de desenvolver hábitos de estudos literários que contribuem para sua formação enquanto indivíduo. De maneira mais eficaz do que qualquer outro, esses estudos estimulam o exercício da mente, a leitura de mundo, a percepção do real e da ficção, além de desenvolver habilidades de leitura e escrita.

Diante desse cenário, surge o grupo de alunos da Escola Estadual “Professor João Batista” que, instigados por professores, decidem mergulhar no universo de estudos literários. Consideramos a literatura juvenil como um passo importante para despertar o contato com textos e autores atrativos. Lembrando que a literatura juvenil “é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização” (COELHO, 2000, p. 27).

Para que o convívio do leitor com a literatura resulte em aspectos positivos, acreditamos que é necessária a intermediação do professor na escolha de bons textos e a adequação necessária conforme faixa etária e níveis de amadurecimento nas etapas do desenvolvimento infantil e juvenil. No ano de 2017, a professora de Língua Portuguesa apresentou aos alunos do 9º ano alguns autores e obras nacionais e regionais. Sendo nacionais, os romances de Ana Maria Machado, com as obras: *Amigo é Comigo* (2009), *Do Outro Mundo* (2002), *Bem do seu tamanho* (2003) e *Bisa Bia Bisa Bel* (2002); e Graciliano Ramos, com a obra *A Terra dos Meninos Pelados* (2002). E ainda, Lúcia Bojunga, com a obra *A Bolsa Amarela* (2002); e Monteiro Lobato com a obra *A Chave do Tamanho* (2012).

No cenário da literatura regional, apresentamos o gênero textual conto. Elegemos três autores mato-grossenses: Agnaldo Rodrigues da Silva, com as obras *Mente Insana* (2008) e *Dose de Cicuta* (2011). Eduardo Mahon, com as obras *Contos Estranhos* (2017) e *Dr. Funéreo* (2014); e Marta Cocco, com a obra *Não Presta Pra Nada* (2017). Ao apresentar essas obras aos alunos, houve um avanço no despertar pela leitura e aprofundamento nos textos literários.

A princípio, os contos tornaram-se mais atrativos, uma vez que se tratam de leituras rápidas que eram possíveis de ser feitas até mesmo em sala de aula. As turmas dos 9º anos dedicaram parte do seu tempo em atividades extraclasse, voltadas para a leitura e escrita, além de frequentarem mais vezes a biblioteca. Observamos esses dados a partir dos registros fornecidos pela técnica responsável pela biblioteca. Fato que nos leva a pensar na “certeza de que a escola é o espaço privilegiado, que devem ser colocados os alicerces do processo de autorrealização vital/cultural, que o ser humano inicia na infância e prolonga até a velhice” (COELHO, 2000, p. 18). Compreendemos que parte desse processo cabe à responsabilidade do professor de mediar a literatura na escola, uma vez que, na grade curricular dessa escola, não há a disciplina de Literatura. Por isso, o professor de Língua Portuguesa cria um espaço adequado para o contato do aluno com esse universo. Por sorte, temos a liberdade de poder dizer:

Hoje os tempos são outros, menos eufóricos e mais amadurecidos. Podemos, então, na colheita dos primeiros resultados e das primeiras perplexidades, tentar corrigir os rumos, procurando resgatar, no novo percurso, o já tantas vezes adiado projeto de democratização e qualificação da educação brasileira (LAJOLO, 1993, p.18).

Neste sentido, reconhecemos que a escola é um chão fértil para novas descobertas, ampliar horizontes, marcar rupturas, desencadear sonhos, vivenciar o real e experimentar o fantástico. Diante desse desafio, alguns questionamentos são pertinentes à nossa mente. Se esse é o lugar, então, como promover a leitura literária em sala de aula? Como formar alunos leitores? Como fazer com que os alunos compreendam o que leem? Existem vários estudiosos e pesquisadores que defendem seu ponto de vista sobre o ato de ler. Para responder a essas indagações é necessário que se compreenda primeiramente o letramento literário, e escolhemos Cosson para contribuir nessa definição:

A análise literária toma a literatura como um processo de comunicação, uma leitura que demanda respostas do leitor, que o convida a penetrar na obra de diferentes maneiras, a explorá-la sob os variados aspectos. É só quando esse intenso processo de interação se efetiva que se pode verdadeiramente falar em leitura literária (COSSON, 2014, p. 14).

Durante o desenvolvimento das atividades no decorrer do ano, os alunos tiveram a oportunidade de experimentar mundos inimagináveis, encontros marcados por experiências intransponíveis, como o “Chá literário”. Leitor e autor puderam se encontrar num ambiente para discutir questões da literatura. A troca de ideias e informações enriqueceram valores comuns e despertaram novos valores. O impacto causado pela leitura, o diálogo, questionamentos e experiências tiveram um recorte fundamental: a produção escrita.

No intuito de refletir sobre propostas voltadas ao estudo da literatura na escola e em sala de aula, além de romper com práticas tradicionais, como as famosas fichas de leituras engessadas, buscamos desenvolver uma proposta diferente, amparada na Estética da Recepção, corroborada por Jauss (1994) e Iser (1996). Inicialmente, trabalhamos a leitura em voz alta e, a seguir e por escolha dos próprios alunos, levamos os contos para sala de aula, por se tratar de textos curtos, uma vez que os alunos não tinham até então hábitos de leitura e esses contos foram a chave mestra do sabor literário. Entre os contos lidos das obras apresentadas anteriormente, os que mais chamaram a atenção dos alunos foram: *Pânico na Universidade* (2008), de Agnaldo Rodrigues; *A Menina que Roubava Cores* (2017) e *Dr. Funéreo* (2014), de Eduardo Mahon; e *Chuva Benta* (2017), de Marta Cocco. Durante as aulas, conforme os textos eram trazidos e lidos, notamos que os alunos conseguiam identificar as marcas dos autores, apresentando suas características e peculiaridades.

Quando observamos que os contos já estavam presentes na prática de leitura em sala de aula, entendemos que era momento de avançar. Desse modo, inserimos os romances da literatura infantil juvenil. Citamos no início do trabalho alguns deles, mas elegemos a obra *Bisa Bia Bisa Bel* que ganha destaque por estar muito acessível ao público infantil e juvenil, uma vez que esta fez parte da biblioteca das escolas públicas através do projeto “Literatura em Minha Casa”, pelo FNDE. Para dar conta de nosso objeto de pesquisa, destacamos a escritora Ana Maria Machado, que publicou mais de 40 (quarenta)

livros na década de 1980 e criou sua livraria especializada em literatura infantil. Em 1981, recebeu o Prêmio “Casa de las Américas” por *De olho nas penas*, um mágico e pungente inventário da opressão do índio e do negro. Coordenou oficinas literárias em vários países, mas seu reconhecimento definitivo aconteceu no ano dois mil, ao receber o Prêmio “Hans Christian Andersen”, considerado o Nobel da literatura Infantil e Juvenil em Cartagena de Índias, na Colômbia. Recebeu várias homenagens através da obra *Bisa Bia Bisa Bel* como ela descreve:

Por causa de Bisa Bia, já tomei chá com avós em uma porção de colégios de cidades diferentes, já recebi receitas de biscoitos, ganhei bordados, vi exposições de fotos de família. Por causa de Neta Beta, ouvi músicas metaleiras do futuro, li jovens utopias sobre o mundo que ainda vem por aí, assisti a desfiles de moda intergaláctica. E da Califórnia a Paris, do México a Berlim, passando por todo o nosso interior, encontrei gente que sorriu ou chorou com Bel e que depois veio me dizer que ainda tem uma Bisa Bia morando no coração (MACHADO, 2002, p. 63).

Ao avaliar a amplitude do fenômeno literário e reconhecer que se trata de uma obra esteticamente elaborada, pensamos que alguns questionamentos se tornam pertinentes para o desenvolvimento do trabalho. Desse modo, analisando se os alunos efetivamente percebem o caráter estético e humanizador do texto, ou seja, esse tipo de literatura atenderia ao horizonte de expectativas dos leitores selecionados? A leitura na escola tem cumprido a sua função estético-humanizadora de que nos fala Antonio Candido (1972)? Essa literatura quebraria e ampliaria o horizonte de expectativas dos educandos ou os deixaria no seu "lugar comum"? Os alunos percebem a estrutura ausente e preenchem os "vazios" do texto, dando sentido à obra?

Acreditamos que as respostas a tais questionamentos nos permite alcançar o objetivo principal desta pesquisa, que é saber se os alunos preenchem os vazios do texto, refletindo sobre aquilo que leem e se essa leitura faz alguma diferença na vida cotidiana deles. Assim sendo, notamos que:

A experiência da leitura logra libertá-lo das opressões e dos dilemas de sua práxis de vida, na medida em que o obriga a uma nova percepção das coisas. O horizonte de expectativas da literatura distingue-se daquele da práxis histórica pelo fato de não apenas conservar as experiências vividas, mas também antecipar possibilidades não concretizadas, expandir o

espaço limitado do comportamento social rumo a novos desejos, pretensões e objetivos, abrindo, assim, novos caminhos para a experiência futura (JAUSS, 1994, p. 52).

Para compreender os horizontes de expectativas do leitor, delineamos como caminho apropriado a Estética da Recepção, portanto, ela é o instrumental teórico adequado para fundamentar, a partir dos conceitos de recepção, horizonte de expectativas, distância estética e lógica da pergunta e da resposta, e a construção da narrativa atrelada às imagens da obra *Bisa Bia Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, que constitui o corpus deste trabalho.

Para detalhar os procedimentos metodológicos foi utilizado o método recepcional de Aguiar e Bordini (1998), colocando em prática alguns conceitos básicos como: receptividade, concretização, ruptura, questionamento e assimilação. Nesse sentido, a primeira etapa pretende determinar os horizontes de expectativa do leitor. A segunda etapa busca observar, na medida do possível, o atendimento ao horizonte de expectativas, proporcionando-lhe experiências com os textos literários que satisfizeram suas necessidades quanto ao gênero proposto e às estratégias utilizadas. A terceira etapa desencadeia na ruptura do horizonte de expectativas, rompendo com alguns recursos compositivos, de modo que o aluno perceba estar ingressando num campo desconhecido. Na quarta etapa, faz-se necessária uma análise comparativa das experiências de leitura, questionando-se os horizontes de expectativas. E, por fim, na quinta etapa, observamos a ampliação desse horizonte de expectativas e verificamos se esses receptores sentiram a necessidade de avançar na leitura.

Sabemos que todo leitor traz consigo, antes de entrar em contato com a obra, um horizonte de vida, de valor, de mundo, provindo de suas experiências. Esse horizonte diante da obra literária sofrerá alterações ou se manterá inalterado. Para sustentar esse ponto de vista, Bordini e Aguiar (1998) corroboram:

O texto pode confirmar ou perturbar esse horizonte, em termos das expectativas do leitor, que o recebe e julga por tudo o que já conhece e aceita. O texto, quanto mais se distancia do que o leitor espera dele por hábito, mais altera os limites desse horizonte de expectativas, ampliando-os. Isso ocorre porque novas possibilidades de viver e de se expressar foram aceitas e acrescentadas às possibilidades de experiência do sujeito. Se a obra se distancia tanto do que é familiar que se torna irreconhecível, não se dá a aceitação e o horizonte permanece imóvel (p. 87).

Diante desse cenário, os alunos assumem o papel ativo de leitores. Efetuam leituras compreensivas e críticas, tornam-se receptivos a novos textos e a leituras de outrem, questionam as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural e transformam os próprios horizontes de expectativas, bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social. Com isso, o aluno passa a ser visto como agente do processo de leitura e aprendizagem, num constante enriquecimento cultural e social.

2 LITERATURA E RECEPÇÃO: REFERENCIAIS TEÓRICOS

2.1 A Estética da Recepção: um olhar a partir do leitor

O objetivo deste capítulo é apresentar os arcabouços teóricos que irão permear a pesquisa. Em suma, a teoria escolhida é a Estética da Recepção, a partir de Jauss (1994) e Iser (1996). O método recepcional, de Bordini e Aguiar (1998), mas com o olhar e sustentação de Antonio Candido (1972), Flory (2010), Lima (2002), Regina Zilbermann (1989), Umberto Eco (2013), e outros que considerarmos pertinentes.

Jauss (1994) introduz a discussão da Estética da Recepção nos aspectos históricos da literatura, levando em consideração o circuito formado por autor, obra e público sobre o qual a literatura age. Essa teoria permite que a literatura seja pensada de maneira mais ampla, fazendo repensá-la como categoria histórica e social. Nesse sentido, o foco do trabalho com a literatura:

Deve recair sobre o leitor ou a recepção, e não exclusivamente sobre o autor e a produção. O conceito de leitor deve se basear em duas categorias: a de horizonte de expectativa, misto dos códigos vigentes e da soma de experiências sociais acumuladas; e da emancipação, entendida como a finalidade e efeito alcançado pela arte, que libera seu destinatário das percepções usuais e confere-lhe nova visão da realidade (ZILBERMAN, 1989, p. 49).

Como podemos notar, a Estética da Recepção perpassa por vários campos do conhecimento e cabe nesse trabalho apresentar alguns conceitos a ser pesquisados e aplicados. Nesse caminho percorrido pelas veias da literatura, compete ao leitor ocupar-se dos vazios do texto, usufruindo do prazer estético da *poiésis*, uma vez que ele participa da construção do próprio texto, ocupando os espaços que lhe são reservados. A *aisthesis* permite a possibilidade de configurar uma nova visão do mundo pela fusão de seus horizontes de expectativa e os do autor. Por fim, a *katharsis*, pelo prazer efetivo que liberta o leitor de seu cotidiano, levando-o, através da fruição de si, no outro, por meio da interação com o texto ficcional. Esses processos são imprescindíveis para a análise do trabalho amparado na Estética da Recepção, pois, quando o leitor se depara com os vazios

do texto, tem a oportunidade de adentrar a ele e dar um significado. Dessa forma Flory contribui que:

Amplia-se, atualmente, o campo da legibilidade textual, através dos trabalhos desenvolvidos pela Estética da Recepção, onde o papel do leitor é valorizado, sendo-lhe atribuídas funções estruturantes, com múltiplas possibilidades de leituras, propiciadas pela intenção do texto com o leitor, viabilizando-se o metatexto, discurso crítico elaborado pelo receptor, através da decodificação da mensagem textual (2010, p. 29).

Com o olhar voltado à reflexão sobre as propostas de estudo da literatura na escola, em sala de aula, e para romper com práticas tradicionais que abordam cronologicamente e de forma engessada os períodos ou estilos literários, contexto histórico e até mesmo fragmentos isolados das obras, é que partimos do princípio de mostrar o “sabor” da literatura através dos contos de diferentes autores e épocas. Com isso, ganhamos credibilidade e maturidade para introduzir a literatura juvenil e desenvolver uma proposta sustentada pelos pressupostos teóricos da Estética da Recepção.

Apresentamos também, o método recepcional, de Bordini e Aguiar (1998), na sustentação da nossa análise. Esse método é composto por cinco etapas: 1 - Determinação do horizonte de expectativas, etapa em que o professor procura conhecer o cotidiano dos alunos, sua vida, valores, crenças, lazer e leituras; 2 - Atendimento do horizonte de expectativas, momento em que o professor deve proporcionar experiências com textos literários que satisfaçam as necessidades dos alunos, de acordo com o que eles já conhecem; 3 - Ruptura do horizonte de expectativas, momento em que é feita a introdução de novos textos, que abalem as certezas e costumes dos alunos, utilizando uma linguagem que o aluno já conhece, mas diferenciada; 4 - Questionamento do horizonte de expectativas, quando uma comparação é feita em reação ao que o aluno já conhecia e o que considera novo; e 5 - Ampliação do horizonte de expectativas, última etapa do método, momento em que os alunos tomam consciência das alterações e das aquisições obtidas por meio da experiência com a leitura, quando eles percebem que são capazes de adquirir novos conhecimentos. O final dessa etapa é o início de uma nova aplicação do método, que evolui em espiral, sempre permitindo aos alunos uma relação mais consciente com a literatura e com a vida.

A obra escolhida foi *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, pela profundidade histórico/crítico/social, bem como pelo valor estético corroborado por alguns críticos brasileiros. O objetivo proposto foi o de aprimorar no aluno/leitor o impacto da leitura e aferir, pelo método recepcional, o contato e a capacidade de leitura do texto literário, a fim de que ultrapassasse seu horizonte de expectativas (zona de conforto), passando a questionar, posicionar ou discordar da linguagem abordada na obra e ampliando, dessa forma, sua visão de mundo. Diante dessas observações, surgem questionamentos como: o método recepcional, baseado na Estética da Recepção, pode efetivamente contribuir no processo de formação do leitor? Há de se pensar inicialmente que a experiência estética contribui para o processo de formação do leitor e o da redescoberta de acontecimentos anteriores, contudo, compreendemos que:

Caracterizando a experiência estética, Jauss explica por que é lícito pensá-la como propiciadora da emancipação do sujeito: em primeiro lugar, liberta o ser humano dos constrangimentos e da rotina cotidiana; estabelece uma distância entre ele e a realidade convertida em espetáculo; pode preceder a experiência, implicando então a incorporação de novas normas, fundamentais para a atuação na e compreensão da vida prática; e, enfim é concomitantemente antecipação utópica, quando projeta vivências futuras, e reconhecimento retrospectivo, ao preservar o passado e permitir a redescoberta de acontecimentos enterrados (ZILBERMAN, 2010, p. 54).

Para reverberar esses questionamentos, consideramos necessário salientar que o mais importante numa obra não é a interpretação que o leitor faz dela, mas o efeito estético que essa provoca neste. De maneira que, para abarcar esses fenômenos, esquadrimos uma apologia de Lima:

A experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra; menos ainda, pela construção da intenção de seu autor. A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com seu efeito estético, isto é, na compreensão fruidora e fruição compreensiva (2002, p. 69).

Essa compreensão fruidora e fruição compreensiva podem ser assimiladas no percurso do contato de leitor e obra, ou seja, quando identificamos as preferências de

leitura dos alunos; atendemos ao horizonte de expectativas com uma aproximação inicial, criando um vínculo com a faixa etária selecionada; diagnosticamos a existência de possibilidades interessantes de leitura para além daquelas a que os alunos estão acostumados; provocamos o questionamento do horizonte de expectativas com debates sobre a qualidade e a profundidade estética do que leem; mediamos a interpretação acerca dos vazios do texto, daquilo que está insinuado na obra, para que os leitores percebam os objetivos da autora ao escrever, discutindo os diferentes modos de comportamento em diferentes épocas num meio social demarcado por séculos; e, por fim, exploramos o texto a partir da reflexão de que uma das formas de garantir o acesso à formação da personalidade humana é a leitura e a literatura. Por isso, destacamos uma questão:

A arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana em que a relação entre a obra, o autor e o público é indissolúvel: o público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador (CANDIDO, 2011, p. 47).

A teoria da recepção possibilita ao leitor ser ativo, e não passivo como nos demais estudos sobre a literatura. E acrescentamos, diante desse cenário, uma relação dialógica/estética que permeia autor/obra/leitor e resgata o potencial de significado da obra, que intercala fantasia e realidade. Com isso, compreendemos, da mesma forma que Candido, que “a fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc.” (CANDIDO, 1972, p. 83). A pesquisa realizada nos faz pensar que esse é o caminho da função da literatura.

A função da literatura nos humaniza, torna-nos seres pensantes, reflexivos, livres na medida em que nos apropriamos das leituras que estão ao nosso redor. A formação do Homem a partir da literatura permite torná-lo dono de suas próprias decisões e, acima de tudo, mais humano. A teoria da Estética da Recepção, defendida por Jauss, alinha esses feitos e provoca o leitor a um ato de reflexão. Nas palavras de Lima:

Em Jauss, a recepção é sempre o momento de um processo de recepção, que se inicia pelo “horizonte de expectativa” de um primeiro público e que, a partir daí, prossegue no movimento de uma “lógica hermenêutica

de pergunta e resposta”, que relaciona a posição do primeiro receptor com os seguintes e assim resgata o potencial de significado da obra, na continuação do diálogo com ela (2002, p. 134).

A Estética da Recepção parte do pressuposto de que a arte é um fazer, uma construção e, como tal, infunde uma dada relação com o leitor/espectador. Esse diálogo percorre um caminho importante na perspectiva do caráter humanizador, estético e social, uma vez que a leitura possibilita que o leitor guie seu caminho e permita a reflexão e mudança de comportamento do ser. Diante dessa esfera de discussões, Candido confirma que: “O devaneio se incorpora à imaginação poética e acaba na criação de semelhantes imagens; mas o seu ponto de partida é a realidade sensível do mundo, ao qual se liga assim necessariamente” (CANDIDO, 1972, p. 83). Diante disso, compreendemos que a Estética da Recepção concentra seu olhar no leitor, em como esse leitor vivencia a experiência estética proporcionada pelo texto, e avalia em que medida esse texto cumpre seu papel comunicativo, mas sem negar que o texto é um produto histórico materializado pela linguagem estética. Nessa esfera dialógica

A relação entre os textos e os leitores é a origem e o centro de uma das linhas que parecem mais promissoras do progresso futuro deste campo: a de entender as características dos textos como uma proposta de formação e ajuda ao leitor em seu itinerário de acesso à literatura como discurso social, que configura e expressa a experiência humana. (COLOMER, 2003, p. 386).

É interessante salientar que o trabalho realizado acontece no chão da escola, mas convém enfatizar que aqui a literatura não apresenta caráter de formação pedagógica. Não é nosso propósito exaltar o belo, o verdadeiro e o bom, pois Candido assegura que, “A literatura pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, o verdadeiro, o belo, o bom, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida” (CANDIDO, 1972, p. 84). No entanto, sabemos da força que a literatura produz com seu caráter humanizador, sobretudo sobre sua função social.

Destacamos também como suporte teórico da pesquisa, Wolfgang Iser (1996) que apresenta a teoria do efeito estético, estabelecendo uma ponte entre o texto literário com

ênfase na leitura paradigmática do não dito, dotado de um horizonte aberto e o leitor. Além de evidenciar o repertório ficcional, as estratégias textuais, as variantes de leitura, o leitor implícito, os vazios do texto que completam a perspectiva do texto em si e sua recepção pelo leitor, cujo espaço é garantido pela própria obra. Esse leitor é entendido como implícito porque não está concretizado, mas subentendido na configuração do texto. Não se trata, portanto, de uma existência real, mas transcendental:

A concepção do leitor implícito descreve, portanto, um processo de transferência pelo qual as estruturas do texto se traduzem nas experiências do leitor através dos atos de imaginação. Como essa estrutura vale para a leitura de todos os textos ficcionais, ela assume um caráter transcendental. (ISER, 1996, p. 79)

Dessa forma, a recepção não é uma dimensão individual, mas um fenômeno coletivo, resultante das manifestações advindas das interpretações singulares ou grupais. Para Jauss (1994), é como se o leitor fosse se inteirando dos fatos através da leitura e que este estaria intrínseco ao processo, ora na esfera individual, ora na esfera coletiva. Iser (1996), no entanto, preocupou-se com os aspectos estéticos de maneira a tornar o leitor um coautor da obra.

Quando o leitor entra em contato com o texto, este “reveste-se de um caráter histórico e funcional, uma vez que a ficção comunica ao leitor a coerência global da realidade, o horizonte problemático de uma época, filtrado pela sensibilidade do autor e presentificado através da leitura” (FLORY, 2010, p.27). Em face disso, o leitor tem autonomia para adentrar ao texto, pois não se trata de uma cópia pronta e acabada, mas participa no processo de interação e construção de significados através dos vazios do texto. Nesse sentido, há um campo de batalha, onde o prazer prevalece, como nos lembra Bordini e Aguiar:

[...] um campo de plena liberdade para o leitor, o que não ocorre com outros textos. Daí provém o próprio prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais intensa e inteiramente a consciência do leitor, sem obrigá-lo e manter-se nas amarras do cotidiano (AGUIAR e BORDINI, 1998, p.15).

Outros aspectos da Estética da Recepção que nos interessa destacar no trabalho são as categorias: *poiésis*, *aisthesis* e *katharsis*, que englobam elementos da experiência estética. É sabido que a experiência estética passou por longa censura, pois Jauss justifica que “O prazer estético é hoje, ou era até pouco, em geral desprezado como um privilégio da invectiva ‘burguesia culta’. O significado primitivo de ‘prazer’, ‘ter uso ou o proveito de uma coisa’, encontra-se hoje apenas no emprego obsoleto ou especializado” (JAUSS, 1994, p.63). Nessa discussão, o teórico sustenta sua tese sobre a experiência literária fundamentadas no prazer do texto:

Conduta de prazer estético, que é ao mesmo tempo liberação *de* e liberação *para* realiza-se por meio de três funções: para a consciência produtora, pela criação do mundo como sua própria obra (*Poiesis*); para a consciência receptora, pela possibilidade de renovar a sua percepção, tanto na realidade externa, quanto da interna (*Aisthesis*); e, por fim, para que a experiência ao juízo exigido pela obra, ou pela identificação com normas de ação predeterminadas e a serem explicitadas. (JAUSS, 1994, p.81).

Iniciamos pela *poiésis*, que trata do prazer do leitor diante da obra que leu, tornando-se coparticipante dela. Nessa atividade, o leitor alcança um conhecimento que vai além de uma simples interpretação, pois, na compilação de nossa pesquisa, almejamos obter de nossos alunos a característica de um indivíduo leitor ampliando sua consciência produtora. Além disso,

Como afirmação estética fundamental, a *Poiesis* corresponde à caracterização de Hegel sobre a arte, segundo a qual o indivíduo, pela criação artística, pode satisfazer a sua necessidade geral de “sentir-se em casa no mundo”, ao “retirar do mundo exterior a sua dura estranheza” e convertê-la em sua própria obra. Nesta atividade, o homem alcança um saber que se distingue tanto do conhecimento conceitual da ciência, quanto da atividade finalística do artesanato passível de reprodução, (JAUSS, 1994, p. 80).

A segunda categoria da experiência estética, a *aisthesis*, é designada como fator primordial para uma nova visão de mundo, ampliando o horizonte de expectativas do leitor. Segundo Lima (2002, p.101): “Legitima-se, desta maneira, o conhecimento sensível, em face da primazia do conhecimento conceitual”. Assim, a maneira de ver a arte pelo

olhar humano compreende uma recepção prazerosa do objeto estético, como uma visão renovada.

A terceira experiência do prazer estético é a *katharsis*. Ela se mescla entre a *poiésis* e *aisthesis* e, embora tenham funções autônomas, acendem “aquele prazer dos afetos provocados pelo discurso ou pela poesia, capaz de conduzir o ouvinte e o espectador tanto à transformação de suas convicções quanto à liberação de sua psique” (LIMA, 2002, p. 101). Nesse sentido, o processo da leitura é estudado e analisado de todos os ângulos, quer seja em seus valores intrínsecos, nas condições pessoais ou históricas em que se encontram os leitores. No entanto, “[...] a comunicação literária só conserva o caráter de uma experiência estética enquanto a atividade da *poiésis*, da *aisthesis* ou da *katharsis* mantiver o caráter de prazer” (LIMA, 2002, p.103). Dessa forma,

A definição de catarse mostra-a como basicamente mobilizadora: o espectador não apenas sente prazer, mas também é motivado à ação. Esta característica acentua a função comunicativa da arte verbal, que, por seu turno, depende do processo vivido pelo recebedor: o de identificação. Esta é provocada pela experiência estética e leva o sujeito à adoção de um modelo (ZILBERMAN, 2010, p. 57).

É interessante notar que a relação do eu com o objeto causa um estranhamento, pois, diante dessas experiências apresentadas acima, o leitor sente-se instigado no processo da criação. No encontro do eu com o objeto, há um distanciamento, mas que não é suficiente para diferenciar prazer estético da atitude teórica, pois, se olharmos assim, possivelmente haverá um distanciamento. No entanto, apoderamos-nos das palavras de Lima para compreender que:

Em face disso, a atitude estética exige que o objeto distanciado não seja contemplado desinteressadamente, mas que seja co-produzido pelo fruidor à semelhança do que se passa no mundo imaginário, em que entramos como co-participantes – como objeto imaginário (2002, p. 96).

Nesse entrelaçamento de experiências estéticas, compreendemos que, para Jauss, a manifestação histórica possui três funções básicas: *Poiesis*, *Aisthesis* e *Katharsis*, ou “as atividades produtiva, receptiva e comunicativa” (JAUSS, 2001, p.44). Nessa esfera para

que haja uma experiência estética emancipatória de fato, Jauss (1994) propõe que a obra de arte deva possuir essas três funções básicas: a *Poiesis* (produtiva), a *Aisthesis* (receptiva) e a *Katharsis* (comunicativa). Na *Poiesis*, o leitor estabelece uma relação de prazer com a estética ao ocupar o espaço de coautor do texto, a *Aisthesis* que diz respeito em como o leitor recebe a obra, aceitando-a ou rejeitando-a e, por fim, a *Katharsis*, que tem por princípio a capacidade comunicativa da obra, consiste no diálogo entre o leitor e o texto. Para Jauss: “A técnica transparece como *Poiesis*, a comunicação como *Katharsis* e a visão de mundo como *Aisthesis*, na experiência de arte, que afirma a autonomia da ação humana, através das relações sucessivas de domínio” (1994, p. 52). A experiência estética, portanto, só se concretiza quando o leitor é capaz de produzir sua reação essencial: a identificação.

Nesse contexto também nos deparamos com o discurso de Iser, apresentando a concretização como a interação que ocorrem entre o leitor e o texto, com isso os elementos estéticos do texto são desatualizados. Para ele, concretização é um aspecto que diz respeito mais aos elementos estéticos presentes no texto do que em características pré-existentes no leitor. Nesse sentido,

Se os pontos de indeterminação umas vezes devem ser preenchidos, outras, ficar abertos, outros ainda, negligenciados, coloca-se a pergunta pelos critérios que pelo menos orientam este processo. [...] A harmonia polifônica das camadas constitutivas da obra de arte realiza-se na consonância e esta não deve ser dissipada para que possa dar lugar à experiência estética. [...] Se queremos ver neste processo mais do que a tentativa de assegurar ao objeto intencional da obra de arte sua finalidade necessária e se os lugares de indeterminação, a despeito de estarem subordinados à emoção original como o verdadeiro propulsor da concretização, devem ser vistos como condições de comunicação. (ISER, 2001, p. 98).

Outro elemento teórico especulador de nosso trabalho é sustentado por Umberto Eco (2013), a partir da *Obra Aberta*. Podemos salientar que a obra destaca a ambiguidade da mensagem estética e sua abertura para a iniciativa do leitor. Trata-se de um labirinto que tenta dar conta de um mundo de significados. Dessa forma, notamos que “é também aberta, isto é, passível de mil interpretações diferentes, sem que isso redunde em alteração em sua irreproduzível singularidade” (ECO, 2013, p. 40). Com isso, o receptor ocupa um lugar privilegiado, já que a cada fruição o intérprete produz “uma interpretação e uma execução,

pois em cada fruição a obra revive dentro de uma perspectiva original” (ECO, 2013, p. 40).

Conforme o estudioso:

A poética da obra “aberta” tende [...] a promover no intérprete “atos de liberdade consciente”, pô-lo como centro ativo de uma rede de relações inesgotáveis, entre as quais ele instaura sua própria forma, sem ser determinado por uma necessidade que lhe prescreva os modos definitivos de organização da obra fruída; mas [...] poder-se-ia objetar que qualquer obra de arte, embora não se entregue materialmente inacabada, exige uma resposta livre e inventiva, mesmo porque não poderá ser realmente compreendida se o intérprete não a reinventar num ato de congenialidade com o autor. Acontece, porém, que essa observação constitui um reconhecimento a que a estética contemporânea só chegou depois de ter alcançado madura consciência crítica do que seja a relação interpretativa, e o artista dos séculos passados decerto estava bem longe de ser criticamente consciente dessa realidade; hoje tal consciência existe, principalmente no artista que, em lugar de sujeitar-se à “abertura” como fator inevitável, erige-a em programa produtivo e até propõe a obra de modo a promover a maior abertura possível (ECO, 2013, p. 41-42).

Conforme apresentado acima, a obra procura levar ao intérprete um alto grau de ambiguidade, de polissemia, ampliando consideravelmente o horizonte de expectativa que a arte por sua natureza aberta transmite. No entanto, o processo de leitura e interpretação não pode ter um fim definido, pois, como já sabemos, existe a liberdade em transitar pelo texto e fazer uma análise pessoal do conhecimento de mundo, uma vez que o texto esteticamente elaborado tem seus vazios a serem preenchidos pelo leitor.

Para dinamizar esse aspecto, vale ressaltar que Lima apresenta um jogo que permite a inter-relação autor-texto-leitor, “[...] onde os autores jogam com os leitores e o texto é o campo do jogo” (2002, p. 107). Com isso, enfatizamos a teoria de efeito entre texto e leitor na qual Iser (1996) discorre e Eco (2013) sustenta, porém, isso não acontece quando somente o leitor projeta seus anseios e devaneios, mas também quando pensamos nos vazios do texto que o autor deixa de ser preenchidos. Contudo, se não há a percepção do leitor diante desses vazios do texto, é porque não houve a ampliação do horizonte de expectativa. Ferreira ressalta que:

A leitura só se torna um prazer, segundo Iser (1996, p.10), no momento em que a produtividade do leitor implícito entra em jogo, ou seja, quando os textos lhe oferecem a possibilidade de exercer a sua capacidade.

Entretanto, há limites de tolerância para essa produtividade. Eles são ultrapassados quando o autor diz tudo claramente ao leitor ou quando o sentido do que está sendo dito ameaça dissolver-se e tornar-se difuso. Nesse caso, o tédio e a fadiga representam situações-limite, indicando, em princípio, o fim da participação do leitor (FERREIRA, 2009, p.225).

Assim, compreendemos que as teorias apresentadas acima renovam os fundamentos da teoria literária ao fazer surgir a figura do leitor como elemento participativo, levando-o a uma visão crítica e à ampliação do conhecimento de mundo.

3 TRANÇA LITERÁRIA: LEITOR, AUTOR E OBRA NUM AMBIENTE ORNAMENTADO

Me basta começar a haver uma narrativa, [...] com conflitos, antagonismos, crises, personagens de alguma complexidade, com um trabalho de linguagem capaz de criar ambiguidades semânticas, e estratégias de relato que deem margem a situações ricas de plurissignificação, e, pronto acontece: os traços dessa intertextualidade começam a ser sugeridos aqui e ali. São sinais de que aquele texto tem uma densidade de outro tipo e entrou no terreno da literatura porque permite reapropriações múltiplas em diferentes leituras. (MACHADO, 2011, p.91).

3.1 Por que Ana Maria Machado?

Para desenvolver as pesquisas relativas a esse projeto, escolhemos a autora Ana Maria Machado, uma vez que esta é considerada pela crítica como uma das mais versáteis e completas escritoras brasileiras contemporâneas. A carioca ocupa a cadeira número um da Academia Brasileira de Letras, que presidiu de 2011 a 2013.

A motivação da escolha também se deu por verificar através do site da autora que ela possui mais de 100 (cem) livros publicados, dos quais nove romances e oito de ensaios, mais de vinte milhões de exemplares vendidos, publicados em vinte idiomas e 26 (vinte e seis) países. Além disso, conquistou vários prêmios ao longo da carreira, entre eles, três “Jabutis” e o “Machado de Assis”, da Academia Brasileira de Letras - ABL em 2001 pelo conjunto da obra. Ainda, o “Machado de Assis”, da Biblioteca Nacional, para romance; o “Casa de Las Américas”, em 1980, de Cuba; o “Hans Christian Andersen”, internacional, pelo conjunto de sua obra infantil (2000); o “Príncipe Claus”, da Holanda; o “Ibero-americano”, de Literatura Infantil juvenil, em 2012; o “Zaffari & Bourbon”, em 2013, por melhor romance do Biênio em língua portuguesa.

Consideramos importante trazer à tona a biografia da autora para compreender sua trajetória histórico-social. Ana Maria nasceu em Santa Tereza, Rio de Janeiro, em 24 de dezembro de 1941. É casada com o músico Lourenço Baeta, do quarteto Boca Livre, tendo o casal uma filha. Do casamento anterior com o médico Álvaro Machado, Ana Maria teve dois filhos. Estudou no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no MOMA de Nova

York. Essa trajetória contribuiu para o crescimento intelectual da artista, pois participou de salões e exposições individuais e coletivas no país e no exterior. Formou-se em Letras Neolatinas, em 1964, na então Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, e fez estudos de pós-graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

Outra questão que merece destaque é o fato de sua carreira profissional estar ligada à literatura, uma vez que deu aulas na Faculdade de Letras na UFRJ (Literatura Brasileira e Teoria Literária) e na Escola de Comunicação da UFRJ, bem como na PUC-Rio (Literatura Brasileira). Além de ensinar nos colégios Santo Inácio e Princesa Isabel, no Rio, e no Curso Alfa de preparação para o Instituto Rio Branco, também lecionou em Paris, na Sorbonne (Língua Portuguesa), na Universidade de Berkeley, Califórnia – onde já havia sido escritora residente – e ocupou a cátedra Machado de Assis em Oxford.

A pesquisa se fortalece quando observamos que a obra escolhida para trabalhar em sala de aula apresenta aspectos sociais e coopera na humanização do ser. Dessa forma, discorreremos sobre um momento importante na vida da autora. No final de 1969, depois de ser presa pelo governo militar e ter diversos amigos também detidos, deixou o Brasil e partiu para o exílio. Na bagagem para a Europa, levou cópias de algumas histórias infantis que estava escrevendo, a convite da revista *Recreio*. Lutando para sobreviver com seu filho Rodrigo ainda pequeno, trabalhou como jornalista na revista *Elle* em Paris e no Serviço Brasileiro da BBC de Londres, além de se tornar professora de Língua Portuguesa em Sorbonne. Nesse período, participou de um seleto grupo de estudantes, cujo mestre era Roland Barthes, e terminou sua tese de doutorado em Linguística e Semiologia sob a sua orientação, em Paris. A tese resultou no livro *Recado do Nome* (1976) sobre a obra de Guimarães Rosa. Paralelamente, nunca deixou de escrever as histórias infantis, que continuavam a ser publicadas pela revista e só a partir de 1976 passaram a sair em livro.

Quando voltou ao Brasil no final de 1972, começou a trabalhar no *Jornal do Brasil* e na *Rádio Jornal do Brasil*, cujo departamento de Jornalismo chefiou de 1973 a 1980, numa gestão que deixou marcas entre os ouvintes pela ousadia e inventividade com que soube animar uma equipe jovem no enfrentamento cotidiano contra a censura da ditadura. Como jornalista, trabalhou também no *Correio da Manhã*, n' *O Globo*, e colaborou com as revistas *Realidade*, *IstoÉ* e *Veja* e com os semanários “O Pasquim”, “Opinião” e “Movimento”.

Continuando a escrever para crianças, em 1977, ganhou o prêmio “João de Barro” pelo livro *História Meio ao Contrário*. O sucesso foi imenso e levou à publicação de muitos livros até então guardados na gaveta. Dois anos depois, junto de Maria Eugênia Silveira, decidiu abrir a Malasartes, a primeira livraria infantil do Brasil, que codirigiu por 18 anos, apostando na inteligência do leitor, na criteriosa seleção dos títulos a partir de um conhecimento acumulado, na liberdade de escolha, na convicção de que ler livro bom é uma tentação irresistível e um direito de toda criança. O sucesso foi tal que, daí a um ano, só no Rio de Janeiro, haviam 14 livrarias que buscavam seguir o mesmo modelo. A obra que iremos analisar, *Bisa Bia, Bisa Bel* (2002), foi escrita em 1981 e traduzida na França, Espanha, México, Alemanha e Suécia. Responsável por vários prêmios nacionais e internacionais.

A autora foi escolhida por ser considerada importante, por ganhar vários prêmios, ser destaque até mesmo internacionalmente e reconhecida por sua competência. Também foi escolhida por estar acessível ao público juvenil e fazer parte do *FNDE* presente na escola.

Além do destaque que a autora recebe no cenário nacional, podemos dizer que a pesquisa que ora se apresenta, sustenta-se em outro elemento que está presente na própria escola em que a pesquisadora atua, que é o Projeto “Literatura em Minha Casa” do governo Federal. Com a existência desse projeto podemos encontrar na biblioteca da Escola Estadual “Professor João Batista” pelo menos 15 exemplares da obra *Bisa Bia Bisa Bel* disponível para consulta e leitura dos alunos.

3.2 Um elemento importante do “Projeto Literatura em Minha Casa”

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha só para depois ter o susto de tê-lo. Horas depois o abri, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. (LISPECTOR, 1998, p. 41-42).

Começo com Clarice Lispector, porque ela discorre com maestria sobre a importância da literatura inserida em casa e compreendemos que, em dias atuais, há necessidade de a escola desempenhar seu papel no incentivo à leitura. O livro *Bisa Bia, Bisa Bel* foi escolhido em 2002 para fazer parte do “Projeto Literatura em Minha Casa”, motivo pelo qual facilitou o acesso à obra na escola pública.

O “Projeto Literatura em Minha Casa” foi criado em 1997, sob a gestão do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Todavia, o PNBE foi suspenso em 2014. Apesar da suspensão, as obras que compõem seus acervos estão disponíveis nas bibliotecas e/ou salas de leitura da rede pública. Segundo os dados do governo, ele é responsável pela execução de políticas educacionais do “Ministério da Educação” (MEC) e tem como principal objetivo apoiar no exercício da reflexão, da criatividade e da crítica, por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, pesquisa e referência, além de garantir o acesso à informação e à cultura, o incentivo à formação do leitor na escola e na comunidade. Assim, sua finalidade é a de viabilizar a diversidade das fontes de informação das escolas públicas brasileiras, contribuindo para o aprimoramento da consciência crítica dos alunos, professores e comunidade em geral.

Então, podemos notar que o projeto “Literatura em Minha Casa” contribuiu na escolha da obra, uma vez que para fazer parte do projeto precisa passar por uma avaliação criteriosa. Nesse sentido, acreditamos estar trabalhando com uma obra esteticamente elaborada. Para tanto, buscamos em outros pesquisadores que se debruçaram sobre a mesma obra um respaldo para sustentar nossas discussões sobre a qualidade do livro.

3. 3 *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado: uma obra esteticamente elaborada

A obra *Bisa Bia, Bisa Bel* (2002), encontrada no cenário do “Projeto Literatura em Minha Casa”, amplia o encontro da obra com o leitor, principalmente o público juvenil presente nas escolas públicas. A obra em destaque foi publicada pela Editora Moderna, volume três, classificada como novela, sob a coordenação editorial de Maristela Petrili de

Almeida. No complemento das ilustrações, temos a autoria de Regina Yolanda. Segue a capa para observação:



O livro possui formato vertical, mais alto que largo, tem 20 cm de altura e 5,5 de largura, 26 cm aberto. A capa está representada por um objeto possivelmente utilizado com mais frequência por mulheres do século XIX, um leque colorido. O plano de fundo traz uma cor levemente amarelada carcomida pelo tempo com uma tarja verde escura acima do leque com a apresentação do gênero textual, novela, embora no decorrer da narrativa observamos que se trata de uma obra híbrida.

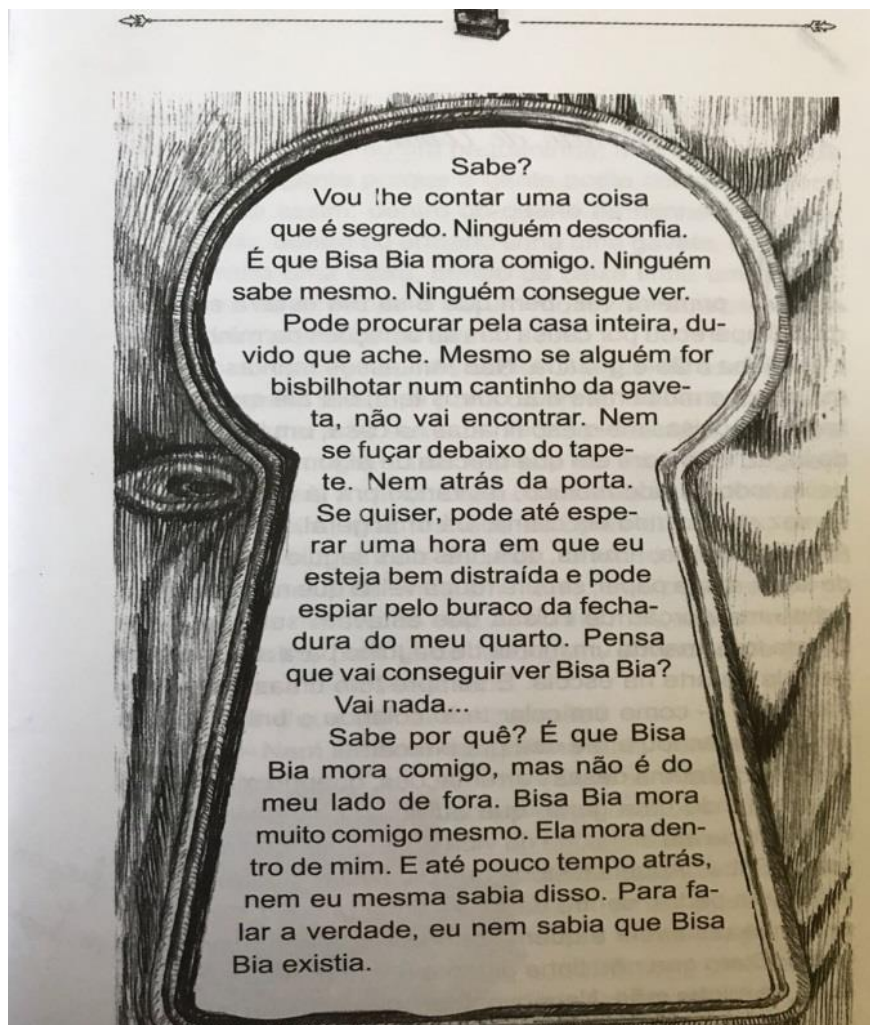
O leque em destaque vem colorido com ramos floridos em vermelho e verde, detalhe de madeira, acabamento lilás e um fundo amarelado, fazendo alusão a um período longínquo em que está inserida a Bisa Bia, personagem relevante da obra.

A escrita inicial anuncia que a obra faz parte do projeto “Literatura em minha casa” vem descrita em movimento, possivelmente mostrando um caminho de leitura, aquela que pode ser desenvolvida em casa e avançada para os confins da terra. Ao final da escrita aparece o desenho da casa com a imagem de uma chaminé verde, levando-nos a pensar que se trata de um caminho de esperança para fluir o conhecimento vindo do interior da casa. Na contracapa aparece a mesma imagem da capa, mas em preto e branco, provavelmente fazendo a ponte de um tempo moderno em que está Izabel, levando-nos a um tempo remoto em que vivia a personagem Bisa Bia. Na sequência, há uma carta dedicada aos leitores:

Num livro bem escrito como Bisa Bia, Bisa Bel, nos sentimos tão contagiados pela narrativa que parece que a história se passa com a gente. Ficamos íntimos dos personagens. Temos a impressão de que o que acontece nas páginas do livro acontece na nossa vida. Torcemos, choramos, ficamos tristes quando acontecem coisas ruins, ficamos contentes e felizes quando acontecem coisas boas...
Esta é a beleza da literatura, não é mesmo? (LAJOLO, 2002, p. 3).

Notamos que a questão que se coloca é a do encantamento, da memória e da imaginação dos leitores juvenis. Para tanto, procuramos analisar o conjunto da obra, o dialogismo entre imagem e texto numa obra considerada híbrida.

No prólogo, o conteúdo ultrapassa o texto verbal e alcança uma integração harmoniosa e efetiva de uma obra em profundidade, pois apresenta neste momento a ilustração de uma fechadura com um olho a esquerda. Essa ilustração segue os modelos tradicionais, apresentando-se de forma discreta em preto e branco. Contudo, reforça o convite da narradora e desperta a curiosidade do leitor, nos limites de um buraco de fechadura que ocupa toda a página inicial, como se vê na imagem a seguir:



O olhar através do orifício de uma fechadura é olhar para dentro, em profundidade. Esse efeito revela-se no segredo pronunciado no final do prólogo. Vera Maria Tietzmann Silva, na obra *Literatura Infanto-Juvenil: seis autores, seis estudos* (1994), afirma que, “Isso significa que os extremos de abertura e fechamento se tocam. Arredonda-se, pois, na narrativa, numa réplica sutil à forma circular ou, antes, oval, tantas vezes presente no decorrer da história” (SILVA, 1994, p.115). É possível ressaltar que é essa a forma simbólica da vida e da plenitude, uma vez que o círculo vitalício entre as personagens nos leva a refletir no ciclo da vida entre bisavó e bisneta/bisavó e bisneta numa dimensão contemporânea.

Bisa Bia, Bisa Bel é uma narrativa curta, distribuída em oito capítulos escritos em 63 páginas. Cada capítulo traz a letra inicial maiúscula desenhada, possivelmente fazendo referência às letras dos bordados que a Bisa Bia fazia em seus lenços. Entretanto, a autora

explica que “Se procurar nos meus guardados ainda acho uns com bordados. Tenho até um que foi de minha mãe, com monograma” (Machado, 2002, p.46). Podemos associar o início de cada capítulo a um monograma apresentando marcas de um bordado tradicional alinhavado numa linguagem contemporânea. Esses traços talvez tenham sido projetados pela riqueza de suas representações e dialogia. Portanto, acreditamos que isso também possa cativar o leitor tanto juvenil quanto adulto, por lhes oferecer diferentes níveis de fruição. A obra está recheada de ilustrações em preto e branco que permite compreender o texto verbal e não verbal em interação com o leitor, tornando-o num ser crítico perante a realidade. Na última página, aparece uma foto da escritora Ana Maria Machado em preto e branco e sua biografia. Destacamos nesse contexto uma fala da autora, explicando um dos motivos de inspiração na criação da obra:

Quando escrevi *Bisa Bia, Bisa Bel* só estava era com muita saudade de minhas avós. Vontade de falar sobre elas com meus dois filhos. Não imaginava que pouco depois ia ter uma filha e essa linhagem feminina ainda ia ficar mais significativa para mim. Nem que a história ia fazer tanto sucesso, ganhar prêmios, ser escolhida como um dos dez livros infantis brasileiros essenciais, ser traduzida pelo mundo afora e, sobretudo, tocar tantos leitores (MACHADO, 2002, p. 63).

A visão em perspectiva da narrativa é que há um narrador personagem. Ao observar a amplitude desse fenômeno literário, como marca substancial, de uma obra esteticamente elaborada, deparamo-nos com as marcas desse narrador e suas significações na construção de uma identidade, mas de maneira natural. A narrativa é envolvente e nos leva a pensar nas palavras de Walter Benjamin:

Quanto maior a naturalidade com o que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ela cederá à inclinação de recontá-la um dia. (BENJAMIM, 1994, p. 203).

No entanto, a história parece se passar com todos nós. Torna-nos íntimos do texto e nos dá liberdade para participar dele. Assim, Eco afirma, “o autor oferece, em suma, ao fruidor uma obra a acabar: não sabe exatamente de que maneira a obra poderá ser levada a

termo, mas sabe que a obra levada a termo será, sempre e apesar de tudo, a sua obra” (ECO, 2013, p.62). Dessa forma, consideramos *Bisa Bia Bisa Bel* como uma obra aberta, onde o leitor pode adentrar aos vazios do texto e preenchê-los como forma de prazer, de reflexão e até mesmo de aprendizado, transformando-se em coautor do texto.

Para compreender a trajetória das personagens, apropriamo-nos da personagem Isabel, uma vez que no processo de construção da identidade, enquanto narrador-personagem, ela vai questionando, indagando e tirando conclusões a respeito da sua identidade, conforme se vê a seguir:

- Por que minha avó é Almeida e eu sou Miranda?
 - Porque quando sua avó casou, ficou sendo Ferreira, e eu nasci sendo Ferreira. Mas quando casei, fiquei sendo Miranda, que é o sobrenome do seu pai.
 - Mas eu quero ter o mesmo sobrenome de você, da vovó e da Bisa Bia.
 - Não pode, filha, cada um de nós ficou com um sobrenome diferente. Mulher quando casa é assim.
 - Meu pai, meu avô e meu bisavô, todos têm o mesmo sobrenome?
 - Do lado dele, tem... Porque são homens.
 - Eu não quero.
 - Não quer o quê? Não quer casar?
 - Não quero mudar meu sobrenome.
 - Isso você resolve mais adiante com o seu marido.
- Mas eu estava decidida mesmo:
- Não. Já resolvi. O nome é meu. Desde que nasci.
- Meu marido nem me conhece não tem nada a ver com isso (MACHADO, 2002, p. 47)

No percurso da narrativa, entrelaçada de vozes entre a bisavó e as bisnetas, que remete à memória da Bel, temos a mãe, que é a responsável por apresentar parte dos relatos da memória expressos na obra.

Bel caracteriza-se por sua personalidade autêntica e, quando confronta os costumes da época da bisavó e discorda dos pensamentos de Neta Beta, possivelmente desperta sua consciência nessa justaposição de conflitos. Esse diálogo se torna crescente, uma vez que há a necessidade do outro para que se crie sua própria identidade. Bakhtin (2003) corrobora para compreendermos essa transformação com a seguinte afirmação:

Eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro. Os atos mais importantes, que constituem a autoconsciência, são determinados pela relação com outra consciência (com o tu). A separação, o desligamento, o ensimesmamento como causa central da perda de si mesmo. Não se trata do que ocorre dentro, mas na fronteira entre a minha consciência e a consciência do outro, no limiar. Todo o interior não basta a si mesmo, está voltado para fora, dialogando, cada vivência interior está na fronteira, encontra-se com outra, e nesse encontro tenso está toda a sua essência. É o grau supremo da sociabilidade (não externa, não material, mas interna) (BAKHTIN, 2003, p. 341).

As personagens apresentam hábitos, costumes e valores de diferentes épocas, através de uma narrativa entrelaçada de vozes entre passado, presente e futuro que, para Izabel, a narradora personagem, é uma tarefa importante a ser resolvida na construção da sua personalidade, na sociedade de sua época.

Embora a obra *Bisa Bia, Bisa Bel* classifique-se como literatura infantojuvenil, ela é apreciada pelo público adulto e até mesmo pela terceira idade. Uma vez que o cenário atual permite uma maior abertura a influências múltiplas, questões com as quais são as fronteiras entre literatura destinada ao público infantojuvenil e adulto e sobre faixas etárias de leitores que passaram a ser pensadas com mais vigor: “Embora a tendência nos países ocidentais desde meados do século XX fosse de distinguir nitidamente entre literatura infantil e adulta, hoje não tem acontecido sempre, nem é um caso universal. Muitas vezes, as fronteiras são bastante indefinidas ou mesmo inexistentes” (Beckett, 2009, p.87). As literaturas editadas para diferentes públicos teriam mais pontos de intersecção, o que traz para o primeiro plano o lugar de objeto literário dos livros destinados para crianças e jovens. Podemos pensar que a obra analisada na pesquisa se afirma como material estético, independentemente da faixa etária a alcançar e seja vista pelo leitor como um convite ao pensamento, alargando a noção de literatura infantojuvenil. Ao passo que dialogando com:

O fenômeno *crossover* levanta uma pergunta muito básica, mas essencial: existe a idade correta para ler um livro? O mesmo fenômeno responde à pergunta: definitivamente não. Por que a idade seria um pré-requisito da leitura? Os leitores não podem ser agrupados em categorias de idade rigidamente definidas. [...] Livros *crossover* transcendem as barreiras convencionalmente reconhecidas dentro do mercado de ficção. Eles demonstram uma habilidade notável na forma narrativa para ultrapassar

as idades, desafiando nossas classificações de escritor, leitor e texto (BECKETT, 2009, 270, grifo do autor).

Na obra *Bisa Bia Bisa Bel* temos uma personagem central como juvenil, em que se relaciona com outros também da sua idade. Portanto, nesse trabalho, consideramos pertinente utilizar a nomenclatura de literatura juvenil devido à clareza na narrativa. “Todo dia, quando eu chego do colégio, é a mesma coisa. Largo a pasta em cima da cama, tiro o uniforme, ponho uma roupa boa de brincar, como qualquer coisa e vou encontrar a turma na esquina da rua”. (Machado, 2002, p.17). As reflexões de Bel situam-se no limite que separa a infância da adolescência, dessa forma, observamos no entorno da narrativa um saudável equilíbrio, assumindo roupas, atitudes e brincadeiras de moleque, na qual Bel faz sem abrir mão de sua espontaneidade. A poeticidade do excerto, evidente no jogo de sedução, premeditado e ardiloso, que a bisavó quer lhe ensinar é rejeitado em favor da maturidade que mostra ser um método eficiente no relacionamento interpessoal, contudo, conforme a perspectiva de Zilberman (2003) sobre a literatura infantojuvenil, para quem esta, assim como qualquer outro texto literário, “precisa integrar-se ao projeto desafiador próprio a todo fenômeno artístico” (Zilberman, 2003, p.176). O realismo mágico e a simbologia presentes na narrativa a reafirmam como arte literária, uma vez que escrever literatura é sempre um ato estético. Extrapolando sua especificidade estética, através de suas características próprias, a obra estudada também aciona as emoções do leitor, mas fazendo disso uma consequência e não uma finalidade.

Essa obra abre vários caminhos e possibilidades de análises. Vera Tietzman afirma que “se quiséssemos definir *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, em poucas palavras, poderíamos dizer que é uma narrativa em profundidade” (SILVA, 1994, p.113). Conseguimos observar essa profundidade quando há o desligamento da consciência de Bel e o contato com a consciência da bisavó e da bisneta. Portanto, entre tantos “papos explicativos” (MACHADO, 2002, p. 30), essa trajetória feminina dialoga entre um século e outro apresentando semelhanças e dessemelhanças no falar e no agir, permeando as experiências vividas. Neste contexto, Bergami (2015) destaca a seguinte afirmação:

[...] atentando-se às vozes que, direta ou indiretamente, se fizeram ouvir, foi dada visibilidade a elementos textuais, sinalizadores da trajetória feminina de três gerações de mulheres. Esses seres, representados pelas personagens Bisa Bia, Isabel e Neta Beta, deixaram ecoar suas vozes que,

em trança, ora concordando umas com as outras, ora se contrapondo, imprimiram na narrativa distintas formas de pensar sobre si mesmas e sobre o mundo em que vivem (BERGAMI, 2015, p. 102).

A obra *Bisa Bia Bisa Bel*, mesmo sendo escrita na década de 1980, parece-nos atual, uma vez que os diálogos e questionamentos se cruzam em três tempos distintos e encontramos na contemporaneidade inseridos neles. O leitor fica tão à vontade em contato com a obra que acaba envolvendo-se com as personagens. Os diferentes modos de pensar e agir das personagens leva-nos a compreender as relações familiares existentes nos dias atuais. Vera Maria Tietzman Silva, em sua obra *Literatura Infanto-Juvenil* (1994), faz uma crítica em relação à obra em destaque de Ana Maria Machado e apresenta o seguinte:

O equilíbrio não lhe chega suavemente, porém, Bel confronta sua vontade tanto com a de Bisa Bia quanto a de Neta Beta. Do confronto com a primeira, conclui-se que, pelo menos no tocante à distribuição de papéis entre os sexos, o mundo evoluiu para uma atitude mais livre e menos preconceituosa em relação às mulheres; do confronto com a segunda, conclui-se que é julgamento apressado e pouco sensato descartar o passado sem critérios (SILVA, 1994, p. 125).

Podemos arriscar dizer que esse “equilíbrio que não chega suavemente” faz-se necessário para a personagem Bel se autoconhecer e aos poucos ir construindo sua identidade. Por isso as divergências de pensamentos e comportamentos estão lado a lado, construindo o tempo presente.

Com uma linguagem poética, interessa-nos observar que a personagem, mesmo agindo a seu modo, aos poucos, vai aprendendo com a bisavó, mesmo não concordando com seu ponto de vista, como o narrador nos apresenta:

Só que ela não queria entrar no bolso do short. Tentei com jeitinho, não consegui. Experimentei com força. Nada! Mas Bisa Bia é muito teimosa, aos poucos vou aprendendo. Entrar no bolso, ela não entrou. Mas como ela não gosta emburrou. Ficou dura. Eu acho que, com boa vontade eu era até capaz de conseguir andar e correr com uma bisavó dura no bolso de trás do short. Mas eu não ia conseguir era me divertir, sabendo que tinha uma menininha linda toda aborrecida, fazendo jeito de dura, só porque estava presa no meu bolso (MACHADO, 2002, p. 18).

Ana Maria Machado resgata valores de um tempo passado, registrado na história, fazendo alusão à época da bisavó, e descobre a identidade de um tempo presente através da personagem Isabel, questionando os papéis sociais. No entanto, aparece uma personagem contemporânea, representada através de Neta Beta, entrelaçando o tempo e o espaço numa trança de gente. A literatura tem suas magias e, nas palavras de Candido, está claro que a literatura não é estática, ela “desenvolve em nós a quota da humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. (CANDIDO, 2011, p.182).

Segundo Antunes e Pereira (2004), a obra *Bisa Bia, Bisa Bel* (2002) apresenta “uma estrutura de encaixamento metaforizada” (ANTUNES; PEREIRA, 2004, p.57) e ilustra essa afirmativa a partir da descrição de Ana Maria Machado: “Aquele história que diz assim: dentro do mar tinha uma pedra, dentro da pedra tinha um ovo, dentro do ovo tinha uma vela e quem soprasse a vela matava o gigante” (MACHADO, 2002, p.07). Essa ilustração mostra bem a força da autora, opta por uma narrativa em profundidade em que a história dentro da história nos leva a um jogo de espelhos refletindo o passado e o presente, o individual e o coletivo, o real e o imaginário, em busca de uma consciência histórica. É pertinente dizer que:

Da coincidência entre o mundo representado no texto e o contexto do qual participa seu destinatário emerge a relação entre a obra e o leitor, pois, quanto mais este demanda uma consciência do real e um posicionamento perante ele, tanto maior é o subsídio que o livro de ficção tem a lhe oferecer, se for capaz de sintetizar, de modo virtual, o todo da sociedade (ZILBERMAN, 2003, p. 27).

São inúmeros os trabalhos e pesquisas realizadas a partir da obra escolhida *Bisa Bia, Bisa Bel*. Dessa forma, justificamos a obra como realmente dotada de valor estético, uma vez que esta não apresenta traços nem metas pedagogizantes.

4 SABERES COMPARTILHADOS: CONFIGURAÇÕES DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NA OBRA *BISA BIA, BISA BEL*

A leitura de bons livros, além de toda a força da experiência estética vivida, de intenso conteúdo emocional, nos dá algo extraordinário: ensina a tolerância a cada indivíduo e nos facilita o convívio com a diversidade cultural e social (MACHADO, 2011, p. 27).

4.1 Quem são os receptores da obra?

Para conhecer o público leitor da obra *Bisa Bia Bisa Bel*, de Ana Maria Machado e estudantes da Escola Estadual “Professor João Batista”, realizamos os questionários sociocultural e socioeconômico. No primeiro momento, diagnosticamos o que constitui o horizonte de expectativa, isto é, o meio social do leitor, a posição que ele ocupa na sociedade e as pessoas que o acompanham, o meio intelectual, o meio ideológico, incluindo seus hábitos e costumes, a linguística de que se utiliza, isto é, o cuidado que ele tem com a língua, se preza pela norma culta ou não, decorrente de seu nível de instrução e o meio literário, proveniente das leituras que já fez no decorrer de sua existência, definindo, assim, suas preferências, temas e assuntos que mais lhe interessam.

Nessa etapa, foi feito o levantamento dos valores que os alunos prezavam, compreendendo suas preferências diante do exposto acima. Os nomes dos alunos são fictícios. A caracterização foi feita com o nome fictício, a idade e o gênero, sendo M para masculino e F para feminino, não sendo especificada a série porque todos pertenciam ao 9º ano no momento da pesquisa.

Diante do questionário sociocultural e econômico, podemos perceber que a maioria dos alunos entrevistados mora em casa própria. As casas se dividem ao entorno e em bairros mais distantes da escola. Na maioria das famílias pesquisadas, quatro ou mais membros moram na mesma residência, sendo diversificada entre moradias simples e mediana, situada na zona urbana. Embora algumas residências sejam simples, não faltam os eletroeletrônicos de maior necessidade. Segundo o questionário, todas as casas têm geladeira (algumas até duas), televisão, algumas em tela plana e há mais de uma também, acompanhada de TV por assinatura na maioria delas. DVD não há em todas as casas, e com isso percebemos que se trata de um aparelho ultrapassado, que a maioria não utiliza

mais. Máquina de lavar todas têm e em algumas ainda há duas, acrescentando o conhecido “tanquinho”. O celular está presente em todos os lares, sendo na maioria um exemplar para cada membro da família, mas nem todos têm acesso à internet. Os computadores nem todas as casas possuem, mas está presente na maioria e com *internet*, o que pode contribuir para ajudar nas atividades de pesquisa. Um dos meios de transporte mais utilizados é a bicicleta, porém há um percentual significativo que diz andar a pé, com exceção dos que têm moto ou um carro. Os pais trabalham em funções variadas, desde gari a advogado, incluindo o que mais predomina que são os trabalhadores de fazendas. Segundo o questionário, há somente um desempregado. Em torno de 50% (cinquenta por cento), as mães trabalham no serviço do lar, sem ter nenhuma remuneração, embora a outra metade se divida em funções variadas.

Os alunos, na sua maioria, dizem gostar de estudar, mas quando analisamos o questionário, vemos que a maioria leu em torno de dois a três livros no ano de 2017, número considerado baixo para um público que estava participando de um projeto de leitura na escola. Considerando que eles disseram estudar entre uma a duas horas por dia em casa, enxergamos o limiar de um novo horizonte ao que estamos acostumados ver. A expectativa aumentou ainda mais quando perguntamos sobre o nível de estudos que querem alcançar, e a maioria disse que gostariam de um dia chegar ao doutorado. Com essa resposta, voltamos ao objetivo do projeto “Chá Literário”, que trouxe a proposta de aproximar a universidade ao chão da escola, fazendo com que o aluno despertasse o interesse em ir além da educação básica e percorrer os diferentes caminhos do saber.

Segundo o questionário, quem mais incentiva esses alunos a ler são as mães e não os professores, porém, segundo os próprios alunos, aquelas não têm o hábito da leitura, e o momento da leitura acontece em sala de aula. Observamos também que a maioria vai à biblioteca porque gosta de ler e não porque é obrigado. Com isso, percebemos uma incoerência diante das respostas. Gostam de ler, mas ainda há pouca leitura dos alunos, uma vez que em sala de aula eram feitas as leituras de contos para adequar ao tempo. Nesse percurso, a maioria dos alunos leu por completo pela primeira vez uma obra de literatura juvenil brasileira, quando leram *Bisa Bia Bisa Bel*; outros, nem essa obra conseguiram ler na íntegra, e outros, ainda, leram o livro virtual, sem considerar os aspectos da ilustração. Quando perguntamos sobre o tipo de livro que mais gosta,

responderam que era aventura e suspense, características mais marcantes nos contos lidos por eles e não na obra.

Conhecer a realidade do público que trabalhamos é fundamental, pois a teia do mundo e a linguagem que é rebatida ficam pinçadas, por associações da memória e de textos, que alinhavam uma história que vem antes e segue por nossas mãos tricotadas compartilhando saberes.

Diante das teorias apresentadas no segundo capítulo, verificamos o quanto o indivíduo é parte essencial para que o processo da leitura e da compreensão aconteça, pois é o leitor que dá sentido à obra diante da sua história de vida e de leitura. Foi pensando nisso que nos propusemos a utilizar o método recepcional com um grupo de alunos da Escola Estadual “Professor João Batista”, oferecendo-lhes primeiramente a leitura de contos regionais, uma vez que este grupo encontrava-se totalmente desmotivado à leitura, e, após seis meses de leitura dos contos, introduzimos a obra juvenil de Ana Maria Machado, conforme vimos no terceiro capítulo, reputada pelo FNDE e também por nós, enquanto pesquisadores, como uma obra esteticamente elaborada, dando aos alunos a possibilidade de leituras e discussões sobre tal obra, para assim percebermos se estes conseguem preencher os vazios do texto e permitir que este amplie seus horizontes de expectativas, fazendo diferença no seu cotidiano. Para tanto, utilizamos, como já foi dito, o método recepcional, segundo os pressupostos de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar, presentes no livro *Literatura – A formação do leitor* (1998), que estão diretamente ligados à Estética da Recepção de Jauss e Iser. Sendo assim,

A atitude de interação tem como pré-condição o fato de que texto e leitor estão mergulhados em horizontes históricos, muitas vezes distintos e defasados, que precisam fundir-se para que a comunicação ocorra. São estes os quadros de referências antes aludidos, a que Hans Robert Jauss chama de *horizontes de expectativa* (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 83, grifo do autor).

Nessa perspectiva utilizamos o método recepcional como mediador com a intenção de conhecer a realidade dos leitores/alunos e, a partir desta, organizamos a execução do trabalho em pelo menos cinco etapas.

4.1.1 Determinação do horizonte de expectativas

Para determinar o horizonte de expectativas, fez-se necessário um contato mais próximo com os alunos por meio de reuniões com o grupo de pesquisas sobre a situação avaliativa destes na instituição escolar, questionários, além de diálogo com a técnica responsável do atendimento à biblioteca para observar a frequência dos alunos neste ambiente.

Em relação ao meio literário, ficou claro pela maioria que os alunos têm o apoio dos pais para a leitura, embora não sejam exemplos de leitores que têm em casa como modelo a ser seguido. Os professores, de maneira geral, não são os maiores incentivadores da leitura. Alguns disseram que, entre eles, apenas a professora de língua portuguesa motivava-os para este fim. Em reunião com os alunos, estes disseram que o projeto “Chá Literário” foi um ponto positivo para despertar o interesse no mundo da literatura. O PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola apresenta dois projetos estimulando a leitura, um direcionado ao público do 3º ao 5º ano intitulado “Da Emoção de Ler a Descoberta do Prazer”, o outro envolve o público do 9º ano e Ensino médio intitulado “Chá Literário”, ambos descritos no primeiro capítulo deste trabalho. Assim, os alunos demonstraram dar seus primeiros passos na descoberta do universo literário.

A biblioteca da escola, conforme apresentada no primeiro capítulo deste trabalho, é um espaço pequeno para reunir um grupo de 35 (trinta e cinco) alunos para realizar estudos, pois neste ambiente há apenas duas mesas, sendo um lugar insuficiente para acolher um grupo numeroso. Há uma técnica atendente, solícita, e um professor pedagogo em desvio de função que auxiliou na organização dos empréstimos das obras para que o grupo de alunos tivesse acesso a elas. A técnica estava sempre informando a professora pesquisadora sobre a procura de livros para leitura. Essa informação era registrada em fichas individuais para controle dos empréstimos dos livros. Ao observar a ficha de alguns alunos, notamos que há uma quantidade maior de livros lidos do que respondido no questionário. É possível que alguns livros fossem levados para casa, mas não fossem lidos, assim, agregamos informações para conhecer melhor o grupo de estudantes.

A coordenação tem demonstrado interesse em apoiar os projetos de literatura outrora realizados no chão da escola, embora não consiga acompanhar como deveria o

fazer pedagógico escolar, devido às inúmeras funções exercidas por este cargo. Dessa forma, notamos uma defasagem no acompanhamento da leitura nessa função.

Para determinar o horizonte de expectativa dos alunos pesquisados foi feito todo esse levantamento visto até então do contexto sociocultural e econômico, como também um levantamento do que foi lido no ano de 2017 pelos alunos da Escola Estadual “Professor João Batista”, conforme relatado acima. Nesse momento, concluímos que os gêneros mais procurados foram suspense, aventura, contos, e nestes as obras mais lidas foram as de contos, por se tratar também de leituras curtas, além de serem histórias que tratam de seres imaginários pertencentes à literatura e de fatos relacionados à vida real, aventuras, injustiças sociais, entre outros.

4.1.2 Atendimento do horizonte de expectativas

Através dos resultados dos dados colhidos na etapa anterior, foi possível verificar que os interesses se dividiam, então mostramos aos alunos alguns livros citados no primeiro capítulo para que escolhessem qual gostariam de ler. A maioria elegeu *Bisa Bia Bisa Bel*; outros optaram por continuar lendo obras de contos, mas aceitaram o desafio de participar dessa leitura. Dessa forma, imaginamos que esta obra supostamente atenderia ao horizonte de expectativas dos alunos pesquisados. A partir desse interesse, organizamos uma reunião com um grupo de 35 alunos participantes. A técnica da biblioteca participou também e disse que havia apenas 15 exemplares da obra e que, em função disso, iria fazer um rodízio do empréstimo do livro. Alguns disseram que prefeririam ler virtualmente, outros compraram a obra e outros ainda buscaram na biblioteca municipal. Todos tiveram prazo de 30 (trinta dias) para a leitura do texto. Terminado esse prazo, reunimos novamente o mesmo grupo na biblioteca para então discutirmos sobre o livro e, assim, percebermos se este de fato atendia ao horizonte de expectativas ou não. Segundo Bordini; Aguiar

No ato de produção/recepção, a fusão de horizontes de expectativas se dá obrigatoriamente, uma vez que as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são a ele transferidas. O texto se torna o campo em que os dois horizontes podem identificar-se ou estranhar-se (1988, p. 83).

Nesse momento, portanto, os alunos já haviam chegado à recepção da obra e seu horizonte de expectativas já havia sido provocado pela entrada em contato com o horizonte do autor, permitindo que, através da leitura, comessem a expor aquilo que pensavam sobre aquele texto que supostamente atendia ao seu horizonte. Notamos que a leitura dos contos estava muito arraigada em suas memórias, pois alguns acharam, inclusive, que a obra era um conto, mesmo trazendo em sua capa, numa tarja verde, a identificação do gênero, destacado como novela. Constatamos esse fato na fala da aluna

Leitor 01¹, 14, F: Apesar de achar a história incrível e razoável, não gostei da falta de detalhes apresentadas no conto.

Verificamos a recepção desses através de algumas partes do questionário feito, diante da pergunta “O que você achou do texto?”. É importante mencionar que todos os alunos responderam todas as perguntas, embora deixássemos à vontade para participar do debate no momento em que quisessem. Sendo assim, dos 35 (trinta e cinco) alunos, apenas três disseram não gostar do texto, os demais responderam positivamente. Como vemos a seguir:

Leitor 02, 14, M: Achei interessante, porque é uma história que junta gerações de uma família que tem muito pra contar.

Leitor 03, 14, F: Eu achei o livro muito interessante, porque ele trabalha muito com a imaginação, fantasia, curiosidades e descobertas.

Leitor 04, 14, F: Interessante, porque a maioria dos livros fala somente do passado ou do presente. Bisa Bia, Bisa Bel falam em três períodos diferentes, deixando o livro interessante, ao invés de confuso.

Leitor 05, 14, F: Eu achei muito interessante, pois, ela tem um contato muito forte com sua bisavó, e com isso elas aprendem muito uma com a outra.

¹ Os alunos não serão identificados, apenas como leitores. Isso se deve ao fato de que, quando realizamos a pesquisa, não tínhamos a informação de que deveríamos solicitar aprovação junto ao Comitê de ética em pesquisa da Unemat. Ao ser alertada pelo orientador, a única solução para não atrasar a pesquisa e obedecer aos prazos do Programa foi trazer os leitores sem a identificação. Também informamos que os alunos não foram expostos em momento algum do processo. As legendas M se refere ao gênero masculino e F ao gênero feminino, além disso, também destacamos a idade dos informantes.

Leitor 06, 14, F: Quando eu comecei a ler achei muito chato e sem graça, mas quando eu fui lendo comecei a gostar e entender.

Leitor 07, 15, F: é um livro muito bom, pois podemos entrar na história e nos imaginar ao lado dos personagens, fazendo as mesmas coisas que eles. Achei extraordinário o modo que a garota redescobre o passado, recuperando o mesmo, aprecia o futuro e aprende a conviver consigo mesma, sem sair do presente.

Essa apreciação nos remete a uma espécie de sobrevoo, onde o tempo e o espaço correspondem perfeitamente ao objetivo de destacar a atualidade e a importância de Ana Maria Machado. A conexão do leitor com a obra fez-nos atentos aos meandros da linguagem literária, pois, “podemos postular que a consciência da tradição representada pelas gerações que se reconhecem em diálogo - expresso ao mesmo tempo por permanências e por rupturas - constitui a marca mais essencial de um sistema literário maduro”. (PEREIRA e ANTUNES, 2004, p.16).

Alguns alunos não apreciaram a leitura do livro de Ana Maria Machado,

Leitor 08, 14, M: Eu não gostei.

Leitor 09, 14, M: Não gostei, porque achei sem graça.

Leitor 10, 14, M: Não. Não é o gênero que eu gosto não me agradou.

Essas falas nos remetem ao que discutimos no segundo capítulo, pois uma obra mais elaborada exige do leitor certa inserção, pois deixa espaços em branco onde o leitor deve integrar-se, porém nem todos conseguem interagir e preencher os vazios deixados pelo autor, uma vez que cada indivíduo está inserido em níveis diferentes no meio cultural. Verificamos que para alguns há um esforço por dar conta do literário, para outros falta atitude de ir além do codificado pela linguagem. Parece-nos que não saíram ainda da sua zona de conforto ou não estão acostumados a “pensar”, no caso da descrição dos alunos acima, curiosamente em maior número do sexo masculino.

Outros alunos ficaram divididos e acreditamos que isso seja devido à vivência e à experiência de cada um, se observarmos suas falas em relação ao questionário socioeconômico, por exemplo. Nesse contexto, cada um tem sua forma de sentir e expressar. Ora achavam interessantes, mas sem sentido, ora bom, mas confuso. Dessa forma não conseguiram formar opiniões sobre o livro, colocando suas ideologias em xeque, o que denota uma leitura ainda sem o devido mergulho completo em suas nuances.

Leitor 11, 14, M: Interessante, meio sem sentido, o que dá curiosidade de continuar a leitura.

Leitor 12, 14, F: É bom, mas um pouco confuso e tem uma falta de detalhe sobre os personagens.

Observamos que o leitor 11, mesmo considerando a obra “meio sem sentido”, destaca que este aspecto incita-o a continuar a leitura. Já a leitora 12 diz que é confuso por falta de detalhes. Talvez não tenha lido a obra na íntegra, pois sabemos que há riquezas de detalhes na narrativa provinda do narrador personagem.

Ao revelar o seu segredo em tom de conversa ao pé do ouvido do leitor virtual, logo no início da história, a personagem-narrador faz desse leitor um cúmplice, um amigo, uma companhia para seus delírios que vão sendo externalizados no decorrer da história. E o leitor real, no ato da leitura, incorpora o leitor virtual e acompanha Isabel pelas andanças da sua mente sempre em movimento (PEREIRA; ANTUNES, 2004, p. 72).

É perceptível que o divisor de águas para compreensão do texto está no amadurecimento do leitor, e para atender o horizonte de expectativas dos alunos, notamos que a obra foi interessante para a maioria, mas como estamos no campo da diversidade intelectual e cultural, nem todos estão no mesmo nível, mas caminham para o ingresso na leitura literária e isso é satisfatório para o pesquisador.

4.1.3 Ruptura do horizonte de expectativas

Nessa etapa, os textos foram apresentados de forma a abalar as certezas e convicções dos leitores, de maneira que pudessem começar a refletir sobre o que leram. Numa das perguntas dos questionários, indagamos sobre a personagem que mais lhe desagradou, e talvez aqui a ruptura do horizonte de expectativas se dê não pelo contexto da obra, mas por fatores que desagradaram a perspectiva do leitor, como podemos observar nos depoimentos abaixo:

Leitor 13, 14, M: Eu não gostei da neta Beta, porque ela chega na história quebrando o clima antigo e o romantismo.

Leitor 14, 14, F: Foi a neta Beta, porque ela desmotivava Bel.

Leitor 15, 14, F: A bisavó Beatriz, porque ela dava opinião quando não devia.

Leitor 16, 14, F: A Bisa Bia porque ela era muito ultrapassada do tempo de Izabel.

Leitor 10, 14, M: Ela falar com uma foto e a foto respondê-la, um tanto quanto estranho.

Leitor 18, 14, F: O Sérgio, porque ele desafia ela quando estava com os amigos.

As rupturas se diferenciam por contextos, mas agregam semelhanças com o público receptor da obra por ser composto por adolescentes e se sentiram parte de uma sociedade de vivências e experiências como a desmotivação, a valorização do passado, uma vez que estão em busca do que é novo, o estranhamento, por depararem-se com os vazios do texto, as quebras de tradição, entre outras questões e temáticas que poderíamos trazer à tona.

Bisa Bia Bisa Bel é o que se poderia chamar um livro feminista, não apenas porque traduz o processo de independência da mulher ao longo da história, marchando do convencionalismo e obediência de Bia à completa

autonomia e autoconfiança de Beta. Mas também porque eleger um ângulo feminino para traduzir essas questões, revelando como o processo de liberação nasce de dentro para fora, não por ensinamento, mas enquanto resultado das experiências vividas (ZILBERMAN, 2005, p. 85).

Pode-se observar que quase a totalidade dos informantes não consegue ir muito além e perceber a profundidade do trabalho representativo de Ana Maria Machado. Quando questionamos se a leitura era fácil, também percebemos as expectativas por parte de alguns alunos.

Leitor 19, 14, M: Não porque tinha palavras que expressava algo que na vida real não usamos.

Leitor 15, 14, F: Não, precisei de dicionário, pois algumas palavras eram confusas.

Leitor 13, 14, M: Não porque é uma leitura demorada e a autora deve ter demorado para escrever também.

A aluna leitor 15, por exemplo, disse que a leitura tornou-se confusa devido à não compreensão de algumas palavras. Falta, portanto, vocabulário. O aluno informante 19 associou as palavras difíceis à não utilização destas na vida real, provavelmente referindo-se ao contexto da época da *Bisa Bia, Bisa Bel* (2002). Não se dá conta, porém, que este é um dos recursos da autora para sair de um tempo e marcar outro, relacionando nomes de objetos e alimentos que existiam somente no tempo da bisavó e hoje não se usa mais por estar supostamente “ultrapassado”. O aluno leitor 13 considerou a leitura muito demorada. Esse fator por si só demonstra o quanto somente este se ateve ao aspecto externo e palpável, não contribuindo para a quebra do seu horizonte de expectativas. Alguns leitores, portanto, colocaram-se perante o texto e expuseram sua opinião sobre a estrutura do mesmo. Porém, segue a pergunta: conseguiram se colocar diante da obra até que ponto? Isso os fez romper barreiras e passar a questionar suas visões sobre o mesmo e sobre si mesmo em sociedade? É o que tentaremos observar a seguir.

4.1.4 Questionamento do horizonte de expectativas

Com o debate da obra lida, pelo menos alguns dos leitores parecem ter conseguido romper alguns elementos que configuram seus horizontes de expectativas, pois passaram a questionar o que estavam lendo, procurando saber por que a leitura foi agradável ou não. Alguns perceberam que era um texto “difícil”, com uma linguagem “mais elaborada” ou não. Assim, começaram a se preparar para a próxima fase de percepção da obra, mesmo sem se dar conta disso. O livro parece ter provocado a admiração de alguns dos leitores pela possibilidade de ampliar o seu conhecimento, de torná-lo um ser melhor dentro da sociedade em que está inserido, mesmo tendo ainda um grau maior de dificuldade para entender e processar o que isso significa: “Supõe-se, portanto, que os textos de melhor realização artística tendem a ser vistos como difíceis num primeiro momento e, devidamente decifrados, a provocar a admiração do leitor” (BORDINI; AGUIAR1988, p. 90).

Quando questionamos sobre qual seria o assunto mais importante do livro, as respostas foram diversas, trazendo à tona temas como: amor, respeito, diálogo, imaginação, conflitos, namoro, relacionamento, transição das fases da vida.

Leitor 22, 15, F: A conexão da Izabel com sua bisa, ela gostou tanta da bisa a ponto de fazer dela parte de si, mesmo com todas as diferenças, ela continuou amando sua bisa.

Leitor 07, 15, F: Este é um livro no qual podemos nos refletir e ver que a convivência e a união com certeza "faz a força".

Leitor 10, 14, M: Que devemos respeitar e entender o passado e o futuro.

Leitor 18, 14, F: Quando ela começa a conversar com sua bisavó Bia.

Leitor 03, 14, F: O assunto mais importante do livro é a imaginação dela.

Leitor 27, 14, F: O conflito, ou seja, a transição.

Leitor 15, 14, F: Quando a Bisa Bia fala sobre o namoro e cavalheirismo.

Leitor 29, 14, F: Ter contato com pessoas mais velhas.

Destaque-se que uma das alunas explicita em sua fala que “é um livro no qual podemos refletir e ver que a convivência e a união com certeza *faz a força*”. Ela apresenta grifos do leitor para reforçar que as reflexões sobre o tipo de convivência apresentada na história entre a bisavó e a bisneta nos levam a pensar na força para enfrentar o mundo, quer para construir nossa identidade, quer para assumir a condição feminina em tempos em que a mulher não tinha voz ativa.

Os comentários provocam a faculdade de julgar de duas maneiras: enquanto excluem qualquer julgamento inequívoco dos eventos, criam lacunas que, por sua vez, admitem muitos juízos de diferentes *nuances*; mas esses não são de todo arbitrário, porque o autor delinea, através de seus comentários, as alternativas possíveis para o leitor. Tal estrutura envolve o leitor no processo de avaliação, mas, ao mesmo tempo, controla a avaliação desse leitor (ISER, 1996, p. 18, grifo do autor).

Diante dos assuntos expostos, é visível como os alunos interagiram com o texto, levantando de fato temas que fizeram alvoroçar os conhecimentos internos de cada um. Cada qual trouxe para a mesa de debate suas próprias vivências, suas ideologias morais, seu modo de pensar, colocando o texto dentro da sua realidade. As indagações vieram à tona sem a provocação constante do pesquisador, elas fluíram de dentro do próprio leitor, pois “são os vazios, a assimetria fundamental entre texto e leitor, que originam a comunicação no processo de leitura” (LIMA, 2001, p. 88). Houve de fato um diálogo com a obra, com o autor, pois este não determinou pontos fechados, mas deixou o texto aberto para que o leitor se tornasse coautor da obra e segundo Lima, (2001, p. 60) “(...) a experiência estética não se distingue apenas do lado de sua produtividade, como *criação através da liberdade* (...), mas também do lado de sua receptividade, como aceitação em liberdade”. Diante do exposto, compreendemos que o significado do texto é uma relação simétrica entre texto e leitor e, dessa interação, nasce o sentido, então: “O texto, quanto mais se distancia do que o leitor espera dele por hábito, mais altera os limites desse

horizonte de expectativas, ampliando-os” (BORDINI; AGUIAR 1988, p. 87). O questionamento, portanto, parece ter ocorrido pelo menos em parte graças ao assunto abordado e a forma como foi abordado, mas seria suficiente para ampliar o horizonte de expectativas desses leitores?

4.1.5 Ampliação do horizonte de expectativas

Esse é o último ponto da aplicação do método recepcional, o aluno já interagiu com os textos e está pronto para evidenciar se houve a ampliação do seu horizonte de expectativas, se isto de fato ocorreu. É o momento de observar então a presença da *poiésis*, da *aisthesis* e da *katharsis*, sendo a *poiésis* o prazer que o leitor sente diante da obra, se sentindo coautor dela, a *aisthesis* possibilitando uma nova visão do mundo que o rodeia e a *katharsis* que leva o leitor a mudar a sua atitude em relação ao mundo em que vive. Quando questionamos se conheciam alguém parecido com a bisneta Isabel, observamos, na fala de uma das alunas, que o processo de interação com o texto fez com que a citada leitora se sentisse autora da história, pois,

Leitor 22, 15, F: Acredito que a Bisneta Izabel sou eu na minha infância, entre meus 5 e 12 anos de idade. Bisa Bia é bem parecida com minha avó. Os ensinamentos dela me ajudaram a ser quem sou hoje e a pensar no meu futuro.

Desse modo, percebemos que o leitor atualiza e constrói o objeto estético por meio dessas marcas formais e entra em um mundo de ficção e fantasia que permite a reconstrução da realidade com o uso do lúdico. A aluna conseguiu fazer a relação entre a leitura e a vida, mostrando a ampliação de seus horizontes. Na situação acima descrita não houve somente a *poiesis*, mas também a *aisthesis*, pois a aluna não só experimentou o prazer de fazer parte do texto, mas passou a observar melhor o mundo em que vivia e conseqüentemente emergiu no efeito da *katharsis*, que foi tomar um posicionamento diante do que leu e refletiu. Apesar desse resultado positivo, entre tantos outros depoimentos, fica a sensação de que a leitura pode sim ser ampliada, mas ainda atinge uma faceta muito pequena da amostra que tomamos para observação.

Quando passamos para a próxima pergunta, isso ficou ainda mais evidente: “Você acreditou em todos os fatos contados, ou viu exageros?” O debate em torno dessa questão foi longo, pois alguns fugiram da ficção e trouxeram os fatos para a vida real, outros ainda disseram que o fato de conversar com alguém que já morreu se tratava de algo espiritual e que não caberia na discussão porque cada um tem seus valores religiosos e, portanto, não descreveu isto na resposta, mas falou no debate, embora acreditasse no contato com outros seres que já morreram. As respostas de maneira geral chamaram a atenção, como vemos abaixo:

Leitor 01, 14, F: Houve exageros, porque, apesar de Bel ser muito criativa, não podia saber o que acontecia no passado e no futuro.

Leitor 32, 14, F: Não vi exageros, porque a maioria narra fatos do cotidiano.

Leitor 02, 14, M: Acreditei para mim é uma história comum e familiar.

Leitor 34, 14, F: Exagero, porque conversar com uma foto não é normal.

Leitor 14, 14, F: Sim, acreditei, porque envolve realidade com imaginação.

Leitor 07, 15, F: Deixei a minha imaginação levar, acho necessário nos entregarmos para aquilo que estamos lendo, e soltarmos a nossa imaginação.

Leitor 22, 15, F: Nem todos teve seu momento de exageros. Trazendo para a realidade, é impossível alguém ter informações do passado sem ter feito uma pesquisa, só ficar sabendo por alguém que está morto e dentro de você, e muito menos ter alguém do futuro falando com você, dentro de você mesmo.

Notamos que a obra oferecida aos alunos permitiu que os efeitos da *poiésis*, *aisthesis* e *katharsis* ocorressem somente em parte, pois, como foi afirmado no terceiro capítulo, é uma obra esteticamente elaborada e fica claro, no efeito causado nos leitores, que há certa ampliação de seus horizontes de expectativas, mas essa ampliação está nas falas dos leitores pesquisados de maneira indireta.

Não parece haver ainda total noção de que esses elementos estruturantes dão qualidade estética a uma obra e que tornam o texto ficcional único, ou seja, mesmo “tendo percebido que as leituras feitas dizem respeito não só a uma tarefa escolar, mas ao modo como veem seu mundo, os alunos, nessa fase, tomam consciência das alterações e aquisições, obtidas através da experiência com a literatura” (BORDINI; AGUIAR 1988, p. 90). Três das alunas, por exemplo, disseram ter exageros nos fatos narrados por não considerarem normal um diálogo com uma foto e o fato da personagem Bel saber dos acontecimentos passados e futuros. Estão muito presas às constatações da superfície textual, não enxergando a pluralidade de um discurso ficcional. Uma das alunas acrescenta que só fazendo uma pesquisa para saber sobre seu passado. Nitidamente, está colada a uma suposta “verdade” que o texto literário nem sempre requer e que é bastante claro nas representações de Ana Maria Machado. O que pode ser observado nas falas é que tais alunos não conseguiram avançar além do texto. Quando o leitor entra em contato com a obra, passa a ser um campo de jogo onde todos jogam e cada um em seu espaço cognitivo, pois,

O autor e o leitor participam, portanto de um jogo de fantasia; jogo que sequer se inicia se o texto pretendesse ser algo mais do que uma regra do jogo. É que a leitura só se torna um prazer no momento em que nossa produtividade entra em jogo, ou seja, quando os textos nos oferecem a possibilidade de exercer nossa capacidade (ISER, 1996, p. 10).

Ao analisar a fala da aluna, observamos que ela deixou a imaginação fluir, mas não entrou no campo do jogo e não se entregou totalmente à leitura, tornando-se parte importante no jogo, pois não viu exageros nos fatos e tampouco notou-os, entretanto o limite entre fantasia e realidade é muito tênue e fica quase impossível detectá-lo, uma vez que a fantasia se revela como realidade psicológica da personagem. Já alguns outros, conforme pode ser visto, não viram exageros porque consideraram os fatos como algo do cotidiano, comum e familiar.

Por esta razão, é preciso descrever o processo da leitura como interação dinâmica entre texto e leitor. Pois os signos linguísticos do texto, suas estruturas, ganham sua finalidade em razão de sua capacidade de estimular atos, no decorrer o texto se traduz para a consciência do leitor (ISER, 1996, p. 10).

Essa consciência do leitor é o fecundar do imaginário dos alunos com o que há de melhor em nossas tradições culturais, sociais e educacionais para uma nova geração em que a literatura juvenil brasileira contemporânea cumpre seu papel na função da arte de recolocar o ser frente à vida, transformando-o em indivíduo crítico.

No decorrer do debate, os alunos continuaram participando ativamente e consideramos importante indagar sobre as ilustrações da obra, uma vez que esta faz parte do contexto da narrativa. Observamos, então, em que medida nos aspectos da recepção foram contempladas as ilustrações do livro. Fizemos a seguinte pergunta: “O trabalho do ilustrador agradou a você?”. Por conseguinte, tivemos diferentes opiniões.

Leitor 01, 14, F: Não, porque prefiro imaginar por mim mesma os fatos, cenários e personagens.

Leitor 35, 14, M: O trabalho não é ruim, mas prefiro desenhos mais reais ou mais estilo cartoon ou anime.

Leitor 32, 14, F: Sim, retrata os tempos antigos, o tipo que me agrada.

Leitor 34, 14, F: Nada agradou, não existe diálogo entre uma pessoa e uma foto.

Leitor 27, 14, F: Sim, porque ele colocou imagens em preto e branco e também desenhos rústicos, isso deu um ar de passado.

Leitor 36, 14, F: Sim, eu só não gostei de tudo em preto e branco, queria ver mais cores nas ilustrações. Ainda mais que a obra retrata também a modernidade.

Leitor 05, 14, F: Sim, pois, ajuda a imaginar ou viver realmente a história.

Leitor 37, 14, M: Sim, o que Isabel está pulando o muro. O desenho de retrato porque ele é assustador.

Leitor 15, 14, F: Sim, gostei de leque na capa e do da foto da menina.

Leitor 06, 14, F: Sim, o autor quis mostrar um pouco do passado, presente e futuro. Pelo fato de colocar a capa colorida e as páginas em preto e branco. Não achei nada que me desagradou.

Leitor 38, 14, M: Eu li a obra virtualmente então não tive contato com as ilustrações.

Leitor 07, 15, F: Sim, a ilustração suave e delicada, parecia que haviam sido feitas a lápis, em preto de branco, as mesmas lembram ao passado, o que favoreceu uma apreciação reflexiva do que se vê.

Leitor 22, 15, F: Me agradou bastante, pois com as ilustrações é possível completar partes da sua imaginação pessoal.

Com diferentes opiniões, esse grupo de alunos chamou atenção para mostrar que a ilustração tem uma função. Para alguns, as ilustrações agradaram porque houve coerência entre a narrativa e as imagens, fazendo alusão ao tempo da bisavó, como afirma a aluna: “a ilustração suave e delicada, parecia que haviam sido feitas a lápis, em preto de branco, as mesmas lembram ao passado, o que favoreceu uma apreciação reflexiva do que se vê”. Note que outro aluno diz: “o trabalho não é ruim, mas prefiro desenhos mais reais ou mais estilo cartoon ou anime”, fazendo a inserção do gosto, de sua preferência nesse tipo de narrativa, destacando a modernidade. Outra aluna discorre o seguinte: “eu só não gostei de tudo em preto e branco, queria ver mais cores nas ilustrações. Ainda mais que a obra retrata também a modernidade”. Nesse caso, a aluna compreende a ilustração, como também é capaz de perceber a distância temporal que há entre ela e o livro lido. Essa foi, portanto, uma resposta próxima do ideal de interpretação do texto imagético, alcançando as funções da *poiésis*, *aisthesis* e *katharsis*. Acrescentamos ainda que:

O texto imagístico pode se opor ao que diz o texto com palavras, caso em que escritor e ilustrador utilizam, diferentes qualidades de suas respectivas artes para comunicar informações diversas. Quando isso ocorre, pode-se dizer que os textos visual e verbal do livro se relacionam ironicamente, um contradiz ou subverte o que diz o outro (CADEMARTORI, 2012, p. 18).

Podemos afirmar, mesmo que ainda parcialmente, que certos alunos conseguiram sair da zona de conforto e pensar além do que o livro propôs e certamente a função da

ilustração é contribuir para ampliar o horizonte de expectativas desse leitor. Para finalizar a questão da ilustração, vale observar um último depoimento: “Nada agradou, não existe diálogo entre uma pessoa e uma foto”. Essa aluna não gostou das ilustrações, pois parece ter comprometido sua interpretação, por não conseguir relacionar o texto visual com o verbal. Percebemos nessa fala justamente o que afirmamos: a aluna permaneceu onde estava em relação ao texto, não atingindo nem mesmo superando suas expectativas.

Caminhando para o resultado final da aplicação do método recepcional, concluímos com o seguinte questionamento aos alunos: “O final da história foi inesperado, ou já podia ser previsto no início da história?”, com esta pergunta pretendemos dar conta dos objetivos da pesquisa, porque através dela nos certificáramos se, mesmo estando amparados por uma obra esteticamente elaborada, como apresentamos no terceiro capítulo, ela oferece ao leitor espaço para este participar de sua construção, tornando-se uma espécie de “coautor” do texto. Observamos abaixo as diferentes participações na compreensão desse desfecho.

Leitor 16, 14, F: Inesperada, porque no começo ela não imaginava conversar com uma foto.

Leitor 08, 14, M: Inesperado, porque eu achei que quando ela encontrasse a foto a bisavó e a bisneta ia desaparecer.

Leitor 10, 14, M: Previsível, pois a professora não seria capaz de roubar a foto e sim devolvê-la.

Leitor 35, 14, M: O final poderia ser previsto no meio do romance, quando ela começa a conversar com: Bia e neta Beta.

Leitor 32, 14, F: Inesperado, porque ao longo do livro surgem muitas surpresas.

Leitor 11, 14, M: Era como uma história comum, já era previsto.

Leitor 39, 14, F: Foi inesperado, porque pensei que ela iria parar de falar com sua bisa.

Leitor 40, 14, F: Eu acho que foi inesperado contar um segredo.

Leitor 41, 14, F: Foi inesperado, devido ao encontro do retrato e também a aparição da Neta Beta.

Leitor 12, 14, F: Inesperado, porque achei que as vozes saíam da cabeça de Bel.

Leitor 04, 14, F: Já era previsto, só porque a história acaba não quer dizer que a imaginação dela tenha fim.

Leitor 06, 14, F: Foi inesperado, porque não dava pra imaginar que ela escutaria a voz de sua bisneta.

Leitor 38, 14, M: Acho que não, mas por conta de eu não ter muito contato com obras desse gênero.

Leitor 14, 14, F: Inesperado, pois não sabíamos se as três iam se entender no final da história.

Leitor 22, 15, F: Foi inesperado. Eu não poderia imaginar que ela teria dentro dela a neta também e que ela encontraria a fotografia.

Observe-se que da totalidade das respostas, a grande maioria achou inesperado o final. O texto ficcional, portanto, obteve êxito por deixar em aberto ao leitor os caminhos a vislumbrar.

Desse modo, concluímos que a ligação dos elementos apresentados no livro, como a compreensão dos temas, dos personagens, dos aspectos formais, a ilustração e o final do livro fizeram com que a leitura não se caracterizasse como atividade mecânica, ou seja, pelo menos não destrói as virtualidades do leitor em contato com o texto. Ao contrário, acreditamos que as questões estimulam a criatividade e espontaneidade da leitura, desmistificando a inércia interpretação que muitos pensam estar entre o certo e o errado.

Diante da natureza estética, valorizamos aspectos para além daqueles que são utilizados usualmente, como simplesmente a observação dos aspectos linguísticos; é necessário que se encene e que se crie um discurso que trabalhe a língua de forma mais ampla, conforme diz Barthes. “Se aceito julgar um texto segundo o prazer, não posso ser levado a dizer: este é bom, aquele é mau. Não há quadro de honra, não há crítica, pois esta

implica sempre um objetivo tático, um uso social e muitas vezes uma cobertura imaginária” (2015, p.19).

Por ser bastante metafórico, o texto é passível de vários níveis de interpretação, que variam conforme a bagagem literária e de vivências de cada indivíduo. De acordo com Iser (1996), o leitor é cúmplice e colaborador no processo de leitura, pois o significado é construído entre texto e leitor. Essa narrativa propicia uma leitura inovadora, pois tem graus de indeterminação, oferece uma rede de perspectivas para o leitor abrir. “Assim pode ser dito que a indeterminação é a pré-condição fundamental para a participação do leitor” (ISER, 1996, p.13).

Diante dessa participação, as falas nos remetem a perceber que a literatura oferecida na escola deve ser cuidadosamente observada, pois quando se trata de uma obra elaborada, pode significativamente ajudar na formação do leitor. Esse consegue romper, questionar e ampliar seus horizontes de expectativas, consegue melhorar o nível de conhecimento e fazer com que a instituição escolar cumpra seu papel emancipador, pois, notadamente verificamos o quanto a literatura tem o poder de humanizar o ser, viver sensações, fazer refletir e assim provocar mudanças no indivíduo diante de sua própria realidade. Como diz Antonio Candido, a literatura não *corrompe* nem *edifica*; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, uma utopia para o terceiro milênio. Uma sociedade delicada, ética e criativa, capaz de brincar. Sem dúvida, mais desenvolvida.

(Ana Maria Machado, 1999)

Acreditamos que a literatura deve ser emancipatória para despertar a autonomia do leitor. Dessa forma, ela deve ser incentivada em tenra idade para alcançarmos uma sociedade mais desenvolvida, como afirma Machado, na epígrafe acima. Não defendemos seu caráter pedagógico como principal característica da literatura, então somos levados a crer que, com o incentivo certo, com os recursos adequados e com a metodologia alicerçada, teremos leitores criativos e participativos.

Essa dissertação é resultado de uma pesquisa voltada ao ensino de literatura desenvolvida mediante leituras literárias no chão da Escola Estadual Professor “João Batista” com 35 (trinta e cinco) alunos das turmas dos 9º anos desta instituição durante o ano de 2017. O objetivo foi ampliar os horizontes de expectativas desses leitores tornando-os cidadãos mais críticos, participativos, além de colaborar no processo de humanização do ser. Dessa forma a pesquisa teve várias fases, inicialmente identificamos o problema que havia com o grupo de alunos que participaram do processo através de fichas de avaliação, diálogo com professores e relatórios fornecidos pela coordenação escolar.

Diante dessa realidade os alunos foram inseridos no projeto “Chá Literário” com o objetivo de motivá-los para hábitos de leitura iniciando pelos contos e avançando para literatura juvenil. Apresentamos o ambiente escolar percorrendo os aspectos físicos, pedagógicos e formais da escola. Destacamos o aporte teórico da Estética da Recepção e conhecemos a obra *Bisa Bia Bisa Bel* e a autora Ana Maria Machado. Iniciamos a leitura da obra por onde começamos todos, pela experiência puxada da memória, embrulhada nos afetos da infância. Diante das colocações apresentadas neste trabalho, quanto à representatividade da escritora no cenário cultural, Ana Maria Machado é considerada pela crítica como uma das mais versáteis e completas escritoras brasileiras contemporâneas, principalmente no campo da literatura infantil juvenil.

Tendo em vista todo esse percurso realizado e sustentado na análise dos questionários e debates, percebemos que a maioria dos leitores mirins apreciou a leitura.

Alguns conseguiram dar sentido à obra, porém outros preferiram ficar na zona de conforto e percebemos que estes se mantiveram estagnados. O envolvimento dos alunos no projeto Chá Literário também contribuiu positivamente para a motivação e a inserção destes no meio literário.

Durante o período de pesquisa, observamos também a respeito da formação do leitor que se manteve válida através da interação em sala de aula com professores e colegas, pais e filhos, aluno e texto, pois somente quando o texto é concebido em sala de aula como reflexão sobre as experiências vividas é que se instaura o diálogo e se permite avançar no crescimento do ser, pois notamos gradualmente a participação desses leitores nas atividades literárias, no relacionamento em casa com os pais e no desejo de continuar os estudos através da leitura de literatura, uma vez que mostraram por meio do questionário sociocultural que muitos almejam continuar os estudos até alcançar o mestrado e doutorado. Outros se uniram para fazer um abaixo-assinado para terem a disciplina de literatura na educação básica. Como discute Candido (2011), a literatura se relaciona com o homem e seu mundo, é um direito de todos, é um bem inalienável e faz parte das necessidades básicas do ser humano e, portanto, faz-se prioritário garantir amplo acesso a ela.

Dessa forma, encerramos nossas reflexões ainda com muitas perguntas, como não podia deixar de ser, mas cada vez mais acreditamos que um percurso deve ser observado e realizado para que tenhamos leitores e não somente “ledores”. Embora com algumas restrições, pois a pesquisa envolve muitos segmentos nos quais não dependem unicamente do pesquisador, acreditamos que a leitura e a literatura esteticamente elaborada têm muito a contribuir e que a Estética da Recepção pode ser de grande auxílio na construção do conhecimento, mas que para isso aconteça deve haver a compreensão, participação e conscientização dos professores e pais para a ampliação do conhecimento e a formação de um cidadão crítico na sociedade atual.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Vera Teixeira de e BORDINI, Maria da Glória. **Literatura e Formação do leitor**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. Coleção Biblioteca universal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, R. **Aula**. São Paulo, Cultrix, 1980.

BARTHES, R. **O Prazer do Texto**. Perspectiva S. A., 6ª ed. São Paulo, 2015.

BECKETT, S. **Crossover fiction: global and historical perspectives**. New York: Taylor & Francis. 2009.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 1994-221.

BERGAMI, Lucinei Maria. **O Trançar de Uma Trajetória: o feminino em Bisa Bia, Bisa Bel, de Ana Maria Machado**. 2015.109 f. Dissertação, mestrado em Letras – do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, 2015.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é Literatura Infantil**. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CANDIDO, Antonio. **A Literatura e a Formação do Homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

_____. **Literatura e a Sociedade**. Estudos de Teoria e História Literária. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: Teoria, Análise, Didática**. São Paulo: Moderna, 1ª ed. 2000.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo, Contexto, 2014.

ECO, Humberto. **Obra Aberta: Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão **Ribeiro, Construindo histórias de leitura: a leitura dialógica enquanto elemento de articulação no interior de uma “biblioteca vivida”**, 2009, Tese da UNESP, Assis- SP.

FLORY, Suely Fadul Villibor. **O Tempo e o leitor**. São Paulo: Arte & Ciência, 2010.

ISER, Wolfgang. **O Ato da Leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, Trad. Johannes Kretschamer, 1996, v. 1.

ISER, Wolfgang. A interação do Texto com o Leitor, p. 83-132. In: **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima, 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. São Paulo: Ática S. A, 1993.

LIMA, Luiz Costa (org.). **A Literatura e o Leitor**: Textos de Estética da Recepção. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina. In: Felicidade Clandestina.** Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1998.

MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel.** São Paulo: Moderna Ltda, 2002.

_____. **Contracorrente. Conversas sobre leitura e política.** São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Silenciosa Algazarra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MEAD, Margaret. 1968, p.13. In: COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: Teoria, Análise, Didática.** São Paulo: Moderna, 1ª ed. 2000.

PEREIRA, Maria T. Gonçalves; ANTUNES, Benedito. (Orgs). **Trança de Histórias: a criação literária de Ana Maria Machado.** São Paulo: UNESP; Assis – SP. ANEP: 2004.

PROJETO Político Pedagógico. Escola Estadual Professor João Batista, 2017. [mimeo]

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura Infanto-Juvenil: seis autores, seis estudos.** Goiânia: Editora da UFG, 1994.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____. **A Literatura Infantil Brasileira.** Histórias e Histórias 6º ed. São Paulo: Ática, 2010.

_____. **A Literatura Infantil na Escola.** São Paulo: Global, 2003.

_____. **Estética da recepção e história da literatura.** São Paulo: Ática, 1989. (Série Fundamentos, 41).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

COCCO, **Marta**. **Não Presta Pra Nada**. Cuiabá-MT: carlini & Caniato Editorial, 2017.

FARIA, Maria Alice (org.) et alii. **Narrativas juvenis: modos de ler**. São Paulo: Arte & Ciência, 1997.

LOBATO, Monteiro. **A Chave do Tamanho**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MACHADO, Ana Maria. **Amigo é Comigo**. São Paulo: Global, 2009.

MACHADO, Ana Maria. **Bem do seu Tamanho**. São Paulo: Salamandra, 2003.

MACHADO, Ana Maria. **Do Outro Mundo**. São Paulo: Ática, 2002.

MAHON, Eduardo. **Contos Estranhos**. Cuiabá- MT: Carlini & Caniato, 2017.

MAHON, Eduardo. **Doutor Funéreo e Outros Contos de Morte**. Cuiabá- MT: Carlini & Caniato, 2014.

NUNES, Lygia Bojunga. **A Bolsa Amarela**. 2 ed. Rio de Janeiro, Agir, 1976.

RAMOS, Graciliano. **A Terra dos Meninos Pelados**. Rio de Janeiro: record, 2002.

SANTOS, Liliane Lenz dos. **Leitura da literatura juvenil na escola: entre o emancipatório e o mercadológico**. São Paulo: FAEF, 2017.

SILVA, Agnaldo Rodrigues. **Dose de Cicuta**. Cáceres- MT: Unemat, 2011.

SILVA, Agnaldo Rodrigues. **Mente Insana**. Cáceres- MT: Unemat/Arte & Ciência Editora, 2008.

<http://academia.qedu.org.br> (acesso em 06/07/2018).

SIGEDUCA – MT, dados da Escola Estadual Professor João Batista.
<http://www.fnde.gov.br> (acesso em 06/07/2018).

ANEXOS

ANEXO I. QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL

35 alunos responderam

Perguntas	Número de respostas
1 - Você gosta de estudar?	
A- Sim	25
B- Não	10
2- Quantos livros você leu esse ano?	
A- Nenhum	8
B- 01 a 02 livros	15
C- 03 a 05 livros	6
D- Mais de 05 livros	4
3- Que tipo de livro você mais gosta?	
A- Romance juvenil	5
B- Aventura	15
C- Suspense	15
D- Poesia	4
E- Biografia	4
F- Drama	8
G- Literatura brasileira	2
H- Literatura estrangeira	8
I- Contos e crônicas	10
J- Mitologia	2
Obs: Foi marcado mais de uma alternativa	
4- Quem te incentiva a ler e estudar?	
A- Mãe	16
B- Pai	12
C- Professor de Português	5
D- Professor de outras disciplinas	
E- Parentes	7
F- Amigos	
G- Ninguém	6
Obs: Foi marcado mais de uma alternativa	
5- Você vai à biblioteca:	
A- Nunca	5
B- Quando é obrigado	12
C- Porque gosta de ler	17
D- Outros	05
Obs. Os 05 alunos da última alternativa responderam que	

gostam de ler virtualmente	
6- Quantas horas você dedica ao estudo (fora da sala) por dia:	
A- 30 minutos a 1 hora	6
B- 1 a 2 horas	17
C- 2 a 3 horas	2
D- Mais de 3 horas	
E- Nada	8
7- Você faz que atividade extraclasse:	
A- Aula de inglês	5
B- Aula de algum instrumento musical	5
C- Academia	2
D- Caratê, judô ou capoeira	5
E- Teatro	
F-Não faço	6
G-Esporte	4
H-Informática	2
8- Qual a disciplina que você mais gosta?	
A- Português	12
B- Matemática	10
C- Inglês	7
D- Geografia	3
E- História	6
F- Ciências	10
G- Ed. Física	18
Obs: Foi marcado mais de uma alternativa	
9- Até que ponto você pretende chegar nos estudos?	
A- Terminar o 9º ano	
B- Terminar o Ensino Médio	4
C- Fazer faculdade	10
D- Fazer curso técnico	3
E- Fazer mestrado	7
F- fazer doutorado	14
10- Qual tipo de programa da televisão você mais assiste?	
A- Jornal	6
B- Novela	7
C- Filme	15
D- Desenho	8
E- Séries	19

ANEXO II - QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

35 alunos responderam

Perguntas	Número de respostas
1- Quantas pessoas moram na sua casa?	
A- Eu e mais duas pessoas	11
B- Eu e mais três pessoas	16
C- Eu e mais quatro pessoas	6
D- Eu e mais cinco pessoas	2
E- Eu e mais de seis pessoas	
2- A casa onde você mora é:	
A- Própria	23
B- Alugada	12
C- Emprestada	
D- Doadada	
3- Sua casa fica na:	
A- Zona rural (sítio, chácara, fazenda)	
B- Zona urbana (cidade)	35
C- Comunidade indígena	
4- Até que série/ano seu pai estudou?	
A- Nunca estudou	1
B- Estudou o 2º ciclo (até a 4ª série/ 5º ano)	8
C- Estudou o 3º ciclo (até a 8ª série/ 9º ano)	6
D- Começou o Ensino Médio	2
E- Terminou o Ensino Médio	6
F- Tem nível superior (faculdade)	7
G- Tem pós-graduação no Ensino Superior	
Obs: Os alunos que não responderam foi porque não sabiam ou não conhecem o pai.	
5- Até que série/ano sua mãe estudou?	
A- Nunca estudou	1
B- Estudou o 2º ciclo (até a 4ª série/ 5º ano)	6
C- Estudou o 3º ciclo (até a 8ª série/ 9º ano)	4
D- Começou o Ensino Médio	2
E- Terminou o Ensino Médio	14
F- Tem nível superior (faculdade)	7
G- Tem pós-graduação no Ensino Superior	
Obs: Os alunos que não responderam foi porque não sabiam, uma aluna disse não conhecer a mãe, mas sabia o nível de escolaridade	
6- Você utiliza qual meio de transporte para ir à escola?	

A- Bicicleta	21
B- Moto	6
C- Carro	2
D- A pé	10
E- Ônibus Escolar	2
7- Possui computador em sua casa?	
A- Sim, com acesso à internet	23
B- Sim, sem acesso à internet	2
C- Não	9
8- Na sua casa há: (Quantos?)	
Televisão: 46	
DVD	24
Geladeira	40
Bicicleta	71
Carro	31
Moto	32
Máquina de Lavar	45
Computador	37
Telefone fixo	13
Celular	117
TV por assinatura	22
9- Onde seu pai trabalha? Qual a função dele?	
Motorista	3
Trabalha em fazenda	6
Mecânico	3
Marceneiro	1
Operador de Máquina	1
Empresário	1
Vigia	1
Assistente Técnico	1
Agente de Saúde	1
Gari	1
Advogado	1
Borracheiro	1
Técnico em Informática	1
Técnico Agrícola	1
Pedreiro	1
Secretário de escritório	1
Aposentado	1
Desempregado	1
Serviços Gerais	2
10 - Onde sua mãe trabalha? Qual a função dela?	
Do lar	14
Empresária	1

Empregada Doméstica	3
Frigorífico Marfrig	1
Vendedora	3
Auxiliar de Dentista	2
Professora	1
Costureira	1
Aposentada	1
Serviços Gerais	5

ANEXO – III

QUESTIONÁRIO REFERENTE À OBRA BISA BIA BISA BEL DE ANA MARIA MACHADO

1. O que você achou do livro que leu?

Leitor 16, 14, F: Achei legal.

Leitor 08, 14, M: Eu não gostei.

Leitor 09, 14, M: Não gostei, porque achei sem graça.

Leitor 10, 14, M: Não. Não é o gênero que eu gosto, não me agradou.

Leitor 01, 14, F: Apesar de achar a história incrível e razoável, não gostei da falta de detalhes apresentadas no conto.

Leitor 35, 14, M: É interessante, mas não me agradou totalmente, achei muito viajado, tem coisas sem nexos, como conversar com uma pessoa que nem nasceu.

Leitor 32, 14, F: Bom, interessante, pois nunca tinha lido um parecido.

Leitor 18, 14, F: Muito legal. Um conto muito interessante pois tem os conflitos com o passado, presente e futuro.

Leitor 31, 14, F: Muito interessante, conta várias experiências das personagens e eu, particularmente gosto muito do gênero romance.

Leitor 32, 14, F: Bom, interessante, nunca tinha lido um parecido.

Leitor 11, 14, M: Interessante, meio sem sentido, o que da curiosidade de continuar a leitura.

Leitor 03, 14, F: Eu achei o livro muito interessante, porque ele trabalha muito com a imaginação, fantasia, curiosidades e descobertas.

Leitor 02, 14, M: Achei interessante, porque é uma história que junta gerações de uma família que tem muito pra contar.

Leitor 41, 14, F: Desinteressante.

Leitor 27, 14, F: Eu gostei, achei interessante porque envolve toda uma viagem entre presente, passado e futuro.

Leitor 12, 14, F: É bom, mas um pouco confuso e tem uma falta de detalhe sobre os personagens.

Leitor 30, 14, F: Achei muito interessante, com suas fantasias e conflitos.

Leitor 36, 14, F: Achei bem legal, nunca vi uma história igual essa.

Leitor 33, 14, M: Eu achei que o livro foi muito interessante porque a Bel encontra a sua bisavó e a história ficou muito interessante.

Leitor 23, 14, M: Interessante e curioso.

Leitor 04, 14, F: Interessante, porque a maioria dos livros falam somente do passado ou do presente. Bisa Bia, bisa Bel falam em três períodos diferentes, deixando o livro interessante, ao invés de confuso.

Leitor 05, 14, F: Eu achei muito interessante, pois, ela tem um contato muito forte com sua bisavó, e com isso elas aprendem muito uma com a outra.

Leitor 24, 14, F: Bem interessante, porque conta uma história muito boa entre presente, passado e futuro.

Leitor 15, 14, F: Eu gostei, porque retrata o passado, presente e futuro.

Leitor 06, 14, F: Quando eu comecei a ler achei muito chato e sem graça, mas quando eu fui lendo comecei a gostar e entender.

Leitor 38, 14, M: Bom, foi um livro legal de se ler possui uma ótima história com uma variedade linguística levemente dotada que traz um clima de época em algumas partes.

Leitor 29, 14, F: Gostei, pois achei imaginário e emocionante.

Leitor 14, 14, F: Um livro diferente e interessante.

Leitor 07, 15, F: é um livro muito bom, pois podemos entrar na história e nos imaginar ao lado dos personagens, fazendo as mesmas coisas que eles. Achei extraordinário o modo que a garota redescobre o passado, recuperando o mesmo, aprecia o futuro e aprende a conviver consigo mesma, sem sair do presente.

Leitor 22, 15, F: É um livro muito interessante, ele te abre caminho para a imaginação, me fez imaginar o passado, e também em como seria o futuro.

2- Você achou alguma personagem parecida com você? Quem? Por quê?

Leitor 26,14, F: Nenhum.

Leitor 09,14, M: Sim, com a Bel, porque eu tinha muito contato com minha vó.

Leitor 10, 14, M: Neta que contava histórias para Bel (Isabel).

Leitor 01,14, F: Sim, Isabel, pois assim como eu ela é uma garota muito criativa.

Leitor 18,14, F: Sim, Isabel. Porque ela vive seu tempo não o dos outros.

Leitor 27, 14, F: A bisneta Beta, porque ela é corajosa, atual, ela é moderna, acho bonita a essência dessa personagem.

Leitor 04, 14, F: Bel, pelo simples fato dela imaginar o que as pessoas diriam.

Leitor 15, 14, F: Sim, a Isabel, porque ela gosta das histórias do passado e eu também.

Leitor 06, 14, F: Mais ou menos. Isabel, Pelo fato de ter muita imaginação, mas não do tipo de escutar vozes.

Leitor 29, 14, F: Sim, a Isabel é divertida, amorosa e tem uma imaginação fértil.

Leitor 22, 15, F: Sim. A Neta Beta. Porque ela é mais “independente” da sociedade, ninguém pode fazer ela deixar de ser quem é, se ela quer algo, ou ser, ela luta para isso.

3- Qual a personagem que mais agradou a você? Por quê?

Leitor 16, 14, F: A neta Beta, porque ela defendia as atitudes de Isabel.

Leitor 8, 14, M: Isabel, por ser uma criança brincalhona.

Leitor 10, 14, M: A neta, porque ela tem mais atitude.

Leitor 01, 14, F: Bisneta Beta, por impor suas ideias e pensamentos contrários ao de Bisa Bia, gerando um certo conflito cômico.

Leitor 35, 14, M: A Bel, porque ela é a personagem principal, então foi a personagem que tive mais conhecimento.

Leitor 18, 14, F: Isabel, porque ela enfrenta o passado e o futuro e ela seguia o que achava que deveria seguir.

Leitor 31, 14, F: A professora, porque ela é atenciosa, ajuda os alunos e além de tudo, quando ela acha o retrato ela guarda e depois entrega para Bel.

Leitor 32, 14, F: Bel, por causa da imaginação dela.

Leitor 11, 14, M: Os gêmeos, pois eles não foram chatos como o pia que Bel gostava.

Leitor 03, 14, F: A Isabel, porque ela é uma menina com uma imaginação muito fértil.

Leitor 39, 14, F: Isabel, porque ela tinha atitude.

Leitor 40, 14, F: Isabel, porque é curiosa, é radical, ela é uma personagem bem interessante.

Leitor 02, 14, M: Bisa Bel, porque eu gosto do estilo de agir das pessoas naquela época.

Leitor 41, 14, F: A Bel, porque ela é decidida, ouve os conselhos e absorve o que acha importante.

Leitor 34, 14, F: Bel, porque gostei da história dela.

Leitor 27, 14, F: A personagem Bia, porque ela é conselheira, querida. Ela conta coisas do tempo dela que ajuda Isabel. Eu gostei dela.

Leitor 12, 14, F: A bisneta de Bel, A Beta, porque ela sempre mostrava opiniões mais desenvolvidas/ evoluídas sobre o presente de Bel.

Leitor 30, 14, F: Bisa Bia, porque ela é muito calma e se preocupa com a segurança de sua bisneta.

Leitor 36, 14, F: Bel, porque ela é uma menina com uma imaginação bem realista.

Leitor 25, 14, M: Isabel, porque ela corre atrás para salvar a história de sua bisa.

Leitor 23, 14, M: Bisa Bel, porque ela imaginava Bisa Bia. Informante 04, 14, F: Nieta, porque com suas histórias ela permitiu que Bel vivenciasse um pouco o tempo de sua bisa Bia.

Leitor 05, 14, F: Bisa Bel, pois, além dela fazer de sua bisavó sua amiga, ela pode aprender coisas do passado, e pode dar opiniões sobre o presente dela.

Leitor 37, 14, M: Isabel, porque ela quis saber a história da sua bisavó.

Leitor 26, 14, M: A professora, porque guardou a foto.

Leitor 28, 14, M: Isabel, porque ela não tinha atitude.

Leitor 24, 14, M: Bel, pois ela tem uma imaginação muito grande.

Leitor 15, 14, F: A professora Sônia, porque ela guiou a Isabel na escola.

Leitor 06, 14, F; Dona Nieta, porque ela é muito bondosa e gentil.

Leitor 38, 14, M: Bel, pois conta do jeito dela da maneira que ela age e interage referente as vozes em sua cabeça.

Leitor 14, 14, F: Dona Sônia, porque era muito carinhosa com Bel e os outros alunos.

Leitor 07, 15, F: Bel é uma garota incrível, inteligente e bastante curiosa, como a maioria das crianças, tem uma imaginação enorme, o que fez com que a gente entrasse nesse mundo de fantasia que é a obra BISA BIA BISA BEL.

Leitor 22, 15, F: Dona Sonia. Porque pude perceber que ela apoia seus alunos e se conecta com eles, ela não os prende e os deixa confortáveis com ela.

4. E a que mais lhe desagradou? Por quê?

Leitor 16, 14, F: A Bisa Bia porque ela era muito ultrapassada do tempo de Izabel.

Leitor 08, 14, M: As características de alguns personagens.

Leitor 09, 14, M: Isabel porque perdeu a foto.

Leitor 10, 14, M: Ela falar com uma foto e a foto respondê-la, um tanto quanto estranho.

Leitor 01, 14, F: Marcela, por ser, como citado no conto: “fru-fru”.

Leitor 18, 14, F: O Sérgio, porque ele desfaia dela quando estava com os amigos.

Leitor 11, 14, M: Sérgio, porque ele não deu moral a ela.

Leitor 03, 14, F: Nada me desagradou.

Leitor 39, 14, F: A briga de Isabel com sua bisa, porque ela queria apenas o bem dela.

Leitor 02, 14, M: Eu não gostei da neta Beta, porque ela chega na história quebrando o clima antigo e o romantismo.

Leitor 30, 14, F: Os gêmeos, pois eles quase não participam da história.

Leitor 17, 14, F: Bisa Bia, porque acho que ela quis mandar muita na vida de Bel.

Leitor 04, 14, F: Adriana, porque Bel estava tão animada para apresentar sua bisa que esperava uma reação diferente do que Adriana apresentou.

Leitor 28, 14, M: A briga de Isabel com sua bisa, porque ela queria apenas o bem dela.

Leitor 15, 14, F: A bisavó Beatriz, porque ela dava opinião quando não devia.

Leitor 38, 14, M: Não teve uma que realmente me desagradou mas se fosse, eu poderia citar a nojenta da marcela.

Leitor 14, 14, F: Foi a neta Beta, porque ela desmotivava Bel.

5. Conhece alguém parecido com a Bisneta Isabel? E com a Bisa Bia?

Leitor 16, 14, F: Não.

Leitor 01, 14, F: Sim, várias amigas. Não, pois os pensamentos das minhas conhecidas não são tão peculiares e machistas quanto os de Bisa Bia.

Leitor 35, 14, M: Com Bel não, mas com Bisa Bia sim, minhas avós.

Leitor 18, 14, F: Sim, minha prima e minha bisavó.

Leitor 39, 14, F: Sim.

Leitor 41, 14, F: Sim, minha prima e minha vó.

Leitor 12, 14, F: Não; minha vó que sempre preza pelas coisas que ela aprendeu no passado e passava isso pra mim, por isso ela se parece com bisa Bia.

Leitor 30, 14, F: Com Bisa Bia, minha vó.

Leitor 04, 14, F: Bisa Bia é parecida com minha vó.

Leitor 15, 14, F: Eu me acho parecida.

Leitor 06, 14, F: Sim, minha vó.

Leitor 22, 15, F: Acredito que a Bisneta Izabel sou eu na minha infância, entre meus 5 e 12 anos de idade. Bisa Bia é bem parecida com minha avó. Os ensinamentos dela me ajudou a ser quem sou hoje e a pensar no meu futuro.

Para a discussão e compreensão de temas:

6. Qual é para você o assunto mais importante do livro?

Leitor 16, 14, F: Que Isabel conversava com sua bisa e sua bisneta na imaginação.

Leitor 08, 14, M: Quando Bisa Bel escuta na sua mente sua bisavó e sua bisneta.

Leitor 10, 14, M: Que devemos respeitar e entender o passado e o futuro.

Leitor 01, 14, F: A relação estabelecida entre as personagens que sofrem um certo paradoxo no tempo.

Leitor 35, 14, M: Quando ela começa a conversar com sua bisavó.

Leitor 31, 14, F: A relação entre passado, presente, futuro.

Leitor 18, 14, F: Quando ela começa a conversar com sua bisavó Bia.

Leitor 03, 14, F: O assunto mais importante do livro é a imaginação dela.

Leitor 32, 14, F: A imaginação dela, no período da convivência dela no presente, passado e futuro.

Leitor 11, 14, M: A conclusão.

Leitor 40, 14, F: Quando ela vê o retrato de sua bisa pela primeira vez e se apaixona.

Leitor 41, 14, F: Quando aparece o retrato e também quando aparece a neta Beta.

Leitor 34, 14, F: Quando Bel perde a foto.

Leitor 27, 14, F: O conflito, ou seja, a transição entre presente, passado, futuro.

Leitor 36, 14, F: É quando a imaginação de Bel traz a realidade presente, passado e futuro.

Leitor 25, 14, M: Quando Isabel acha o retrato de sua bisa.

Leitor 23, 14, M: É que ela imaginava a bisneta dela e a bisa Bia.

Leitor 04, 14, F: O tempo.

Leitor 05, 14, F: Quando ela recupera o seu retrato, pois ela fica feliz.

Leitor 28, 14, M: Que ela pode conversar com sua bisa bia

Leitor 15, 14, F: Quando a Bisa Bia fala sobre o namoro e cavalheirismo.

Leitor 06, 14, F: A diferença entre tempo que elas vivem bisa Bia: passado, Isabel: presente, Beta: futuro.

Leitor 29, 14, F: Ter contato com pessoas maias velhas.

Leitor 14, 14, F: Quando surge a terceira voz.

Leitor 07, 15, F: Este é um livro no qual podemos nos refletir e ver que a convivência e a união com certeza "faz a força".

Leitor 22, 15, F: A conexão da Izabel com sua bisa, ela gostou tanta da bisa a ponto de fazer dela parte de si, mesmo com todas as diferenças, ela continuou amando sua bisa.

7. Você gostaria de viver uma situação semelhante à da história?

Leitor 16, 14, F: Sim.

Leitor 08, 14, M: Não.

Leitor 01, 14, F: Não, porque já tenho vozes demais na minha cabeça (ps: não tenho problemas mentais, que eu saiba).

Leitor 18, 14, F: Sim. Porque traria mais conhecimento para mim.

Leitor 03, 14, F: Talvez viajar na imaginação como ela.

Leitor 39, 14, F: Não eu ia querer ser amiga da minha bisa e não discordar dela.

Leitor 27, 14, F: Acho que seria uma grande experiência poder conhecer minha bisavó e minha futura bisneta.

Leitor 23, 14, M: Não, porque não gostaria de imaginar alguém que ninguém vê.

Leitor 04, 14, F: Não, porque foge muito da realidade.

Leitor 28, 14, M: Não, eu queria ser amiga da minha bisa.

Leitor 24, 14, M: Gostei bastante de viver uma meio que aventura dessas de poder conversar com pessoa do passado, e do futuro.

Leitor 07, 15, F: Sim, queria poder conhecer a minha Bisa e saber como era no tempo dela.

Leitor 22, 15, F: Sim, seria bom ter uma parte da minha bisa comigo, conhecer um pouco, as duas bisas, já que não conheci nenhuma e mal ouço falar delas.

8. Você prefere viver no tempo de Bisa Bia, no tempo de Isabel ou no tempo de Neta Beta? Por quê?

Leitor 16, 14, F: O tempo de neta Beta, porque ela estava no tempo mais avançado.

Leitor 08, 14, M: Beta. Futuro, porque é uma vontade minha saber o futuro.

Leitor 09, 14, M: No futuro.

Leitor 10, 14, M: No tempo de Isabel, pois é a atualidade, o nosso presente.

Leitor 01, 14, F: Neta Beta, pois creio que no futuro coisas fúteis como: conflitos étnico-religioso, preconceito, etc; não ocorram.

Leitor 35, 14, M: No tempo de Isabel, porque assim eu posso acompanhar a evolução do mundo.

Leitor 31, 14, F: Eu gostaria de viver no tempo de neta Beta, por causa das tecnologias.

Leitor 18, 14, F: O tempo de Isabel, porque acho que devemos viver tudo em seu tempo.

Leitor 32, 14, F: Bisa Bia, porque eu acho muito interessante o antigamente, principalmente convivendo com minha avó que conta coisas do seu tempo.

Leitor 11, 14, M: Isabel, porque é presente, é algo possível.

Leitor 03, 14, F: No tempo de Bisa Bia, porque ela vive muitas aventuras e descobertas.

Leitor 39, 14, F: No tempo da neta, porque eu ia preferiria viver no futuro.

Leitor 40, 14, F: Isabel, porque ela está vivendo e fazendo o que mais gosta.

Leitor 02, 14, M: No tempo de Bisa Bia, porque eu achei interessante o estilo clássico daquela época e a forma que eles agiam.

Leitor 41, 14, F: No tempo de neta Beta, porque tem mais tecnologia, mais facilidade para fazer as coisas.

Leitor 34, 14, F: Isabel, porque é melhor viver o presente.

Leitor 27, 14, F: No tempo da Neta Beta, porque eu tenho curiosidade sobre o futuro.

Leitor 36, 14, F: A Bisavó Bia, porque a história gira torno das imaginações de Bel.

Leitor 17, 14, F: Neta Beta. Porque é futuro.

Leitor 23, 14, M: Bisa Bia, porque só uma pessoa ia me ver.

Leitor 04, 14, F: Isabel, porque não tenho certeza de que para mim o passado ou o futuro seria melhor que o presente.

Leitor 37, 14, M: No tempo de Isabel que ta no presente, porque eu quero viver no presente e não no passado.

Leitor 24, 14, M: Da neta Beta, eu queria já viver meu futuro.

Leitor 15, 14, F: Da neta Beta, porque o futuro é diferente e mais legal.

Leitor 06, 14, F: No tempo de Isabel, porque a época dela é de brincar na rua e se divertir.

Leitor 29, 14, F: Bisa Bia, para conhecer mais como era antigamente.

Leitor 14, 14, F: No tempo de neta Beta por ser no futuro.

Leitor 07, 15, F: Sem sombra de duvidas no tempo da Bisa Bia, acho incríveis todas as coisas vividas nesse tempo os ensinamentos, a forma de tratar as pessoas.

Leitor 22, 15, F: Da Neta Beta. Poderia ser um mundo diferente, com mais amor, qualquer poderia ser quem quisesse, sem se preocupar com julgamentos.

Para melhor compreender as personagens

9. Qual é a personagem que está mais envolvida nos acontecimentos da narrativa? Por que você acha isso?

Leitor 16, 14, F: A personagem Isabel, porque ela estava envolvida nos dois tempos.

Leitor 08, 14, M: Isabel, porque ela está em todos os acontecimentos.

Leitor 09, 14, M: Isabel, porque ela era a personagem principal.

Leitor 01, 14, F: Bisa Bel (Isabel), porque é na cabeça dela que as vozes habitam.

Leitor 31, 14, F: Bel, porque ela é a narradora.

Leitor 32, 14, F: A bisavó Bia, tudo começa pela bisavó nas imaginações de Bel sempre a Bisa Bia estava presente.

Leitor 11, 14, M: Isabel, porque ela está envolvida em tudo.

Leitor 40, 14, F: Isabel, porque ela vive o presente de Bisa Bia, e o futuro de neta Beta.

Leitor 30, 14, F: Bel, porque ela é a única que convive com todos os personagens envolvidos.

Leitor 36, 14, F: A Bisavó Bia, porque a história gira torno das imaginações de Bel.

Leitor 33, 14, M: A personagem principal, a Bel.

Leitor 23, 14, M: Bisa Bel, porque é a única que existe.

Leitor 29, 14, F: Isabel, porque ela é a bisneta e a bisavó.

Leitor 07, 15, F: A Bel é muito incrível, uma menina de classe média, e que com seus dez anos, discorre sobre o seu mundo todo sem sair do seu espaço de convivência.

Leitor 22, 15, F: A Izabel. Toda a história se baseia nela e na sua imaginação, com sua avó e neta, todo o cenário foi feito por ela, por suas aventuras.

10. Como essa personagem se relaciona as outras?

Leitor 16, 14, F: Bem, porém tem conflitos.

Leitor 10, 14, M: Por meio de seus pensamentos e imaginações.

Leitor 01, 14, F: Com seus parentescos, já que Isabel é bisneta de Bisa Bia e Neta Beta é bisneta de Bisa Bel.

Leitor 35, 14, M: Ela parece ser muito amigável e gentil com as pessoas.

Leitor 18, 14, F: Bem, mas havia conflito entre elas pois são de tempos diferentes.

Leitor 32, 14, F: Existe algum conflito entre elas devido ao tempo em que elas estão vivendo.

Leitor 11, 14, M: Nos pensamentos de Isabel.

Leitor 03, 14, F: Ela se relaciona bem com os outros personagens.

Leitor 41, 14, F: De forma amigável, mas tinha conflito entre as diferentes épocas.

Leitor 12, 14, F: Ela tem atitudes baseadas no que as vozes que estão em sua cabeça pedem pra ela fazer.

Leitor 36, 14, F: Existe um conflito entre elas devido ao tempo em que elas estão vivendo.

Leitor 04, 14, F: Ela tem uma relação positiva com Bel e sua mãe.

Leitor 26, 14, M: Através da fala e dos pensamentos.

Leitor 28, 14, M: Normal.

Leitor 15, 14, F: Um pouco confusa em relação a como agir e a quem agradar, mas se relaciona bem.

Leitor 38, 14, M: A personagem se relaciona bem com todos por ela ser bem simpática.

Leitor 29, 14, F: Com o seu interior por meio da imaginação. Elas se devam bem, mas tenho algumas discussões.

Leitor 07, 15, F: Ela é bastante comunicativa com todos que estão a sua volta.

Leitor 22, 15, F: Ela é extrovertida, sempre amigável, sendo amiga e fazendo amizade com todos.

11. Ela parece uma pessoa comum, ou um super-herói? Por quê?

Leitor 16, 14, F: Uma pessoa comum, porque ela não tem super poderes.

Leitor 08, 14, M: Uma pessoa comum, porque ela não faz ato de heroína.

Leitor 09, 14, M: Uma pessoa comum, porque era uma criança.

Leitor 01, 14, F: Uma pessoa comum, porque não tem nenhum poder, apenas uma imaginação fértil.

Leitor 18, 14, F: Uma pessoa comum, porque isso acontece até hoje se conversarmos com pessoas antigas ou pessoas mais novas vemos a diferença de pensamentos.

Leitor 11, 14, M: Diferente, pois ela conversa com pessoas imaginárias.

Leitor 03, 14, F: Apesar de ter uma imaginação muito fértil e conseguir se comunicar com Bisa Bia ela é uma pessoa comum.

Leitor 39, 14, F: Super-herói, porque ela falava com pessoas que não existiam.

Leitor 02, 14, M: Comum, tem uma história familiar e fantástica, mas ela não deixa de ser comum.

Leitor 23, 14, M: Heroína, porque ela tem o poder de imaginação.

Leitor 26, 14, M: Ela é diferente, porque fala com pessoas imaginárias.

Leitor 28, 14, M: Super-herói, ela conversava com pessoas da imaginação dela.

Leitor 24, 14, M: Uma pessoa normal pois ela não possui super poderes e todos os heróis tem um super poder.

Leitor 06, 14, F: uma pessoa comum, porque ela tinha imaginação não super poderes.

Leitor 38, 14, M: Parece um super-herói, que vive em um mundo de fantasias.

Leitor 14, 14, F: Comum, por ser uma menina normal com uma imaginação fluída.

Leitor 07, 15, F: Uma super.- heroína, ela conseguiu trazer para o presente todo o seu passado e descobrir varias coisas projetando seu futuro.

Leitor 22, 15, F: Ela é uma simples garotinha. Porque ela é como todos os outros, só tem uma grande imaginação.

12. O que pensa sobre Dona Sônia?

Leitor 16, 14, F: É uma pessoa boa, porque quando ela acha a foto ela devolve para Isabel.

Leitor 08,14, M: Ela era professora e ajudava os alunos.

Leitor 10,14, M: Ela foi legal em guardar a foto e devolvê-la a Isabel.

Leitor 01, 14, F: Que ela foi uma personagem fundamental; graças á ela Bel conseguiu o retrato de Bisa Bia de volta.

Leitor 18, 14, F: Que ela deve conhecer muitas coisas do passado, pois ela além de colecionar fotos antigas ela é professora de história.

Leitor 27, 14, F: Achei ela uma pessoa sábia.

Leitor 12, 14, F: Ela pode saber mais sobre o tempo conversando com sua Bisa sobre o passado.

Leitor 04, 14, F: Uma pessoa parecida com Bel, por gostar de coisas antigas.

Leitor 07, 15, F: Dona Sônia, é muito carinhosa com os seus alunos, e bem atenciosa e cuidadosa.

Leitor 22, 15, F: Ela é uma ótima professora, soube propor uma atividade onde todos estavam empolgados para participar, e tudo a partir da fotografia da Bisa Bia.

13. Qual a influência de Dona Nieta na história?

Leitor 16, 14, F: É que conta as histórias no passado.

Leitor 09, 14, M: Ela contava histórias para Isabel.

Leitor 10,14, M: Ela interligava a época de Bel com Bisa Bia. Roseli,14, F: Foi por ela que Isabel soube das coisas dos tempos antigos.

Leitor 35, 14, M: Dona Nieta é muito importante, pois ela é quem abre a imaginação de Bel.

Leitor 18, 14, F: É que ela contava histórias do passado e explicava para ela como era antigamente.

Leitor 32, 14, F: Ela contava histórias para Isabel e assim ela imaginava mais coisas.

Leitor 03, 14, F: Através das histórias contadas por Dona Nieta ela tinha uma noção de como era o passado.

Leitor 02, 14, M: A influência é porque ela é vizinha da família a muito tempo.

Leitor 36, 14, F: Ela começa a contar sobre o passado como era e daí vem a ideia de Bel.

Leitor 17, 14, F: Ajudar Bel a conhecer mais o tempo antigo.

Leitor 23, 14, M: Ela conta como era as coisas no passado para Bel.

Leitor 04, 14, F: Fazer com que Bel tenha uma base de como era o tempo de sua bisa.

Leitor 05, 14, F: Ela contava histórias para bel, e com isso ela poderia imaginar como era no tempo de sua bisavó.

Leitor 37, 14, M: Ela conta histórias para Isabel e ela fica imaginando como é.

Leitor 24, 14, M: Por causa dela Isabel tinha informação de como era no tempo da bisa dela.

Leitor 06, 14, F: Ela contava histórias das coisas do passado para Isabel.

Leitor 38, 14, M: A influência está presente por conta de ela saber sobre a época de sua bisa.

Leitor 29, 14, F: Ela contava e mostrava coisas do passado e ajudava nas conversas de bisa Bia e Bel.

O final do livro:

14. Você achou o final da história interessante, ou deveria ser diferente? Por quê?

Leitor 16, 14, F: Interessante.

Leitor 08, 14, M: Deveria ser diferente, porque eu queria que fosse mais legal.

Leitor 10, 14, M: Foi aceitável legal a atitude da surpresa.

Leitor 01, 14, F: Diferente, o meu conceito para essa história foi completamente destruído. O começo foi bom, mas o final acabou com minhas expectativas.

Leitor 35, 14, M: Foi um final que eu já esperava, mas foi interessante.

Leitor 31, 14, F: Poderia ser diferente, pois no final desperta muita curiosidade.

Leitor 18, 14, F: Sim, porque essa história mostra os conflitos e porque mostra o passado, o presente e o futuro e isso eu acho muito interessante.

Leitor 39, 14, F: Foi interessante, porque as três viraram melhores amigas.

Leitor 40, 14, F: Interessante, porque ela fala que está contando segredo.

Leitor 02, 14, M: Acho interessante, porque é um final espetacular que junta todas as gerações.

Leitor 41, 14, F: Sim, pois foi uma surpresa pra quem leu o conto, porque ela reencontra o retrato de Bisa Bia.

Leitor 34, 14, F: Interessante, porque elas continuam juntas na imaginação.

Leitor 27, 14, F: Eu não gostei muito do fim, acho que poderia ser diferente.

Leitor 33, 14, M: Deveria ser diferente, porque ela não podia imaginar mas sim acontecer verdadeiramente.

Leitor 25, 14, M: Sim, porque os três juntos são invencíveis de trança em trança.

Leitor 05, 14, F: Sim, porque ela consegue recuperar seu retrato de sua bisa Bia, e permanece tendo contato com sua bisavó em sua imaginação.

Leitor 37, 14, M: Sim, porque as três juntas são invencíveis.

Leitor 24, 14, M: Interessante, porque ainda surgiu uma neta dela e não ficaria legal outro final.

Leitor 15, 14, F: Devia ser diferente, porque ficou muito vago.

Leitor 06, 14, F: Interessante, porque eu achava que elas não iam se dar bem.

Leitor 38, 14, M: Achei o final da história muito bom e esse fim poderia ser feito uma continuação para a história.

Leitor 14, 14, F: Achei interessante, porque no final da história as três começam a se entender melhor, uma compreende a outra.

Leitor 07, 15, F: Gostei bastante, a Bel vivia convivendo com o passado de sua bisa, e sua bisneta no futuro, gostei de como ela conseguiu ter essa ideia de trança de cabelo dividida entra três partes.

Leitor 22, 15, F: Não consigo imaginar nada para mudar o final. Porque ela poderia dividir com todos as histórias que sua avó lhe contou e ainda teria ajuda da Neta Beta para imaginar o futuro.

15. O final da história foi inesperado, ou já podia ser previsto no início da história? Por que você acha isso?

Leitor 16,14, F: Inesperada, porque no começo ela não imaginava conversar com uma foto.

Leitor 08, 14, M: Inesperado, porque eu achei que quando ela encontrasse a foto a bisavó e a bisneta iam desaparecer.

Leitor 10, 14, M: Previsível, pois a professora não seria capaz de roubar a foto e sim devolvê-la.

Leitor 35, 14, M: O final poderia ser previsto no meio do romance, quando ela começa a conversar com: Bia e neta Beta.

Leitor 18, 14, F: Podia ser previsto, porque elas conversam e sempre iriam conversar.

Leitor 32, 14, F: Inesperado, porque ao longo do livro surgem muitas surpresas.

Leitor 11, 14, M: Era como uma história comum, já era previsto.

Leitor 39, 14, F: Foi inesperado, porque pensei que ela iria parar de falar com sua bisa.

Leitor 40, 14, F: Eu acho que foi inesperado contar um segredo.

Leitor 41, 14, F: Foi inesperado, devido ao encontro do retrato e também a aparição da Neta Beta.

Leitor 12, 14, F: Inesperado, porque achei que as vozes sairiam da cabeça de Bel.

Leitor 36, 14, F: Inesperado, porque no começo só aparece a Bel aí no final que vem aparecer as outras.

Leitor 17, 14, F: Inesperada.

Leitor 33, 14, M: Foi inesperado, porque a história se baseia em um romance.

Leitor 04, 14, F: Já era previsto, só porque a história acaba não quer dizer que a imaginação dela tenha fim.

Leitor 28, 14, M: Foi inesperado, porque pareceu que ela ia parar de falar com sua bisa.

Leitor 24, 14, M: Já podia ser previsto, pois só continua a história.

Leitor 15, 14, F: Foi inesperado, porque apareceu a bisneta do futuro na cabeça dela.

Leitor 06, 14, F: Foi inesperado, porque não dava pra imaginar que ela escutaria a voz de sua bisneta.

Leitor 38, 14, M: Acho que não, mas por conta de eu não ter muito contato com obras desse gênero.

Leitor 29, 14, F: Inesperado, pois ninguém imaginava que surgiria outra voz na história.

Leitor 14, 14, F: Inesperado, pois não sabíamos se as três iam se entender no final da história.

Leitor 22, 15, F: Foi inesperado. Eu não poderia imaginar que ela teria dentro dela a neta também e que ela encontraria a fotografia.

Aspectos formais:

16. Achou a leitura fácil? Não precisou de dicionário?

Leitor 16, 14, F: Fácil, não precisei de dicionário.

Leitor 01, 14, F: achei fácil, porque tudo foi explicado ao longo do conto.

Leitor 35, 14, M: Havia algumas palavras que não conhecia, mas através do contexto deu pra entender. Leitura fácil.

Leitor 24, 14, M: Algumas palavras antigas só que não entendi.

Leitor 15, 14, F: Não, precisei, pois algumas palavras eram confusas.

Leitor 02, 14, M: Não porque é uma leitura demorada e a autora deve ter demorado para escrever também.

Leitor 07, 15, F: A professora me auxiliou muito, então as dúvidas eram mais, do contexto em que a frase foi empregada, não da palavra em si.

Leitor 22, 15, F: Sim. Por ser uma leitura juvenil o dicionário acabou não sendo preciso.

Leitor 19, 14, M: Não porque tinha palavras que expressava algo que na vida real não usamos.

17. O que pensa sobre a maneira como as personagens falam? O modo de falar combina com o modo de ser de cada uma?

Leitor 16, 14, F: Sim, porque cada um fala de acordo com seu tempo que está vivendo.

Leitor 10, 14, M: Adequado, cada um condiz com sua época.

Leitor 01, 14, F: Sim, a linguagem bate com o tempo em que cada uma vive.

Leitor 35, 14, M: Sim, na minha opinião, os personagens falam, de acordo com sua personalidade.

Leitor 18, 14, F: Sim, porque no passado as moças eram mais quietas e no presente um pouco mais querendo mudanças e no futuro ainda mais.

Leitor 11, 14, M: Um diálogo comum, porque eram pessoas diferentes.

Leitor 03, 14, F: Sim, porque está relacionado a época que eles viviam.

Leitor 23, 14, M: Sim, porque cada um tem sua linguagem.

Leitor 06, 14, F: Achei bem informal e legal.

Leitor 38, 14, M: Acho que o modo muito bem relacionado até muito bem relacionado combinando muito bem.

Leitor 22, 15, F: Cada uma tem seu jeito de ser, e viveu em uma época diferente, então elas falam de formas diferentes. A Bisa Bia é de uma época sem gírias, ou seja, ela fala mais formal do que a Izabel e a Neta Beta.

18. E a linguagem entre uma época e outra, são interessantes? Por quê?

Leitor 16, 14, F: Sim, porque uma está no presente e outra no futuro.

Leitor 10, 14, M: Um pouco podemos ver claramente diferença.

Leitor 01, 14, F: Sim, porque uma vai descobrindo a outra.

Leitor 35, 14, M: Sim, aprendi algumas palavras diferentes, pelo fato de Bel conversar com Bisa Bia.

Leitor 18, 14, F: Sim, pois conhecemos novos jeitos de falar.

Leitor 11, 14, M: Sim, porque são épocas diferentes.

Leitor 03, 14, F: Sim, porque cada personagem é de uma época diferente.

Leitor 39, 14, F: Sim, antigamente o jeito de falar era mais complicado.

Leitor 40, 14, F: Sim, porque você percebe a maneira que o mundo está mudando.

Leitor 02, 14, M: Sim, são interessantes porque eles se identificam só pelo linguajar.

Leitor 41, 14, F: Sim, são diferentes, tem palavras diferentes com o mesmo significado.

Leitor 27, 14, F: Sim, porque a linguagem de bisã Bia é culta e elegante, já a de neta Beta é mais atual.

Leitor 12, 14, F: Sim, porque tem palavras do passado que já não existem no futuro vice-versa.

Leitor 04, 14, F: Porque se ela fala do passado tem que ter semelhança com o passado.

Leitor 05, 14, F: Sim, pois na época de bisã Bia a linguagem era mais normal, já na época de Bel a linguagem era mais diferente com gírias e entre outras.

Leitor 24, 14, M: Sim, pois são bem diferentes um do outro.

Leitor 15, 14, F: Sim, porque algumas vezes as palavras não eram conhecidas e depois eram explicado.

Leitor 06, 14, F: Sim, porque mudou totalmente. Bisã Bia até achou estranho algumas palavras.

Leitor 29, 14, F: Sim, aprendemos coisas diferentes com elas.

19. Você acreditou em todos os fatos contados, ou viu exageros? Por quê?

Leitor 16, 14, F: Vi exageros, porque tudo isso aconteceu na imaginação de Isabel.

Leitor 09, 14, M: Exagero, porque ela escuta vozes.

Leitor 01, 14, F: Houve exageros, porque, apesar de Bel ser muito criativa, não podia saber o que acontecia no passado e no futuro.

Leitor 32, 14, F: Não vi exageros, porque a maioria narra fatos do cotidiano.

Leitor 11, 14, M: Exagero, porque ela fala com pessoas imaginárias.

Leitor 39, 14, F: Vi alguns exageros, porque algumas coisas não teve sentido.

Leitor 40, 14, F: Acreditei, porque é contado por alguém mais velho que Isabel.

Leitor 02, 14, M: Acreditei para mim é uma história comum e familiar.

Leitor 41, 14, F: Sim, pois cada um condiz com sua época.

Leitor 34, 14, F: Exagero, porque conversar com uma foto não é normal.

Leitor 30, 14, F: Não vi exageros, tudo ocorreu de forma bem expressa.

Leitor 17, 14, F: Não, mais não é muito real.

Leitor 25, 14, M: Não, porque está contando os fatos verdadeiros sobre o retrato de sua bisa.

Leitor 04, 14, F: Não, porque apenas um livro, deve ter coisas que no mundo real seja visto.

Leitor 37, 14, M: Não, porque ela conta os fatos sobre a história de sua bisa.

Leitor 26, 14, M: Exageros, por ela falar com seres imaginários.

Leitor 15, 14, F: Havia exageros, porque as pessoas não ouvem vozes de pessoas que nunca conheceram.

Leitor 06, 14, F: Exageros, porque ela dava muito detalhes das coisas.

Leitor 29, 14, F: Acreditei em todos com minha imaginação, me joguei no conto.

Leitor 14, 14, F: Sim, acreditei, porque envolve realidade com imaginação.

Leitor 07, 15, F: Deixei a minha imaginação levar, acho necessário nos entregarmos para aquilo que estamos lendo, e soltarmos a nossa imaginação.

Leitor 22, 15, F: Nem todos, teve seu momento de exageros. Trazendo para a realidade, é impossível alguém ter informações do passado sem ter feito uma pesquisa, só ficar sabendo por alguém que está morto e dentro de você, e muito menos ter alguém do futuro falando com você, dentro de você mesmo.

20. Para você, uma história é mais interessante quando mostra bastante imaginação, ou quando se parece mais com a realidade?

Leitor 16, 14, F: Realidade.

Leitor 10, 14, M: Gosto de imaginação, mas nem tanto, gosto de uma coisa homogênea.

Leitor 01, 14, F: Mais com a realidade, assim posso me imaginar naquela situação.

Leitor 35, 14, M: Uma história mais parecida com a realidade me prende mais ao livro.

Leitor 18, 14, F: Sim, se torna mais legal, porque você se imagina nessas situações.

Leitor 32, 14, F: Quando mostra bastante imaginação.

Leitor 03, 14, F: Eu gosto dos dois porém acho mais interessante na realidade.

Leitor 23, 14, M: Na imaginação e na realidade.

Leitor 38, 14, M: Eu prefiro uma concordância entre duas partes.

Leitor 07, 15, F: É, acho as duas formas de história são interessantes, aprecio muito um conto de fadas, mas as que trazem a realidade à tona ainda está na minha lista de prediletas.

Leitor 22, 15, F: Um pouco dos dois é sempre importante, pois com muita imaginação fica muito fantasioso, e se há muita realidade, a história fica sem graça.

A ilustração

21. O trabalho do ilustrador agradou a você? Comente o que lhe agradou e o que não lhe agradou.

Leitor 16, 14, F: Não agradou em nada porque ninguém fala com uma foto.

08, 14, M: Nada me agradou.

Leitor 09, 14, M: Não me agradou em nada.

Leitor 10, 14, M: Sim, se adequa bastante com a época retratada.

Leitor 01, 14, F: Não, porque prefiro imaginar por mim mesma os fatos, cenários e personagens.

Leitor 35, 14, M: O trabalho não é ruim, mas prefiro desenhos mais reais ou mais estilo cartoon ou anime.

Leitor 31, 14, F: Sim, a única coisa que não me agradou foi a ilustração preto e branco.

Leitor 18, 14, F: Sim, me agradou porque tem imagens como de antigamente e que dá uma sensação de passado.

Leitor 32, 14, F: Sim, retrata os tempos antigos, o tipo que me agrada.

Leitor 11, 14, M: Sim, é simples.

Leitor 03, 14, F: Sim, porque está em um modo mais antigo.

Leitor 39, 14, F: Sim, achei bonito.

Leitor 40, 14, F: Sim, as imagens ficaram maravilhosas.

Leitor 41, 14, F: Sim, pois esclareceu bem as coisas.

Leitor 34, 14, F: Nada agradou, não existe diálogo entre uma pessoa e uma foto.

Leitor 27, 14, F: Sim, porque ele colocou imagens em preto e branco e também desenhos rústicos, isso deu um “ar” de passado.

Leitor 12, 14, F: Sim, me agradou tudo, a criatividade do preto e branco das fotos de antigamente.

Leitor 30, 14, F: Sim, me agradou as ilustrações mostrarem várias coisas antigas.

Leitor 36, 14, F: Sim, eu só não gostei de tudo em preto e branco, queria ver mais cores nas ilustrações. Ainda mais que a obra retrata também a modernidade.

Leitor 17, 14, F: Sim, agradou tudo.

Leitor 33, 14, M: Acho que legal que foi preto e branco, lembra passado.

Leitor 25, 14, M: Sim, me agradou pelo jeito que foi feita a história. Não me agradou o desenho do retrato, meio assustador.

Leitor 23, 14, M: Sim, a imaginação da bisa Bel, que ninguém via bisa Bia.

Leitor 04, 14, F: Gostei de todo o livro do começo ao fim.

Leitor 05, 14, F: Sim, pois, ajuda a imaginar ou viver realmente a história.

Leitor 37, 14, M: Sim, o que Isabel está pulando o muro. O desenho de retrato porque ele é assustador

Leitor 26, 14, M: Sim, porém simples.

Leitor 28, 14, M: Sim, muito interessante.

Leitor 24, 14, M: Sim, pois foi preto e branco e remete ao passado.

Leitor 15, 14, F: Sim, gostei de leque na capa e do da foto da menina.

Leitor 06, 14, F: Sim, o autor quis mostrar um pouco do passado, presente e futuro. Pelo fato de colocar a capa colorida e as páginas em preto e branco. Não achei nada que me desagradou.

Leitor 29, 14, F: Sim, as ilustrações em preto e branco se encaixou perfeitamente com o conto.

Leitor 14, 14, F: Sim, porque ele mostrou traços da antiguidade as cores, as ilustrações.

Leitor 38, 14, M: Eu li a obra virtualmente então não tive contato com as ilustrações.

Leitor 07, 15, F: Sim, a ilustração suave e delicada, parecia que haviam sido feitas a lápis, em preto e branco, as mesmas lembram ao passado, o que favoreceu uma apreciação reflexiva do que se vê.

Leitor 22, 15, F: Me agradou bastante, pois com as ilustrações é possível completar partes da sua imaginação pessoal.